

Conversa com escritores:  
a arte da inclusão



UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO

*Rui Getúlio Soares*

Reitor

*Ocsana Sônia Danyluk*

Vice-Reitor de Graduação

*Carlos Alberto Forcelini*

Vice-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação

*Marisa Potiens Zilio*

Vice-Reitor de Extensão e Assuntos Comunitários

*Nelson Germano Beck*

Vice-Reitor Administrativo

UPF Editora

*Tania M. K. Rösing*

Editor

CONSELHO EDITORIAL

*Benami Bacaltchuk*

*Ciomara Benincá*

*Claudio A. Dalbosco*

*Eliane Lucia Colussi*

*Germano A. D. Schwartz*

*Hugo Tourinho Filho*

*João Anaracy Santin*

*Karen Oppermann*

*Lorena Consalter Geib*

*Luiz Airton Consalter*

*Marco Antônio Montoya*

*Mateus Flores*

*Paulo Becker*

*Pedro Alexandre V. Escosteguy*

Tania M. K. Rösing  
Paulo Becker  
Eliana Teixeira  
Org.

# Conversa com escritores: a arte da inclusão

Universidade de Passo Fundo  
2005



Copyright © Editora Universitária

*Maria Emilse Lucatelli*

Editoria de Texto

*Liana Langaro Branco*

*Sabino Gallon*

Revisão de Emendas

*Jeferson Cunha Lorenz*

*Luis A. Hofmann Jr.*

Produção da Capa

*Daniel da Silva*

Editoração e Composição Eletrônica

*Aguirre*

Fotos

Este livro no todo ou em parte, conforme determinação legal, não pode ser reproduzido por qualquer meio sem autorização expressa e por escrito do autor ou da editora.

CIP – Catalogação na Publicação

---

C766

Conversa com escritores : a arte da inclusão / organizado por Tania Mariza Kuchenbecker Rösing, Paulo Ricardo Becker, Eliana Teixeira. – Passo Fundo : Editora Universidade de Passo Fundo, 2005.  
143 p. : il.

1. Literatura infanto-juvenil 2. Autores I. Rösing, Tania Mariza Kuchenbecker, org. II. Becker, Paulo, org. III. Teixeira, Eliana IV Título.

CDU: 82-93

---

Bibliotecária Ana Paula Benetti Machado CRB 10/1641

ISBN – 85-7515-275-0

**UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO**

**EDITORA UNIVERSITÁRIA**

Campus I, BR 285 - Km 171 - Bairro São José

Fone/Fax: (54) 316-8373

CEP 99001-970 - Passo Fundo - RS - Brasil

Home-page [www.upf.br/editora](http://www.upf.br/editora)

E-mail [editora@upf.br](mailto:editora@upf.br)

Editora UPF afiliada à



Associação Brasileira  
das Editoras Universitárias

# Estrelas Letras



Letra: Paulo Becker  
Música: Pedro Almeida

No fundo da mata virgem  
O nosso herói se despede  
Do Cafuné, da Jurema,  
E vem, senhor dos caminhos,  
Para a taba do homem branco.

Papa-Capim curumim  
Escuta a canção do vento  
Na aldeia de concreto.  
Vê o arco do arco-íris  
Flechando as nuvens do céu.

Mas cadê os peixes dos rios?  
Cadê os pássaros das árvores?  
Cadê as crianças brincando?  
Papa-Capim, com saudades,  
Volta pro fundo da mata.

E lê nas folhas das árvores  
E nas letras das estrelas  
O sentido da jornada  
Que o homem faz sobre a Terra.

Papa-Capim curumim  
Saiu da sua floresta  
Pra ensinar a alegria  
Que transforma a noite em dia  
E a solidão numa festa.



# Sumário



Estrelas Letras .....	5
Apresentação.....	9
Abertura da Jornadinha.....	13
• Tania M. K. Rösing .....	15
• Marisa Potiens Zilio .....	15
• Ocsana Sônia Danyluk.....	16
• Junior Noleis de Carvalho .....	17
Conversa com escritores.....	19
• Maurício de Sousa.....	21
• Eva Furnari.....	26
• Ricardo Azevedo .....	29
• Roberto Pereira dos Santos .....	37
• Gustavo Finkler .....	37
• Sérgio Capparelli .....	44
• Angela Lago.....	44
• Gláucia de Souza .....	51
• Cristina Porto.....	51
• Bartolomeu Campos Queirós .....	60
• Marcelino Freire .....	60
• Rogério Barbosa.....	66
• Edith Modesto .....	70
• Raul Drewnick.....	70
• Márcia Kupstas.....	76
• Marcelo Carneiro da Cunha .....	76
• Adriana Falcão .....	82
• Jorge Furtado .....	82
• Luís Augusto Fischer.....	82
• Deonísio da Silva .....	83
• Joel Rufino dos Santos .....	83

Registro iconográfico .....	93
Registro da imprensa .....	117
Dados gerais da 2ª Jornadinha Nacional de Literatura ..	131
• Programação .....	133
• Leituras indicadas na Pré-Jornadinha .....	137
• Escolas participantes .....	141

# apresentação



Quando a comissão organizadora da 10ª Jornada Nacional de Literatura e da 2ª Jornadinha sintetizou o tema central dos debates na frase “Vozes do terceiro milênio: a arte da inclusão”, nenhum de seus integrantes imaginou que poderíamos vivenciar a tão desejada inclusão de diferentes formas durante a realização do evento.

Entre os inscritos na 2ª Jornadinha (11 000 participantes, acrescidos de 3 179 crianças e adolescentes que participaram apenas das atividades paralelas e das atividades no grande circo), encontravam-se alunos de diferentes escolas, pertencentes a distintos sistemas de ensino, provenientes do meio urbano, da periferia, do meio rural e de reservas indígenas. Estabeleceu-se uma verdadeira interação entre crianças e adolescentes cuja origem pertence a diferentes etnias, como descendentes de italianos, poloneses, alemães, afro-descendentes, meninos e meninas indígenas, que conviveram também com pessoas portadoras de necessidades especiais. Foi um concerto polifônico graças, em grande parte, à preparação anterior desses leitores em formação. A leitura antecipada das obras dos escritores convidados, a apreciação de músicas de artistas convidados e a organização de festivais de criatividade nas escolas sobre as obras lidas garantiram o aprofundamento do diálogo na presença dos convidados.

As falas dos autores aconteceram, em sua quase totalidade, nas lonas de diferentes cores nas quais estavam organizados os alunos. Muitas dessas falas foram repetidas nas quatro lonas e, por isso mesmo, ao serem transcritas, optamos por deixar a essência explicitada pelos autores convidados no rodízio realizado pelas lonas. A própria preparação dos pequenos leitores nas escolas, no período anterior ao evento, provocou um sem número de pergun-

tas aos escritores, o que impediu a gravação das mesmas, uma vez que surgiam de todos os lados do público, sendo impossível gravá-las. Foi uma experiência ímpar, o que demonstra o quanto importante é investirmos na criança, estimulando-a a desenvolver-se plenamente nos aspectos cognitivos, emocionais e afetivos através da leitura, do debate, do diálogo.

O sucesso da 2ª Jornadinha se deve, em primeiro lugar, ao trabalho realizado pelos professores junto a seus alunos nas escolas. É uma demonstração da importância do professor na condução do processo de ensino-aprendizagem e da valorização do potencial dos alunos que são estimulados a desenvolver práticas leitoras em diferentes formatos, ampliando a possibilidade de esses alunos transformarem o hábito de ler num comportamento duradouro de leitura. Não há dúvida de que esse entusiasmo pela leitura precisa continuar a ser cultivado pelos professores, pelos pais e, principalmente, pelos alunos. É preciso vibrar com eles nas descobertas que fazem nesse fantástico mundo da leitura. Sabemos que todos gostam de compartilhar com o outro novas descobertas, novas conquistas.

A manifestação de alguns professores que acompanharam seus alunos na Pré-Jornadinha e na 2ª Jornadinha propriamente dita pode revelar em que nível a leitura está sendo tratada por esses educadores sensíveis à leitura e às manifestações culturais como um todo. Ao avaliarem a pertinência do tema “Vozes do terceiro milênio: a arte da inclusão”, disseram: “O tema perpassou nossa sala a todo o momento que um aluno pegava um livro e começava a ler, essa motivação e desejo é que retrata a inclusão na leitura”; “O tema oportunizou discussões em sala de aula e em casa com os pais, alertando os alunos para a realidade que, muitas vezes, eles só conheciam através da tevê.” Quanto à participação dos pais e familiares dos alunos, os professores afirmam: “Além de se envolverem na leitura dos livros indicados, as famílias vieram várias vezes até a escola para assistir às programações montadas pela escola”; “Muitos pais até pediam os livros para lerem. Isto é uma forma de se integrar”.

Entre os autores presentes, podemos destacar algumas manifestações que revelam a sua surpresa pelo que presenciaram du-

rante a 2ª Jornadinha e a crença de que é possível projetarmos um Brasil melhor quando investimos na educação e na cultura. Angela Lago disse que estava muito contente “de ver essa alegria toda, essa quantidade de crianças se interessando pela leitura”. Já Cristina Porto mostrou-se assombrada com o tamanho do evento: “Eu não sei como dá tão certo uma coisa que abrange tantos assuntos, tanto público, tantas atividades, mas dá. Basta vontade, determinação e coragem”. Para Mauricio de Sousa, “a literatura, a leitura e a educação são os grandes caminhos para que a gente derrube as barreiras da exclusão”. Na mesma linha de pensamento, Edith Modesto afirma: “Nós estamos colhendo o que foi plantado, plantaram vento e estão colhendo tempestade. Não ligaram para a educação dos jovens, para a cultura, não ligaram para os professores, não incentivaram o professor, e o que aconteceu? Ficou esse caos que está aí. Então, na hora em que a gente olhar para essa coisa maravilhosa que são as Jornadas de Passo Fundo, e tentar fazer coisas semelhantes pelo Brasil, vocês vão ver que todo esse horror vai diminuir, até que um dia, se Deus quiser, vai acabar”. Enfim, o carinho com que os escritores citados, e os demais que participaram da 2ª Jornadinha, trataram os pequenos leitores foi outro ponto importante dessa movimentação cultural.

Ao estimularmos os professores e alunos do ensino fundamental e do ensino médio a participarem da discussão sobre o tema “Vozes do terceiro milênio: a arte da inclusão” no período da Pré-Jornadinha, desejamos contribuir para o desenvolvimento de uma conscientização a respeito da necessária inclusão de diferentes segmentos da sociedade. Muitos encontram-se excluídos de experiências educacionais, culturais e tecnológicas que contribuem efetivamente no processo de construção de uma consciência crítica em relação aos direitos e deveres de todas as pessoas, em relação às condições do nosso país em termos da oferta de oportunidades mais amplas e mais justas de realização pessoal, profissional, social e cultural aos diferentes. Todos desejam sair de onde estão para alcançar lugares melhores na sociedade. É preciso garantir os meios dignos para que isso aconteça.

Amigo leitor, cara leitora, nesta *Conversa com escritores: a arte da inclusão* ocorre o resgate de falas importantes, de idéias

que balançam a nossa maneira de agir no mundo, chamando a atenção de cada um sobre a necessidade de assumir novas atitudes frente ao processo de inclusão.

O momento atual da história da humanidade impõe, a cada cidadão consciente que vive em sociedade, a necessidade de transformar-se num agente de inclusão.

Entre nessa! Seja um agente de inclusão! Só depende de você.

Os organizadores



abertura da Jornadainha



## Tania M. K. Rösing

---

Bom-dia, criançada. É com muita alegria que os recebemos aqui, alunos, professores e escolas tão maravilhosas que acolheram o convite da Universidade de Passo Fundo para estudarem, lerem as obras dos autores que estão aqui e com os quais vocês estarão trabalhando neste dia, num verdadeiro processo de inclusão. Estamos muito felizes e queremos dizer que o que desejamos é que o Brasil, o nosso querido país, tenha mais leitores. E para reforçar esse compromisso, nós vamos dizer: “1, 2, 3, 4, 5 mil, queremos mais leitores no Brasil” (crianças repetem). Nós também sabemos que vocês vieram aqui para ver a grande festa que tem um personagem, que é o personagem símbolo: Papa-Capim. Além disso, as crianças da 2ª Jornadinha vão ter o privilégio de contar com a presença do gato Gali-Leu. Desejo um ótimo dia a todos vocês. Um grande beijo para todos.

## Marisa Potiens Zilio

---

Bom-dia a todos. Eu gostaria de, inicialmente, saudar os meus colegas de Reitoria, professora Ocsana Danyluk, vice-reitora de Graduação, professor Carlos Alberto Forcelini, vice-reitor de Pesquisa e Pós-Graduação, e saudar também os escritores aqui presentes, Angela Lago, Bartolomeu Campos Queirós e os artistas Vera Lopes e Nina Fauth. Saúdo também a todos aqui presentes em nome da UPF. É com muita alegria que nós estamos recebendo vocês leitores de todas as idades, escritores, autoridades, professores e todos que aqui se fazem presentes. Agradecemos aos professores, que, pela segunda vez, aceitam o desafio de preparar

todas as crianças para a 2ª Jornadinha. Agradecemos a todos por terem refletido sobre o tema da 2ª Jornada, “Vozes do terceiro milênio: a arte da inclusão”. Desejamos que todos os segmentos da sociedade possam ter as mesmas oportunidades de crescimento e de reflexão sobre o tema. Muita coisa interessante vai acontecer hoje. Junto com o Papa-Capim e o gato Gali-Leu, todos iremos aprender muito. Vocês já escutaram a canção: “Papa-Capim curumim saiu da sua floresta para ensinar a alegria que transforma a noite em dia e a solidão numa festa”. E é por isso que hoje nós estamos também todos aqui, de muitas escolas de Passo Fundo e da região, para que a gente possa viver esta grande alegria. Aproveitem muito bem o que a comissão organizadora da 2ª Jornadinha Nacional de Literatura preparou para vocês nesta grande festa do livro, dos escritores, dos leitores e dos artistas. A Reitoria da Universidade de Passo Fundo recebe a todos com muita alegria. Sejam bem-vindos ao Circo da Cultura. Muito obrigada.

## oçsãna Sônia Danyluk

Bom-dia a todos aqui presentes. Saúdo o senhor Junior Noeis de Carvalho, secretário municipal da Cultura, representando o senhor prefeito, a delegação da Espanha, liderada pelo professor Eloy Martos Nuñez, a professora Lair Serena de Moraes, representando o professor Jorge Thomé, secretário de Educação, a professora Marisa Potiens Zilio, vice-reitora de Extensão e Assuntos Comunitários, a professora Tania Rösing, coordenadora da 10ª Jornada e 2ª Jornadinha, senhores escritores Bartolomeu Campos Queirós, Marcelino Freire, Raul Drewnick, representantes da imprensa, professores, o gato Gali-Leu, prezadas crianças e todos os jovens presentes. A Universidade de Passo Fundo recebe vocês com muita alegria, autoridades, escritores, artistas e, de modo especial, vocês leitores de todas as idades. Como educadora que sou, é com grande emoção que vivo esta experiência. O fato de estar com crianças e adolescentes traz em seu bojo um misto de alegria, saudade e esperança. Alegria, porque sempre é muito contagiante estar com crianças e adolescentes; saudade prende-se ao fato de

que, acompanhando as expressões e os risos dessa gurizada, volto um pouco ao meu tempo de menina; a esperança, porque percebo o grande interesse dessas meninas, desses meninos pelo livro, pela leitura. Percebo, então, que há esperança num país melhor, mais rico culturalmente. Enfim, para finalizar, mais uma vez a Reitoria da UPF recebe com alegria todos os senhores aqui presentes. Sejam muito bem-vindos ao Circo da Cultura.

---

## Juni<sup>or</sup> N<sup>o</sup>leis de Carv<sup>al</sup>h<sup>o</sup>

---

Bom-dia professora Tania, bom-dia a todos os presentes, bom-dia a essa gurizada. Eu vi que tem mais bandeira azul do que vermelha aí, não? Tem mais gremista que colorado aqui, não é? É uma satisfação, em nome do prefeito municipal, Osvaldo Gomes, e em nome da Secretaria de Cultura de Passo Fundo, parabenizar esse grande evento que é a Jornada de Literatura e a Jornadinha, que está divulgando para todo o mundo o nome de Passo Fundo. E quero parabenizar as crianças que se preocupam já desde pequenas com a leitura, o que é muito importante para o futuro de vocês mesmos. Quero parabenizar a todos e desejar bastante sucesso nesse grande evento. Obrigado a todos.





Conversa com escritores





Mauricio de Sousa

Gato Gali-Leu

Gali-Leu – Mauricio, seja bem-vindo. Conte uma coisa para a gente: como foi que você criou os seus personagens?

Mauricio – O Bidu foi o primeiro personagem, junto com o Franjinha, depois veio o Cebolinha, depois o Cascão. Cebolinha era um garoto que jogava bola com meu irmão. Ele tinha esse apelido de Cebola porque tinha o cabelo espetado e trocava o “r” pelo “l” mesmo, de verdade. Depois veio a Magali, que foi inspirada em minha filha que era menorzinha que a Mônica e vivia comendo, comia uma melancia inteira, realmente. É comilona até hoje: ela não come mais uma melancia inteira, ela come duas pizzas. É verdade, eu não estou brincando, não inventei a Mônica nem a Magali, nem

o Cebolinha, nem o Cascão; eles existiram, como existem outros personagens baseados em filhos meus. Eu tenho dez filhos, oito deles já são personagens. Faltam dois que estão muito enciumados porque ainda não entraram na história. Agora vai entrar um novo personagem que vocês vão conhecer logo, chama-se “Marcelinho, o certinho”. Por que “Marcelinho, o certinho”? Ele tem cinco aninhos agora, o meu filho Marcelo. Ele é corretinho, certinho em tudo. Quando vai ao supermercado e tem aquele monte de latas, aquela pilha de latas, se tem alguma meio torta, ele vai querer arrumar. Ele brinca com os carrinhos dele e, depois que brinca, ajeita direitinho, guarda tudo; não deixa a água escorrer na pia, porque senão a água do mundo acaba, essas coisas todas. Logicamente, ele também não gosta de cigarro. Acabou de telefonar para mim e disse que a professora falou que quem fuma perto dele pode fazer com que ele fique doente. Ele não quer ninguém fumando perto dele. Além das coisas boas e interessantes que ele está falando, ele também é muito certinho. Então ele vai entrar na turma da Mônica para, provavelmente, zoar um pouco com a turma.

E como o tema desta Jornadinha é a arte da inclusão, eu queria contar para vocês todos que vêm aí novos personagens da Turma da Mônica. Estou estudando a inclusão na história da Mônica de uma menininha cega e de um menininho paraplégico. É uma maneira de nós colocarmos nas historinhas, nos desenhos animados, uma maneira de tratarmos o assunto da inclusão de modo que crianças, leitores e o público em geral sintam e saibam como devem se comportar junto a crianças que de alguma maneira têm algum tipo de deficiência. Também estou estudando novos índios na história. Estou fazendo uma pesquisa no estado do Acre. Nós estamos puxando de lá culturas indígenas de duas tribos e também muita informação para que as crianças conheçam tudo desses índios, da relação dos índios com a floresta, com os animaizinhos e tudo mais. Então estamos trabalhando, fazendo um monte de coisas e vamos fazer também um programa de alfabetização para a tevê. Nós vamos realizar esse projeto junto com o Ministério da Educação, com a chancela do Banco Mundial e mais alguns patrocinadores. Espero que, no ano que vem, vocês estejam assistindo já a esse programa. Naturalmente, vai ter gato e cachorro lá.

Pessoal, vocês que lêem as historinhas vêem a Mônica bonitinha, jeitosinha, o Cebolinha todo redondinho e tudo o mais, mas quando eu comecei a desenhar, há muitos anos, acho que a maioria de vocês não tinha nascido, a Mônica não era assim. Vou mostrar para vocês como é que era a Mônica no começo da história (vai desenhando num quadro, enquanto fala). Quando a gente começa uma carreira, quando a gente começa a desenhar, a gente ainda não sabe desenhar muito bem, está buscando estilo. Então, a Mônica, no começo, quando eu me baseei na minha filhinha, era assim: tinha um monte de cabelo, era bem atarracada, baixinha e, naturalmente, já tinha o coelhinho dela. Depois de algum tempo, para movimentar melhor a Mônica, eu precisei fazer com que ela crescesse, ficasse com uns traços mais fofinhos, mais ou menos como está agora. Por isso nós diminuimos um pouco os fios de cabelo, e também porque não dava tempo para desenhar tanto cabelo. Eu não tinha equipe, no começo, e tinha que fazer tudo sozinho. Então eu tive que podar um pouquinho, e a Mônica ficou mais ou menos com a aparência que ela tem hoje. Aqui ou ali sofreu um pouquinho de alteração, mas a Mônica hoje é mais ou menos assim, como vocês vêem aqui. Então, de uma coisa ela virou outra. Naturalmente, com o tempo, pode ser até que ela mude de novo. Por enquanto, ela é assim. O Cebolinha também era diferente. Era um menino também atarracado. Não sei por que eu fazia os bonequinhos muito brabinhos. Ele tinha esse cabelo assim, olha só, era bem diferente. Cabeludo, feião, não é? Mas era o que eu sabia fazer na ocasião. Depois, o Cebolinha ficou mais elegantinho, mais altinho, tem quase sete anos, e ficou só com cinco fios de cabelo visíveis. Ele tem mais dois lá atrás, mas vocês não vêem. Então, agora, ele tem esse jeitão. Normalmente, a gente desenha os personagens, atualmente, com duas cabeças e meia de altura. Todos os nossos personagens têm mais ou menos essa proporção. E a maioria deles têm a cabecinha oval, como vocês vêem. O Cascão tem o cabelinho assim, mas, se você quiser fazer outro personagem aqui, você bota outro cabelo, muda um pouquinho o nariz, põe um dentinho diferente. Aí você tem um personagem diferenciado. É mais ou menos como vocês: cada um de vocês muda o cabelo, muda as características.

**Gali-Leu** – Muito legal! Eu estou aqui só observando para aprender, porque, além de já ler, eu gostaria também de desenhar. Eu já estou pegando uma aulinha aqui.

**Maurício** – Agora, eu vou desenhar o meu primeiro personagem, o Bidu. Para fazer o Bidu, eu me baseei num cachorrinho que eu tinha quando era criança. O Bidu, era meu cachorrinho, me acompanhava quando eu era criança. E como dizem que o cachorro é muito fiel, eu também fui fiel ao meu primeiro personagem. Agora vamos desenhar o Mingau.

**Gali-Leu** – O Mingau também é meio comilão como a Magali?

**Maurício** – Não, o Mingau reserva a energia para o momento em que ele precisa dar um pulo. Pronto, eis o Mingauzinho. Tem outro personagem que vocês conhecem que é o Horácio. O Horácio Dinossauro é um filme de longa-metragem do cinema que nós estamos produzindo em computação gráfica. E eu aproveito para sugerir para a criançada aqui que mergulhem cada vez mais na computação, porque o computador é uma ferramenta das mais importantes para vocês desenvolverem, no futuro, qualquer profissão, qualquer atividade. Nós vamos fazer uns desenhos muito bonitinhos do Horácio, pena que eu não os trouxe aqui. Horácio, para quem não conhece, é esse dinossaurozinho aqui. É a única história em quadrinhos do nosso estúdio que eu faço sozinho. Escrevo e desenho as histórias, porque não consegui ainda transmitir para a equipe o jeito, a filosofia do Horácio, esse dinossauro que é bonzinho, apesar de ser filhote de tiranossauro. Esses são os meus principais personagens. Agora, eu responderia algumas perguntas. Algum adulto tem pergunta? Adulto não tem, criança deve ter.

– Com quantos anos você começou a desenhar?

Eu comecei a desenhar bem pequenininho. Eu vim de uma família de artistas, de poetas, de pintores; meu pai era pintor, mãe era poetisa. Então sempre, na minha casa, tinha um tipo de arte acontecendo. Eu queria desenhar. Eu tinha dúvida se eu ia ser pintor, desenhista ou músico. Como é mais fácil carregar um lápis do que um piano, eu decidi pelo desenho. Então comecei

a treinar, ler gibi, estudar os artistas que havia, principalmente americanos, e resolvi, depois, criar os meus próprios personagens. Mas desde criança, eu já desenhava, gostava de desenhar, meu pai me dava material de desenho, lápis, papel, tinta e eu treinava, treinava, como vocês. Toda criança é um artista, ontem alguém estava falando isso aqui. Toda criança é um artista, mas algumas continuam treinando e se transformam em artistas profissionais, e outras vão fazer bem outras coisas na vida. Então é isso que a gente pode fazer, treinar bastante uma arte ou fazer outra coisa, mas todos vocês são grandes artistas, sem dúvida.

– Há quanto tempo você desenha?

Há quantos anos eu desenho? Eu vou confessar minha idade aqui. Sabem quando é que eu comecei a desenhar profissionalmente, quando é que eu criei o Bidu? No ano de 1959. Faz tempo, muitos de vocês não tinham nascido ainda, mas, desde aquele tempo, faz 43 anos mais ou menos, eu estou desenhando. Desde então, fiz um monte de histórias, criei um monte de personagens e quero continuar produzindo muito para vocês também.

– Eu quero perguntar como você conseguiu fazer a historinha do Horácio sozinho?

No começo eu fazia Horácio, Bidu, Franjinha, tudo sozinho. Depois, como eu queria fazer mais histórias, fui ensinando alguns colegas, alguns amigos a desenharem junto comigo, a fazerem leitrinhas, a fazerem desenho a lápis, a tinta. Então fui criando uma equipe que hoje é composta de mais ou menos 150 desenhistas. É bastante gente, não é, Gali-Leu? Mas o Horácio eu não consegui passar para o pessoal. Então eu tenho que fazer, por isso que não tem muita história do Horácio, porque eu não tenho muito tempo, eu só desenho mais ou menos uma página por semana. Mas dá para o gasto. Agora vamos fazer um filme com o Horácio. Bem, gente, eu acho que terminamos nosso tempo. Muito obrigado pela oportunidade. Eu, em nome da turminha toda, agradeço muito à professora Tania, ao pessoal da universidade, à criançada toda. E vamos continuar lendo, não só gibi, tudo, lendo livros, porque ler é viver.

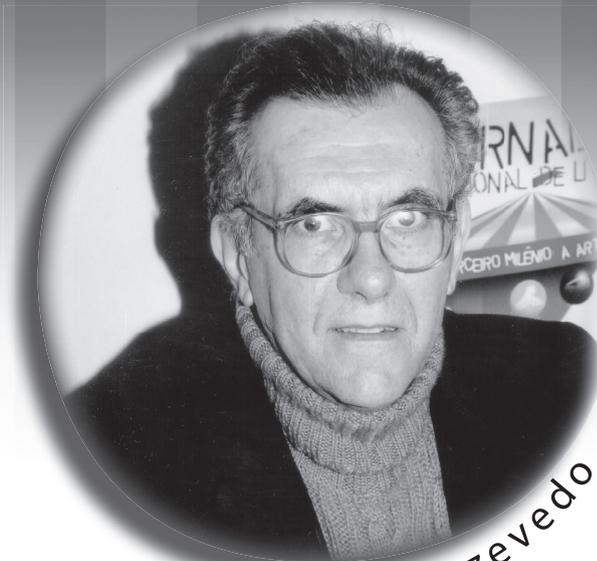


Eva Furnari

Boa-tarde, gente. É um prazer enorme estar aqui com vocês. Eu vou falar um pouquinho do jeito como eu trabalho. Na verdade, eu queria aproveitar esse encontro para testar uma história que eu estou fazendo, ver se vocês gostam, pedir algumas opiniões. Então, eu vou contar um pouquinho dessa história. Eu vou fazer um desenho bem simples porque a gente tem pouco tempo (vai desenhando e contando a história). Era uma vez um menino que vinha andando, feliz, porque era dia dos professores, e ele adorava a professora dele. O menino estava levando para ela, de presente, uma maçã. Só que ele morava longe da escola. E no caminho para a escola tinha uma floresta, onde morava uma bruxa, daque-

las bruxas muito malvadas. O menino já tinha ouvido falar que essa bruxa usava um capote em que os botões eram sabe o quê? Aranhas, já imaginou! Aranhas vivas, que se mexiam. E o sapato dela, um sapato enorme, tinha uma carinha de rato, mas não era rato bonzinho, era um rato malvado. O menino também tinha ouvido falar que essa bruxa malvada tinha um chapéu enorme e, na ponta do chapéu, tinha um escorpião dos mais venenosos. Gente, esta bruxa aqui é do mal. Ela tinha um sorriso malvado, um nariz pontudo que nem uma faca e os olhos enormes, cheios de maldade, e um cabelo espetado que nem vassoura de piaçava. Então o menino ficou muito assustado ao encontrar a bruxa. Ela fazia as maldades sabe com quê? Com as unhas enormes e pretas que ela tinha. E sabe qual era a maldade que ela preferia? A maldade de desorganizar as pessoas. Então, quando a bruxa viu aquele menino todo certinho e bonzinho passando por lá, ela fez um feitiço, soltou uma fumaceira e desorganizou o menino. No lugar da barriga do menino, foi parar a cabeça, e o corpo não era mais sustentado pelos pés, mas pela mão; no lugar da cabeça, foi parar o corpo; e os olhos, sabem onde foram parar? Gente, no bumbum, oh! O menino estava aflito, olha a boca dele como ficou! E que mais está faltando? A outra mão, não é mesmo? E a maçã. A maçã foi a única coisa que não se desorganizou, continuava bonitinha na mão dele. O menino precisava de ajuda. Então ele se lembrou de uma amiga, a fadinha boazinha, e pediu socorro. Mas como ele estava muito desorganizado, o pedido de socorro saiu de um jeito esquisito. Mesmo assim, a fadinha, que era uma amiga superficial, escutou o pedido de socorro e veio correndo. E essa fadinha, será que era malvada ou era boazinha? Boazinha, isso mesmo, ela tinha até estrelinha na ponta do chapéu. Quando ela viu o amiguinho daquele jeito, ela pegou a varinha rapidinho e fez uma magia. Ela conseguiu organizar o menino outra vez, será? Conseguiu. Soltou mais uma fumaça, porque a magia dela também tinha fumaça e, graças a Deus, ela organizou o garotinho. Ele ficou feliz? Ficou, né. E a maçã? Será que a maçã ficou no lugar? Ficou direitinho no lugar, continuou organizada. Está tudo certo, então. Mas, oh!, olha o cabelo do menino, onde foi parar. Gente, o menino ficou com barba. Vocês acreditam numa coisa dessas?

Então, a bruxa malvada caiu no chão de tanto rir. O menino, com raiva, pegou a maçã e atirou no nariz da bruxa. E a bruxa, que era tão malvada, acabou virando um palhaço, e um palhaço sem graça. Então a fadinha entortou todas as unhas da bruxa para dentro e, assim, em vez de a bruxa fazer maldade, só fazia palhaçada, e as palhaçadas eram ela mesma. Então o chapéu malvado do escorpião virou um caracol de óculos escuros. Vocês já viram chapéu assim? As aranhas, por um tempinho, sumiram, mas elas reapareceram porque a saia da bruxa virou uma cueca cheia de desenho. Vocês já viram bruxa de cueca? Os ratinhos fugiram e ela ficou descalça. Uma bruxa dessas fica completamente desmoralizada. Gente, eu estou escrevendo essa história e tenho duas escolhas para o final, eu queria que vocês me ajudassem, fizessem uma votação. Vocês acham que a bruxa foge para a floresta, humilhada, ou vai para o circo? Quem acha que ela vai para o circo? E quem acha que ela volta para a floresta? O circo ganhou, vamos dar tchau para a bruxa que ela vai trabalhar no circo. E a história acabou! Mas falta mais uma coisinha para consertar. O que é? É a barba, deixar o menininho com barba não vai ficar bem. Então a fadinha tirou a barba do menino, mas, como ela era principiante, a barba foi parar no lugar do cabelo. O cabelo do menino ficou todo espetado, mas não tinha importância, porque depois ele poderia cortá-lo. E a maçã, que tinha ficado grudada no nariz da bruxa, vocês sabem como é que eles resolveram? Estava passando por lá um sapinho, que a fadinha rapidamente transformou em maçã. E a maçã, quando o menino foi entregá-la para a professora, saiu pulando que nem um sapo. Gente, esta é a história que eu tinha para contar para vocês. MUITÍSSIMO obrigado pela atenção e espero que vocês tenham gostado. Um beijo.



Ricardo Azevedo

Boa-tarde a todos. Olha, gente, eu gostaria de contar para vocês como eu comecei a escrever. Quando eu estava no colégio, mais ou menos na 6ª série, eu comecei a perceber que eu gostava de fazer as redações escolares e, a partir daí, eu comecei a pensar em escrever, fazia até redações por conta própria. E como eu gostava de desenhar, eu pensei: “Talvez um dia eu faça os desenhos de um livro etc.” Então, como é uma pergunta que costumam fazer, eu quis já me adiantar. Mas vocês leram meus livros e devem ter outras perguntas para fazer.

– Eu queria saber como tu teve a idéia de fazer A casa do meu avô?

**Ricardo** – Então, esse é um livro meu, *A casa do meu avô*. Só que, olha que detalhe, eu não tive avô. Meus avós morreram antes de eu nascer. Então, acho que justamente porque eu não tive avô resolvi inventar um avô para mim. É o avô que eu não tive.

– Por que teus livros não são de príncipes, princesas, heróis?

**Ricardo** – Olha, eu tenho feito alguns livros onde eu reconto contos populares, aí tem princesas e heróis. Agora, eu acho que isto não é importante para mim; se tem ou não tem príncipe, bruxa, dragão, essas coisas características das histórias populares. Eu acho que uma história tem que trazer alguma coisa que a gente não consiga entender bem, como se fosse assim alguma coisa que pode ser isso ou aquilo, sabe, um problema, digamos assim, e a partir daí você inventa uma história. Mas é lógico que as minhas histórias têm um herói, têm um protagonista, que vai lá e faz as coisas acontecerem.

– Quem te ensinou a desenhar?

**Ricardo** – Depois vocês perguntem isso para a Eva, pode ser que ela tenha uma visão diferente. No meu caso, não houve uma escola de desenho, e eu acho que é assim que é: a gente aprende a desenhar desenhando. Se a criança pegar um bloco de cem folhas, e fizer todo dia um desenho, quando chegar na última folha, o desenho vai estar melhor que o primeiro. Então, desenhar é uma questão de gostar de desenhar e de desenhar mesmo, de se sentar e mandar bala. E cada um tem um jeito diferente de desenhar. Essa coisa de ficar achando que a gente tem que desenhar como tal pessoa, isso está errado, eu acho que não funciona. As pessoas têm que achar o seu caminho.

**Eva** – Eu concordo com você.

– Que livro te deu mais prazer de fazer?

**Ricardo** – É difícil responder isso porque, cada vez que eu vou pensar num livro, eu penso como eu fiz aquele livro. É como se fosse uma viagem que eu fiz para determinado lugar. Então, é difícil separar uma coisa da outra. Eu acho que o leitor pode olhar

os meus livros e falar assim: “Olha, eu gostei muito desse. Desse eu não gostei tanto”. Mas eu, que sou a pessoa que fiz o trabalho, eu acho difícil escolher, pelo menos nesse momento da minha vida. Não penso qual foi o melhor, todos eu tive prazer em fazer.

– Eva, por que você escreveu a história da bruxinha atrapalhada?

**Eva** – Essa história é muito antiga. Eu a escrevi há mais de vinte anos atrás. É muito complicado dizer por que a gente escreve uma história. Às vezes, a gente tem um impulso, uma vontade, mas a gente não sabe explicar muito bem o porquê. Tem coisa difícil de explicar. Por exemplo, por que chocolate é gostoso? Você sabe explicar?

– Como tu teve a idéia de fazer um livro sobre o material escolar?

**Ricardo** – Olha, eu até conto isso no fim do livro. A gente que é desenhista adora entrar numa loja de material de desenho, comprar papel. Existem vários tipos de papel. Às vezes, vou fazer um desenho e digo: “Para este desenho vou usar tal tipo de papel, para fazer outro desenho, outro tipo”. Então, eu falei: “Puxa vida, os materiais escolares, que na verdade são os materiais de escrever e desenhar, papéis etc., dão samba, dão idéias para fazer uma coisa”. A partir daí, eu comecei a fazer pequenas poesias sobre os tipos de papel, sobre o apontador, sobre o apagador, sobre o material que temos em volta. O que eu acho que fica claro aí é o seguinte: qualquer assunto, por mais bobinho que pareça, pode dar um bom trabalho. Até o material escolar, que aparentemente é uma coisa menos importante, rendeu um monte de poemas. E me diverti muito fazendo esses poemas.

– Eu declamo e canto. E, daí, eu queria ver se o senhor falava o que acha do que a gente faz?

**Ricardo** – Eu acho sensacional. Como é que você se chama? Ariel. Para você ter uma idéia, Ariel, o meu pai era um cara que gostava muito de trovas populares, de quadrinhas, e conhecia várias de cor. Ele também contava histórias, e quando eu era pequeno, menor que você, ele me ensinou a gostar das quadrinhas e a reci-

tá-las. Então, acho que tem tudo a ver. Agora, o importante é você escolher aquelas quadrinhas de que você gosta, aquelas com que você se diverte, aquelas que você acha legais. Puxa, tem mais é que conhecer mesmo, para poder depois contar para as outras pessoas.

– Qual era seu ídolo quando você era criança?

**Ricardo** – Meu ídolo? Puxa, é difícil de responder. Eu não tinha propriamente um ídolo. Eu tinha várias referências. Por exemplo, no futebol, eu sou da época do Pelé, mas o craque de que eu mais gostava era um jogador que jogava junto com o Pelé, o Coutinho, de quem ninguém se lembra mais. Quanto aos escritores, eu li tantos livros que eu não saberia te dizer um nome. Na música, eu gostava do Tom Jobim, por exemplo. Antônio Carlos Jobim é um músico que eu admiro muito até hoje, amo ele.

– Na apostila da 4ª série tem uma história que diz que é do senhor, eu queria saber se é sua mesmo.

**Ricardo** – Na apostila, isso pode acontecer mesmo. Às vezes, no livro didático, as editoras pegam trechos da história de um escritor e botam lá. É possível, sim.

– Você gosta mais de ilustrar ou de escrever?

**Ricardo** – Olha, são duas coisas diferentes. No meu caso, eu sempre escrevo primeiro, depois eu faço os desenhos. Quando eu estou escrevendo, muitas vezes eu já tenho idéias para fazer o desenho. Depois, quando eu vou desenhar, eu vejo que eram idéias ruins, porcaria. Só depois que eu acabo de escrever é que vêm as idéias legais para ilustrar. Então, é interessante isso: quando eu estou escrevendo, eu penso em imagens, mas não vêm boas imagens. Agora, eu gosto de fazer os dois trabalhos, porque para mim são diferentes, mas são muito legais.

– Qual livro te deu mais trabalho?

**Ricardo** – Olha, eu tenho um livro que se chama *Lúcio vira bicho*, que tem mais de duzentas páginas. Foi o que me deu mais trabalho. Eu demorei três anos fazendo este livro.

– No que você se inspirou para escrever o livro *A hora do cachorro louco*?

**Ricardo** – Eu quis várias coisas com este livro: primeiro, falar da questão social, da pobreza, das crianças pobres que pedem esmola na rua; depois, falar das crenças populares, das pessoas que acreditam, por exemplo, em lobisomem. É como eu coloco no livro, tanto faz se é lobisomem ou se é outra coisa, o fato é que as crianças estão se ferrando, estão indo mal, estão sofrendo muito. Então, eram dois assuntos principais: era a cultura popular, que eu amo, que me interessa e eu tenho estudado muito; e a questão dos meninos de rua. Talvez aqui em Passo Fundo vocês não tenham tantos meninos de rua, mas em São Paulo existem muitas crianças vivendo na rua, pedindo esmola. É vergonhoso para todos nós ver aquelas crianças, mas fazer o quê?

– Qual a coisa que você mais gosta de fazer?

**Ricardo** – Olha, fora meu trabalho, eu gosto de tocar piano. É uma coisa que eu acho muito legal.

– Com quantos anos você começou a escrever?

**Ricardo** – Eu comecei a escrever com 15 anos, mais ou menos, mas não publicava livro ainda. Vamos supor que um jovem aqui goste de escrever. Ele já é um escritor se escreve todo dia. Agora, quando ele publica um livro, vira autor de livros, é outra etapa. Eu publiquei meu primeiro livro com trinta anos, mas eu comecei a escrever muito antes. Você começa a escrever com 15-16 anos, geralmente.

– Que tipo de livros você gosta mais de escrever?

**Ricardo** – O livro tem que tratar de assuntos que ajudem a gente a entender melhor a vida. No fundo, é isso. Primeiro, você acha um tema. Depois, se isso vai ser um livro de aventura, de suspense, ou se vai ser um livro engraçado, tanto faz. Você vai encontrar a melhor maneira de contar, mas o que interessa num livro é que nos faça pensar um pouco sobre a vida, sobre quem a gente é, sobre como é nossa relação com as outras pessoas.

- Eu gostaria de saber por que você resolveu escrever um livro sobre os sentidos?

**Ricardo** – Na verdade, fiz um trabalho imaginando o que são os sentidos: o que é o olfato, o que é a visão, etc., mas sem me preocupar com o didatismo, e, sim, com o ponto de vista da criança. Por que teria valor o paladar, por exemplo? Eu me coloquei como se fosse uma criança. Aliás, como um adulto também: de que me serve o paladar? Onde eu ganho com ele e onde eu posso perder? Escrevi do ponto de vista subjetivo, da pessoa. Esse tema dos sentidos foi fantástico desenvolver, até porque eu pude falar do sexto sentido, de que normalmente não se fala e que existe, ou pode existir.

- Como você pensa a capa de seus livros?

**Ricardo** – A capa do livro é sempre a última coisa que eu faço, é o último desenho. É assim: eu faço primeiro o texto, depois o desenho de dentro do livro e, depois, eu boto a capa. E o título, também, às vezes fica para o fim.

- Por que e quando você fez O peixe que podia cantar. A idéia surgiu de onde?

**Ricardo** – Esse foi, talvez, o único caso em que eu parti de um desenho. Eu havia feito um desenho com um peixe em cima de uma árvore e pensei em inventar uma história para isso. E aí surgiu o livro.

- Quantos livros tu já fez?

**Ricardo** – Noventa e tantos.

- Quais os autores de que o senhor mais gosta?

**Ricardo** – Tem vários. De literatura infantil: Ruth Rocha, Eva Furnari, Angela Lago, Lygia Bojunga e vários outros.

- Qual o livro e qual o autor de que você mais gosta?

**Ricardo** – Olha, é difícil de dizer. Por exemplo, Miguel de Cervantes é um autor que, para mim, é de tirar o fôlego. Quando

eu li o *Dom Quixote*, que é um livro grande, de dois volumes, eu pensei: “Meu Deus, como um homem só conseguiu fazer isso!” É inacreditável que um escritor só conseguiu fazer um livro daqueles. É espantoso.

– Como é que você descobriu todas essas histórias que conta nos livros?

**Ricardo** – Eu tenho feito pesquisas, leio muitos livros e tenho ouvido contadores de histórias. É assim que eu faço. Estou pesquisando há vinte anos.

– Qual foi o seu primeiro livro?

**Ricardo** – O primeiro foi *O peixe que podia cantar*.

– Quantos anos você tem?

**Ricardo** – 53.

– Eu queria saber qual foi tua obra mais famosa?

**Ricardo** – Olha, como eu já estou há 23 anos publicando, teve várias fases. Um livro muito importante, que ganhou prêmio, foi *Um homem no sótão*. Mas *Chega de saudade*, *Armazém do folclore*, *Nossa rua tem um problema* são livros que vendem bem.

– No começo foi difícil vender os livros?

**Ricardo** – Para mim, não. As editoras é que vendem. Eu tive sorte de publicar meu primeiro livro numa época em que as editoras estavam procurando novos autores. Isso foi bom para mim.

– Qual é a lenda de que você mais gosta?

**Ricardo** – Ah, não tem uma lenda, eu adoro cultura popular. Então, tem várias lendas que eu acho interessantes. Eu acho que cada uma tem um jeito diferente.

– O senhor gosta da sua profissão?

**Ricardo** – Adoro minha profissão, gosto muito.

- Você sempre pensou em ser escritor ou tinha outros planos?

**Ricardo** – Olha, eu sempre pensei em escrever, mas eu não sabia que ia ser escritor de livros. Pensei em trabalhar em alguma coisa que tivesse a ver com texto.

- Qual foi seu último livro?

**Ricardo** – Meu último livro se chama *Contos de enganar a morte*. São quatro contos populares que eu reconto, e o personagem principal sempre tenta dar um jeito de enganar a morte.

- Você gostou de fazer o livro Armazém do folclore?

**Ricardo** – Adorei, porque eu tenho feito uma pesquisa com contos populares e outras coisas populares, como adivinhas, trava-línguas. Eu acho muito legal fazer esse resgate.

- Você está gostando da Jornadinha?

**Ricardo** – Eu já conhecia a Jornadinha, já tinha vindo há dois anos. Porém, na 1<sup>a</sup> Jornadinha, eu não tinha conseguido falar com as crianças. Então, estou gostando muito.



Roberto Pereira dos Santos



Gustavo Finkler

**Roberto Pereira dos Santos** – Em primeiro lugar, boa-tarde a todos. Meu nome é Roberto, tenho 15 anos e vim trabalhar com vocês, respondendo a perguntas sobre meus três livros: *Capitão pirata e o gênio invisível*, *Sombra da noite* e *O mendigo maluco*. É um prazer estar aqui conversando com vocês na 2ª Jornadinha.

**Gustavo Finkler** – Tudo bom aí, gurizada? Meu nome é Gustavo. Eu tenho um grupo, Cuidado que Mancha, e há dois já participamos aqui da 1ª Jornadinha com o espetáculo *A mulher gigante*. Alguém aí conhece *A mulher gigante*? Legal. Então, a gente está aqui agora com *A família sujo*. Este espetáculo tem

também o livro e o CD com a história toda gravada, junto com as canções. E a gente tem dois outros lançamentos: um CD com cinco histórias para criança, chamado *Ouindo coisas*, e o nosso último lançamento, *O Natal de Natanael*, que é uma história criada por mim e pela Raquel. Ultimamente, temos nos preocupado bastante em tentar trabalhar a questão sonora para crianças. Então temos feito muitas canções para vocês e tentado, nos espetáculos, fazer a sonoplastia da história, incluindo todos os sons, todos os ruídos, para a história ficar mais interessante. Então, em vez de vocês verem as coisas no palco, vocês também podem ouvir e imaginar a história na cabeça. A idéia do Cuidado que Mancha é estimular a imaginação de vocês.

– Eu queria saber qual o primeiro livro do Gustavo.

**Gustavo** – O meu primeiro livro foi *A mulher gigante*, lançado no ano 2000.

**Roberto** – O meu primeiro livro foi *Capitão pirata e o gênio invisível*, que escrevi quando estava mais ou menos com sete anos e meio.

– Qual foi tua inspiração para criar A família sujo?

**Gustavo** – Olha, a gente sempre gosta de trabalhar com temas que são comuns no universo infantil. Então, a higiene sempre é muito trabalhada nas escolas. Eu queria pegar um tema conhecido de vocês, mas torná-lo engraçado, diferente. Foi daí que surgiu essa família, que não gosta nem um pouco de limpeza. A Sílvia, que é a filha do casal, acaba sumindo no meio da sujeira, de tanto que ela não gosta da limpeza. A gente queria isto: criar uma história engraçada com um tema conhecido de vocês.

– Como surgiu o livro do Capitão pirata e o gênio invisível?

**Roberto** – O livro surgiu de um desenho que eu tinha feito. Então resolvi inventar e escrever um conto, mas acabou saindo uma história infantil.

– Com quantos anos vocês começaram a carreira?

**Gustavo** – Comecei como músico, profissionalmente, em 1986. Eu tinha vinte anos na época. Mas comecei a escrever para crianças em 1998, faz cinco anos.

**Roberto** – Comecei a escrever a minha primeira história entre 1996-97, por aí.

– Quem te disse para fazer esse trabalho de ser escritor?

**Gustavo** – A minha própria cabeça me disse. Eu sempre, desde criança, mal aprendi a escrever já comecei a escrever umas histórias. Agora, de uns tempos para cá, eu tenho me dedicado só a isso, a fazer histórias para vocês.

**Roberto** – Para mim foram os livros que me disseram. Quando eu lia livros, eu tinha uma vontade enorme de escrever histórias. Então, foi aí que comecei a gostar de escrever livros e histórias.

– Eu queria saber se você já conheceu alguma família igual à A família sujo?

**Gustavo** – A gente não se inspirou em ninguém conhecido, mas sempre que apresentamos a peça vem alguém nos dizer: “Eu tenho um tio que faz parte da família sujo”, “eu tenho um primo”, “eu tenho um colega...” Sempre tem gente que conhece alguém que é da família sujo. Vocês conhecem alguém ou não?

– No que você se inspirou para fazer A mulher gigante?

**Gustavo** – A gente se deu conta de que, no Rio Grande do Sul, nunca tinha sido lançado um CD de música para crianças, daí resolvemos fazer um. Então, começamos a compor as canções. Queríamos que houvesse personagens engraçados e que as músicas fossem legais para todo mundo ouvir. Queríamos que as músicas abordassem assuntos infantis, mas que os pais das crianças e as professoras também gostassem de ouvi-las. Felizmente, acho que acertamos.

- O que vocês faziam quando eram pequenos?

**Roberto** – Eu adoro sair com meus amigos, ir à praia, mas também adoro ler e escrever.

**Gustavo** – Eu jogava muito futebol quando era pequeno, lia muito livro e via muita televisão também.

- De qual história sua vocês mais gostaram?

**Gustavo** – Das histórias que nosso grupo lançou, *O Natal de Natanael* é a que eu acho mais legal e a de que mais gosto de escutar.

**Roberto** – Eu não tenho uma história preferida.

- Quantos anos vocês têm agora?

**Gustavo** – Agora eu tenho 36.

**Roberto** – Eu tenho 15 anos.

- No que vocês baseiam seus livros?

**Roberto** – Sempre que eu vou escrever um livro, eu penso nas histórias que, se eu fosse menor, eu ia gostar de ler. Eu também tiro inspiração dos lugares a que vou e das pessoas que vejo.

**Gustavo** – Eu tento criar histórias que sejam legais para criança, que falem de temas conhecidos, que sejam divertidas e que sejam novas, no sentido de que apresentem um enfoque que não se viu em outro lugar ainda. As histórias têm que ser criativas e estimular a imaginação.

- Você prefere fazer teatro ou escrever livros?

**Gustavo** – Quando fizemos *A mulher gigante*, primeiro era um espetáculo, depois saiu em livro. E quando saiu em livro, a gostamos tanto do resultado que nossos próximos trabalhos já foram planejados assim. Tem o livro, dentro do livro tem um CD com tudo gravado e tem também o espetáculo. A gente trabalha agora só nesse formato.

– Qual o livro de vocês foi o mais vendido?

**Gustavo** – O meu foi *A mulher gigante*, o primeiro a ser lançado. Saiu em 2000 e já está na sétima edição.

**Roberto** – O meu é o *Capitão pirata e o gênio invisível*, que já está na quarta edição.

– Quando você começou a escrever o *Capitão pirata* e o *gênio invisível*?

**Roberto** – Eu comecei a escrever a historinha quando tinha mais ou menos seis anos e meio, por aí. E quando comecei a reescrever a história pensando em publicar, eu estava com sete anos e pouco.

– Vocês admiram algum escritor?

**Gustavo** – Eu admiro vários escritores, mas os que eu leio com mais prazer são José Saramago, um autor português, e Gabriel García Márquez, que é um colombiano.

**Roberto** – Eu admiro vários escritores gaúchos e brasileiros, mas o escritor que estou me empenhando mais para poder ler se chama Kafka.

– De qual parte de *A família sujo* você mais gosta?

**Gustavo** – A parte de que eu mais gosto no espetáculo é quando as faxineiras vão lá no meio do público molhar todo mundo.

– Você já fez um filme?

**Gustavo** – Ainda não, mas já fiz música para dois filmes.

– Qual o personagem que você mais gostou de fazer?

**Gustavo** – Para mim, foi o Natanael, é o personagem mais engraçado, mais legal.

**Roberto** – Eu gosto do Lara, de *Sombra da noite*, e do mendigo do livro *O mendigo maluco*. Gosto bastante desses dois personagens que fiz.

– Qual o CD que você mais gosta de cantar?

**Gustavo** – Eu gosto mais de cantar *A mulher gigante*, mas gosto de todos.

– Qual personagem de A família sujo que você achou mais educativo?

**Gustavo** – Educativo? Na verdade, quando criei a história, pensamos só em fazer um espetáculo bacana, não tinha muito a intenção de ser educativo. A gente queria que as pessoas assistissem ao espetáculo e lessem o livro e cada um tirasse a sua mensagem. Mas a Silvia é a mais exagerada da família, com ela talvez fique mais evidente o caráter educativo.

– Roberto, como você conseguiu fazer três livros com 15 anos?

**Roberto** – Eu comecei a escrever o abecê todo com cinco anos, cinco anos e meio, porque eu tinha minhas irmãs que adoravam brincar de escolinha, e aí eu era o aluno, porque eu era o irmão mais novo. Como eu aprendi a escrever muito cedo, eu sempre gostei muito de ler. Eu sempre quis saber como é que os escritores escreviam aquelas histórias que eu adorava tanto. Até que um dia eu perguntei para o meu pai, que também é escritor, como é que os escritores faziam. Ele disse que não é preciso ter uma mente brilhante, é só você ir escrevendo uma história que você acha interessante, que gostaria de ler. Então, desde pequeno, escrevi muitas historinhas, e algumas eu publiquei. Também sempre tive muito apoio do colégio e da minha família.

– Você gosta mais de escrever para adulto ou para crianças?

**Gustavo** – Eu gosto mais de escrever para criança. Tem uma peça de teatro que escrevi para adulto, mas eu gosto mais das infantis.

– Você gosta de ser escritor?

**Gustavo** – Eu gosto muito, acho muito legal porque a gente cria a história que é uma coisa, depois vê o livro pronto e é outra coisa. No nosso caso, também, a história gravada é outra emoção, e apresentar no palco também é muito bacana.

**Roberto** – Eu adoro ser escritor e adoro ser leitor.

– Vocês já pensaram em ser outra coisa, antes de se tornarem escritores?

**Gustavo** – Eu pensei em ser jogador de futebol, quando eu tinha a idade de vocês, mas não deu muito certo.

**Roberto** – E eu pretendo continuar escrevendo, mas fazer jornalismo ou publicidade.



Sérgio Capparelli



Angela Lago

Sérgio Capparelli – Boa-tarde a todos. Quando a gente escreve livros, é como se estivesse mandando uma carta e essa carta demorasse anos para chegar. E quando a carta, afinal, chega, ninguém mais sabe quem foi que a mandou. Mas hoje nós chegamos junto com os livros. E estamos aqui, uns na frente dos outros, para conversar, para ver o que vocês querem saber, porque, à medida que vocês forem perguntando, a gente vai falando sobre os livros, sobre o que a gente pensa e sobre o que a gente escreve.

Angela Lago – Vocês têm coragem de ouvir história de assombração? Pois então vou contar uma, que está no livro *Sete histórias para sacudir o esqueleto*. Bem, eu vou contar a mais curtinha, que foi meu pai quem me contou. Ele disse que aconteceu com minha

tia, lá de Bom Despacho, em Minas Gerais. Pelo nome vocês já vêem como é “Bom Despacho”: despacha gente para a outra vida que é uma beleza. Bem, minha tia estava jogando bola na saída da escola e se atrasou, e a mãe dela era uma onça, a minha avó. Então minha tia lembrou que, se chegasse atrasada, de noite, para a hora do jantar, ia ser uma peleja. Quem sabe ela ia pelo caminho do cemitério, que era muito mais rápido, e chegava em casa em tempo de jantar? Foi o que resolveu fazer, mas estava com medo. Quem tem medo de cemitério, aqui? Eu morro de medo de cemitério. Mas minha tia viu uma outra menina indo por aquele caminho e resolveu ir atrás dela. E foi correndo, correndo, chegou na menina e falou: “Espere aí, eu tenho que atravessar o cemitério também, que eu estou atrasada, mas eu morro de medo, eu sinto um frio na barriga, vamos atravessar juntas?” Aí a menina falou: “Mas claro, eu também, quando eu era viva, sentia a mesma coisa!” Bem, pessoal, nós estamos muito alegres de poder estar aqui com vocês hoje e mortos de curiosidade para saber o que vocês querem perguntar pra gente.

– Com quantos anos vocês começaram a carreira?

**Angela** – Eu comecei com trinta e sei que o Sérgio começou com 31. Começou atrasado, não é? Eu já tinha um livro publicado quando ele começou, e olha que ele é mais novo do que eu.

**Sérgio** – É, mas eu comecei quando a minha filha nasceu, e ela tem 25 anos. Então foi há 25 anos que eu escrevi o meu primeiro livro, que é *Os meninos da rua da Praia*. Inclusive, a minha filha se chama Lívia, e está escrito no livro: “Para Lívia, quando souber ler”. E um dia, quando eu estava conversando com uma professora, ela me contou que os filhos dela estavam numa escola que adotara esse livro. Estavam discutindo o livro na sala de aula, sentados, quando um colega deles virou-se e falou: “Olha o que está acontecendo no mundo: filha de escritor e ainda por cima analfabeta”.

– Eu gostaria de perguntar como tu teve a idéia de fazer a poesia “Meu cavalo Come-Vento”?

**Sérgio** – De onde vêm as poesias? Às vezes é de uma música, às vezes é de um ritmo...

– Angela, no que você se inspirou para escrever *Sangue de barata*?

**Angela** – Olha, você reparou como tudo é cheio de expressões? Quem sabe o que significa “sangue de barata”? Barata tem sangue na veia? Então, quem tem sangue de barata é porque não tem sangue, não tem coragem. A nossa barata era corajosa ou não? Nada, na hora de denunciar o crime, ela não denunciou, não foi à polícia, nada. Então, é um livro todo feito com expressões idiomáticas. O gato era chamado “Gato-Sapato”. Quem sabe o que quer dizer “gato-sapato”? Quando você faz uma pessoa de “gato-sapato”, quer dizer que você bate, você xinga, você apronta com essa pessoa.

– Qual o livro que vocês mais gostaram de fazer?

**Sérgio** – Olha, às vezes eu respondia que era de certo livro que eu gostava mais e depois via que eu gostava também de outros. Então, eu me dei conta do seguinte: às vezes, a gente está triste e gosta de um certo livro que a gente escreveu; às vezes, está alegre e gosta de um outro livro. Então, é igual ao que acontece com um leitor no momento em que vai escolher um livro: muitas vezes ele escolhe conforme o que está vivendo naquele momento, as coisas que ele está sentindo. Tem alguns livros, como *O boi da cara preta*, *Os meninos da rua da Praia*, *Restos de arco-íris*, de que eu gosto muito, mas em certos momentos eu gosto mais de *Vovô fugiu de casa*. Então, isso varia muito, conforme a hora e o que a gente está sentindo.

**Angela** – Bem, eu estou gostando agora, neste momento – eu também sou igual ao Sérgio –, mais desse livro de adivinhas. Eu vou ler um adivinha para vocês: “Qual a parte da galinha que é a primeira no garfo, mas não entra na cozinha”? A letra “g”, isso mesmo. Vocês são cobras!

– Tu gosta mais de ilustrar ou escrever?

**Angela** – Olha, eu vou ser sincera; eu gosto mais de ilustrar. Eu acho desenhar muito mais gostoso. Para escrever, nossa, a gente tem que pensar muito, e desenhar não é assim, é espontâneo, parece que a gente está brincando. Mas eu gosto de escrever também.

– Qual foi o seu livro mais famoso?

**Sérgio** – Olha, o livro que vendeu mais foi *Os meninos da rua da Praia*, que vendeu já, em edições nas livrarias, duzentos mil livros. Só que, na semana passada, o governo comprou 450 mil livros. Então aí aumentou bastante.

– Angela Lago, qual o livro mais parecido com você?

**Angela** – Olha, eu acho que é *A banguelinha*. Você sabe que quem desenhou *A banguelinha* foi o velhinho que contou a história? Por isso saiu tudo tremido. Eu não desenho tremido. Eu desenho muito direitinho, e o livro é todo tremido.

– Por que o nome desse livro é *A banguelinha*?

**Angela** – O que acontece quando as crianças perdem os dentes da frente? Eu vou contar um segredo para vocês. Durante o período em que o dente novo não nasce, elas se transformam em anjos. A própria criança não sabe, mas ela é um anjo. Ela ajuda muita gente até que o dente nasça de novo. Alguém de vocês sabia disso? Quer dizer que vocês todos foram anjos sem saber.

– Em qual horário vocês mais gostam de ilustrar, de escrever?

**Sérgio** – Eu não tenho um horário certo para escrever. Às vezes me vem uma idéia e eu estou num dia de muito trabalho e, por incrível que pareça, a idéia aparece justamente quando eu não tenho tempo. E tem momentos em que eu tenho todo o tempo do mundo e não me vem nenhuma idéia. Agora, eu escrevo mais durante a noite, até porque sou professor, então fico o dia inteiro na faculdade e, à noite, tenho mais tempo. Mas, às vezes, o que acontece é que vou reunindo as idéias e depois fico dois meses escrevendo para terminar tudo. Então, em resumo, não tenho um horário fixo, mas escrevo mais à noite e durante as férias.

**Angela** – Eu, assim que acordo, corro para o computador, porque desenho no computador. Adoro computador. Então, logo que acordo, vou para o computador e lá eu fico. Às vezes, eu esqueço de almoçar, aí só vou almoçar quando a fome está muito apertada,

e às vezes trabalho até tarde da noite, porque meu trabalho é meu brinquedo. Então eu fico o dia inteiro desenhando.

- Existe algum escritor na família de vocês?

**Angela** – Na minha existe uma tia, que contou uns casos para a família, mas ela não é famosa, não.

**Sérgio** – Na minha não existe. Está certo que a minha avó contava histórias que eu gostava muito de ouvir, mas não existe ninguém que tivesse escrito algum livro, ou tivesse vendido algum livro. Eu acho que, se houve algo importante para mim quando eu era pequeno, eram as revistas em quadrinhos. Eu lia muito gibi. Então, eu acho que até certo ponto eu fui mais influenciado pelos gibis do que por outra coisa. A gente ia para a frente do cinema trocar gibi, e não era só pelos gibis, mas para conhecer pessoas, fazer negócios, fazer novos amigos. Tudo isso foi importante naquela época e me ensinou muito.

**Angela** – Eu queria agora perguntar uma coisa para vocês. Quem conhece o *site* do Sérgio e o meu na internet? Ninguém? Ah, vocês vão ter que conhecer. O meu é [www.angela-lago.com.br](http://www.angela-lago.com.br). Tem jogo, tem ABCD para aprender a ler, tem jogo mal-assombrado, tem muitas adivinhas e eu estou esperando vocês lá. E o do Sérgio tem poesia que vocês mesmos podem fazer.

**Sérgio** – O endereço do meu *site* é [www.ciberpoesia.com.br](http://www.ciberpoesia.com.br). Quando a gente vai ler um livro, só vê as letras sobre o papel. E se essas letras se movimentassem? Se elas andassem pela página? E se essas letras fossem coloridas? E se elas tivessem imagens? E se eu tocasse nessas imagens e fizesse a poesia ser outra poesia? Então, essas coisas estão lá no meu *site*.

- O que vocês escrevem é baseado em histórias reais ou é só invenção?

**Angela** – Eu gosto muito de história de fada. Então, às vezes, eu pesquiso, procuro saber as histórias da minha terra, que é Minas, e escrevo essas histórias para não serem esquecidas. Algumas vezes eu invento histórias, invento meus próprios personagens e por aí vai. E algumas vezes parece que os meus personagens existem de verdade.

**Sérgio** – Quando escrevo um livro, tenho um personagem com um nome. Esse personagem com esse nome não existe na vida real, mas ao mesmo tempo ele vive, em termos, com outros nomes. Se é, por exemplo, um vendedor de jornal, não existe um com aquele nome, mas existem muitos vendedores de jornais. Se descrevo uma cena de muito medo, não é que tenha acontecido aquilo comigo, naquele momento ou momentos antes, mas eu trabalho ou mostro o medo que a gente sente, às vezes, diante de coisas que não sabe explicar. Hoje, por exemplo, eu fico até rindo de mim ao lembrar que, quando eu era pequeno, eu sempre achava que tinha uma onça embaixo da minha cama e que, se eu saísse da cama, ela ia pegar a minha perna. Isso é um absurdo, claro que é um absurdo, mas naquela época eu achava que tinha onça e sentia medo de verdade. Naquela época, minha mãe me mandava comprar pão e eu saía com medo da mula-sem-cabeça. Nem sabia como era mula-sem-cabeça, nunca tinha visto uma de verdade, mas via mula-sem-cabeça em todo lugar e só não avistava porque saía correndo para casa.

**Angela** – Agora, me diz uma coisa, como é que uma mula-sem-cabeça solta fogo pelo nariz? Eu sempre quis saber, alguém sabe?

– Por que você quis fazer o livro de assombração?

**Angela** – Olha, gente, eu adoro história de assombração. Quem tem medo levanta o dedo. É um medinho gostoso, não é? É bom ler história de assombração, porque na hora em que o medo aperta, a gente fecha o livro, guarda a assombração lá dentro, aperta bastante ela entre as páginas para não escapulir, e pronto.

– De onde surge a inspiração para você escrever?

**Sérgio** – De onde vem a inspiração? A inspiração vem nas horas mais diferentes. Às vezes, quando a gente vai dormir aparece uma idéia; ou quando a gente está caminhando e o dia está bonito e a gente está muito contente; ou quando a gente vê uma pessoa de quem gosta muito, ou uma pessoa de quem não gosta tanto... Então, é nos mais diferentes momentos que vêm as idéias. A inspiração também vem da maneira como a gente vê o mundo, o

lugar onde a gente vive, das coisas de que a gente gosta, das coisas de que a gente não gosta, das coisas que a gente acha que estão certas, ou das coisas que a gente acha que estão erradas.

- Como foi que vocês criaram as histórias?

**Sérgio** – Como é que eu escrevo uma história? Olha, eu vou contar uma história para dar um idéia até de como vem a inspiração para escrever. Acho que vocês conhecem aquela brincadeira que se faz em casa: “Vaca amarela fez cocô na panela, cabrito mexeu, mexeu, quem rir primeiro comeu o cocô dela”. Então, olha só o seguinte: a partir de uma pergunta como essa, de uma brincadeira como essa, a gente vai aumentando e fazendo outras.

**Angela** – Eu vou contar como, lá em Belo Horizonte, a gente diz isso para ver se acontece aqui uma coisa: chama-se silêncio, e é uma delícia. Lá em Minas é assim: “Vaca amarela subiu na janela, fez cocô na tigela, quem falar primeiro come tudo que tiver nela”.

**Sérgio** – E aí a gente vai mudando. Olha aqui outra: “Vaca amarela cuspiu da janela, cabrito mexeu, mexeu, quem piscar primeiro lambeu o cuspe dela”. E assim vai.

- De que tipo de histórias você mais gosta?

**Angela** – Eu adoro conto de fada, qualquer conto de fada, desde menina. Sabem por que eu gosto? Porque os contos de fadas falam a verdade. Eu acho que os contos de fadas falam a verdade porque o mundo é muito perigoso, tem muitas montanhas, tem muita gente que faz coisas boas, muita gente que faz coisa ruim e a gente precisa ter muita coragem, enfrentar tudo, antes de encontrar o príncipe da gente ou a princesa da gente. E na hora em que a gente encontra, dá uma felicidade que parece que é para sempre. Então, eu acho que conto de fada é a história mais verdadeira.



Gláucia de Souza



Cristina Porto

Gláucia de Souza – Boa-tarde a todos vocês. Eu vou falar um pouco sobre meu trabalho. Eu trabalho com livros para crianças, alguns que vocês já leram, pois soube que tem trabalhos da Pré-Jornadinha ali no espaço de autógrafos. Eu tenho cinco livros publicados, um para adultos e quatro para crianças. Tem dois que são de poemas, o *AstroLábio* e o *Saco de mafagafos*, e dois livros de história, *Tecelina* e *Num Marte pequenininho*. O livro de poemas para adulto se chama *Cadernos de bolso*. Gosto muito de escrever, principalmente poesia. Também gosto de estudar, de ler, de ouvir música e de dançar.

Cristina Porto – Boa-tarde a todos, alunos e professores. Eu sou a mãe da Serafina. Vocês, me parece, leram vários livros dela.

Olha, o primeiro livro que eu escrevi foi *Se... será, Serafina*; depois veio *O dicionário de Serafina*. Aí eu fiquei 14 anos sem usar a personagem, porque eu fiquei com medo de explorar demais a Serafina, porque ela tinha dado muito certo. Mas, 14 anos depois, eu senti que tinha o que falar ainda em nome dela. Aí, veio *Serafina sem rotina, Serafina e a criança que trabalha, o Diário escondido da Serafina e Serafina e o casamento do seu Nonô*. Então, ela é a minha personagem mais querida, porque me abriu as portas da literatura. É uma menina de quem todo mundo gosta. Ela nasceu de uma brincadeira assim boba. Um dia, eu estava conversando com a minha irmã, que estava deitada, com a cabeça pendurada para baixo. Essa posição fica engraçada, porque o queixo passa para cima, e os olhos passam para baixo. Eu achei engraçado e comecei a pensar no que aconteceria se a gente enxergasse assim, tudo virado. Foi assim que nasceu o perfil da personagem. Uma amiga minha levou para a editora Ática só o primeiro pedacinho das trocas que a Serafina fazia, e a editora gostou e me pediu para criar um universo para que ela pudesse viver. E aí vieram o seu Nonô, porque eu gosto muito de velhinhos, a família dela, os amigos, a professora, e foi assim que ela nasceu. Ela nasceu para o mundo, do meu coração, em 1978, e os dois primeiros livros, que saíram em formato pequeno, este ano vão sair em tamanho grande, para fazer a comemoração desses 25 anos de existência. A Serafina foi a minha primeira personagem e, entre todas as minhas personagens, eu tenho um carinho especial por ela.

– Como é que surgiu a idéia de escrever livros?

**Gláucia** – Bom, a idéia de escrever livros começou a surgir quando eu tinha a idade de vocês, porque eu gostava de escrever para a escola. E quando tinha alguém da minha família que fazia aniversário, eu gostava de escrever um poema, colocar num papel e dar de presente. E quando eu fui crescendo, fui vendo que gostava de escrever e, quem sabe, pensei, “aqueles meus textos poderiam virar um livro”. Quando eu estava com um pouco mais de vinte anos, comecei a pensar sério nisso e a escrever mesmo bastante para um dia ter algum livro publicado. E aí, em 1997, saiu o primeiro livro, que foi o *Saco de mafagafos*.

**Cristina** – Eu nunca pensei que fosse ser escritora. Eu sempre gostei de escrever. Desde pequena gostava de fazer redação da escola, bilhetes, cartas, diário. Sempre tive diário, até hoje faço meu diário, principalmente quando viajo. E sempre trabalhei com criança ou para criança, dando aula, ou trabalhando com revistas infantis na Editora Abril. Um dia comecei a rabiscar o perfil da Serafina. Não fosse uma amiga minha ter pego o primeiro trecho da Serafina e levado para a Editora Ática, eu estaria pensando até hoje que não estava bom, não estava pronto ainda. Aí o livro saiu, as crianças gostaram e eu continuei. Se eu não tivesse gostado também, acho que tinha parado. Foi assim que virei escritora, não foi caso pensado.

– Qual foi o livro que vocês mais gostaram de escrever?

**Cristina** – Gostar de escrever, eu gosto muito da Serafina, me sinto à vontade, é fácil para mim fazer a Serafina falar ou falar através da Serafina. Mas gostei demais de fazer um projeto que está saindo agora, já saíram dois livros, vão sair outros dois em novembro. Para esse projeto, fiz acho que dez viagens ao longo do rio São Francisco, mas por terra, procurando conviver com as pessoas que vivem na região da seca, que não têm o que comer, o que beber, não têm terra para plantar e, também, paralelamente a isso, vendo a beleza, a criatividade dessa gente que vive em condições tão precárias para fazer seus trabalhos artesanais. Com isso, vim a conhecer o Brasil miserável, crianças comendo terra, crianças catando coisas em lixão para comer, crianças procurando boneca no lixo. Isso tudo existe, existe em todo o lugar. Mas a miséria agravada pela seca acho que é das piores, porque, se não chove num inverno, que para eles chove no meio do ano, dois anos seguidos eles não têm água para beber. E a terra também tem sede, sem água a terra não vai fazer vingar nada. Então eles vão morrer de fome, de fraqueza ou viver da caridade alheia, de cesta básica e programas emergenciais de algumas entidades. A miséria é fantasmagórica, é horrível. E foi para que crianças e adultos pudessem conhecer este país onde a gente vive que, felizmente, consegui fazer esta coleção.

**Gláucia** – Bem, o amiguinho perguntou de qual livro eu gostei mais de escrever. Eu vou contar um segredo para vocês, eu gosto

muito, muito de escrever e, se não escrevo, se passo um tempo sem escrever, fico com dor de barriga, rôo as unhas, ganho espinha no rosto, um monte de coisas. Então, como eu gosto muito de escrever, quando chego a publicar um livro é porque já mexi bastante nele e fiz tudo que eu queria. Por isso não tem um livro assim, que eu tenha gostado mais de escrever. Eu gosto de todos que escrevi, cada um de um jeito: um porque foi mais difícil de escrever, outro porque saiu mais fácil, outro porque quando recebeu a ilustração ficou diferente, todo bonito. De todos eu gosto, cada um de um jeito.

- O que vocês fazem quando não gostam de um livro que estão escrevendo?

**Gláucia** – Eu mexo no livro. É que nem quando vocês vão fazer um tema de casa. Se a professora pede para escrever uma história, vocês escrevem e, de repente, acham que não ficou muito bom. O que fazem, então? Tem que passar a borracha. Eu gosto muito de escrever em papel. Eu tenho um monte de caderninhos na minha bolsa, porque, quando me vem a idéia, vou escrevendo, risco se não tenho borracha e, se tenho borracha, apago. Eu gosto de escrever a lápis, é bom ouvir o barulho do lápis. Se eu estou no computador, coloco para baixo aquela parte do texto de que não gostei, ou então eu gravo outra versão, e vou mexendo, mexendo, até eu achar que está legal.

**Cristina** – Olha, normalmente, num primeiro momento eu não me censuro. Agora escrevo muito pouco à mão, vou direto ao computador. Então eu me solto mesmo, sem me censurar. Vai, vai, vem a idéia. O mais difícil, o mais dolorido, é tirar a tampa. Depois que tira a tampa e a idéia começa a fluir, eu escrevo tudo numa tacada só. Claro, não é em três dias seguidos, mas vou escrevendo, vou fazendo, e quando eu sinto que já tenho, digamos, um esqueleto, um corpo, mesmo que não esteja pronto, eu deixo lá, espero uma semana. Então volto, dou uma olhadinha e enxergo direitinho aquilo de que eu não estava gostando. E assim vou fazendo, até ficar do jeito que eu gosto mesmo, da primeira à última página.

- Eu queria saber quantos anos vocês têm de carreira?

**Cristina** – De carreira, oficialmente, eu tenho 23 anos.

**Gláucia** – Eu vou deixar você fazer a conta. Olha só, eu comecei a escrever com vontade mesmo a partir dos 20-22 anos. E o primeiro livro meu foi publicado quando eu tinha 31 anos. Agora eu estou com 37. Há quanto tempo publicaram meu primeiro livro? Seis anos. Mas já faz bem mais tempo que eu venho escrevendo, escrevendo.

- Eu gostaria de saber se vocês receberam algum tipo de incentivo no começo da carreira?

**Cristina** – A minha família sempre me apoiou, todo mundo. A minha mãe gostava muito de escrever, e escrevia bem, escrevia para o jornal, ela tinha um texto muito gostoso. E quando eu comecei a escrever e me tornei uma escritora, ela ficou feliz da vida. Eu acabei fazendo o que acho que ela sempre teve vontade de fazer. Então ela acabou se realizando comigo.

**Gláucia** – Os meus pais não são escritores, mas o meu avô, que eu não conheci, gostava de escrever poemas, embora nunca tenha publicado nada. Quando comecei a gostar de escrever, o meu pai e a minha mãe sempre me incentivaram. Como eles incentivavam? Antigamente não tinha computador, e eu não sabia datilografar. O meu pai pegava os textos que eu escrevia e datilografava, ou então, se precisava levar no correio para mandar para a editora, ele levava, ou se precisava registrar o livro na Biblioteca Nacional, ele ia lá e registrava. E a minha mãe sempre leu todos os textos que escrevo, porque quando eu mando para meu pai para ele resolver alguma coisa relativa ao texto, ela lê. Então, eles sempre torceram muito por mim, como a minha família, meu marido, meus amigos, enfim, todas as pessoas sempre torceram muito para que eu conseguisse virar uma escritora.

- Qual o livro mais famoso de vocês?

**Cristina** – O mais famoso? Olha, o meu personagem mais famoso é a Serafina, sem dúvida, e o livro que mais vendeu foi o *Serafina e a criança que trabalha*. Se não me engano, foi um dos livros mais vendidos da história da editora. É uma pena que existiu o livro, eu preferia que não houvesse o problema do trabalho infantil, mas, já que há, pelo menos foi uma forma de lutar contra, de denunciar e reivindicar.

**Gláucia** – A minha personagem mais conhecida, pelo menos aquela sobre a qual eu tenho conversado mais com vocês, é a Teceli-

na, até porque os outros livros são de poemas, não têm personagem. A *Tecelina* também é o meu livro mais vendido, que mais crianças leram no Brasil. Mas o livro *AstroLábio* também tem bastante gente que talvez conheça, porque ele faz parte de um programa da fundação Roberto Marinho, que se chama “Livros animados” e que transforma os livros em animações para a TV. Então, algumas crianças até conhecem o *AstroLábio* através da televisão.

- Quanto tempo vocês demoraram para escrever esses livros mais famosos?

**Cristina** – No caso do livro da *Serafina e a criança que trabalha*, recebi da editora a incumbência de tornar infantil a linguagem de uma jornalista que tinha escrito um livro para adulto sobre o mesmo tema, chamado *Criança de fibra*. Aí, para fazer um livro infantil, para pessoas com menos idade lerem, a melhor solução que eu achei foi usar a *Serafina* e ir comparando o cotidiano dela ao cotidiano dessas crianças que trabalhavam. Mas demorei, olha, é difícil dizer em termos de tempo, dias, horas, porque eu só vou para o computador quando a idéia já está desenvolvida, e não dá para contar quanto tempo uma idéia fica com a gente. Sabe, de uma maneira geral, não é menos de seis meses. Eu já levei até dois anos para fazer uma coleção.

**Gláucia** – Eu não escrevo só no computador, eu gosto muito de escrever a mão. Daí escrevo de pouquinho em pouquinho. *Tecelina* foi escrita em pedacinhos. Eu escrevia um pedacinho, escrevia outro pedacinho, aí me lembrava que podia colocar mais outro pedacinho com cores diferentes, que nem as histórias que a *Tecelina* contava. Demorei mais ou menos dois anos para terminar a *Tecelina* do jeito que ela está hoje.

- Cristina, na sua vida existe alguma *Serafina*?

**Cristina** – Não, a *Serafina* é uma mistura de tudo o que fui quando criança, do que gostaria de ter sido e do que ainda sou. É uma síntese, é como se fosse um resumo de tudo de mais importante que eu tenho de sentimentos.

– Quando vocês estão sem idéia, o que vocês fazem?

**Cristina** – Ah, eu não ligo não, porque logo ela vem. Uma coisa que eu faço é caminhar, porque quando eu caminho a idéia caminha comigo, ou ela aparece mais. Eu já estou acostumada e sei que ela vem, mais cedo ou mais tarde.

**Gláucia** – Quando estou sem idéia, escuto música ou ligo o rádio, ou vejo televisão, e a idéia vai aparecendo, ou então leio um livro, vou conversar com alguém. Aí a idéia vem vindo, porque a idéia vai caminhando por aí e a gente pode transformar coisas da vida da gente em idéias. Como acontece com vocês quando estão em casa, num daqueles dias que é uma tristeza, em que vocês não arranjam o que fazer, estão ali parados e, de repente, olham aquele desenho, aquele brinquedo, aquele livro e surge uma idéia. Então, comigo é a mesma coisa. Eu vou fazer as coisas que gosto e aí as idéias vão surgindo.

**Cristina** – Deixa eu falar uma coisa: não pensem vocês que o escritor vive esperando que a idéia chegue. Não, nós temos outras coisas para fazer. Às vezes, eu até gosto que não apareça nenhuma idéia para poder passear, levar uma vida normal. Aí, de repente, vem uma idéia muito forte e a necessidade de escrever é fundamental.

**Gláucia** – E, às vezes, a idéia vem até na hora que a gente não quer.

– Tem algum livro que tu escreveu, depois leu e não gostou?

**Cristina** – Felizmente, não. Se eu tivesse que reescrever alguns, eu acho que sairiam de uma outra maneira, porque eu sou diferente, eu amadureci, eu fiquei mais velha. Mas eu gosto de todos e não me arrependo de ter feito nenhum.

**Gláucia** – Eu também, eu só deixo sair um livro publicado quando ele está do jeito que eu queria que ficasse naquela época. E a Cristina falou uma coisa muito importante, pois, se a gente fosse escrever de novo as histórias já publicadas, ia escrever de outra forma. Mas não é que naquela época a gente achasse que não estava legal, é porque a gente muda, vai mudando conforme a vida passa.

- No que você se inspirou para escrever a Tecelina?

**Gláucia** – A minha avó, que nasceu em 1908, tinha muitas amigas com o nome terminado em “ina”: Herondina, Ernestina, Marina, Paulina. Aí, uma vez eu quis escrever uma história sobre uma pessoa que tivesse muita idade, que fosse mais ou menos da geração da minha avó. Pensei que era uma personagem que fazia tricô e gostava de contar histórias. Então, eu inventei a Tecelina.

- Se vocês não fossem escritoras o que vocês gostariam de ser?

**Cristina** – Eu seria cantora lírica, porque adoro cantar, mas eu queria cantar música erudita, ou seria bailarina subir num palco e ser muito aplaudida.

**Gláucia** – Eu não sei o que gostaria de ser, até porque tenho uma outra profissão, que é ser professora e da qual gosto bastante. Mas quando eu era menina, tinha uns 14 anos, eu pensei em ser artista de circo, porque no circo tem um monte de coisas diferentes para a gente fazer, tem trapézio, tem palhaço. Também no meu trabalho de professor e de escritora gosto muito de fazer coisas diferentes, de pensar atividades diferentes, de escrever textos diferentes. Eu acho que o circo ia ser bem legal.

- Você se inspira em algum outro escritor?

**Gláucia** – Olha, todo mundo que escreve, de certa forma, acaba se inspirando em outros autores, porque a gente não tira as idéias todas do nada, assim. A gente vai construindo o texto conforme as coisas que conhece. Como gosto muito de ler poemas, tem muitas coisas que acho legais e tento melhorar o meu trabalho através do trabalho dos escritores que leio. Da poesia para adulto, gosto muito de ler Manuel Bandeira e, da poesia para os pequenininhos, gosto muito de Cecília Meireles. Gosto muito de ler autores de literatura infantil, até pelo meu trabalho de professora. Assim, de certa forma, a gente acaba vendo o que eles estão fazendo de legal para melhorar o trabalho da gente, mas não para fazer igual.

**Cristina** – Eu digo para vocês que querem treinar para se tornar escritores que a leitura de bons livros é fundamental, porque você vai tirando uma idéia daqui, outra dali e aí junta e constrói a sua própria idéia. A minha Serafina é uma mistura da Emília do Monteiro Lobato com a Alice do Lewis Carroll, que foram personagens que me marcaram muito.

- Quando você escreveu o livro *Serafina e a criança que trabalha*?

**Cristina** – Este foi escrito em 1996.

- Você já teve namorado?

**Cristina** – Eu tinha, agora eu resolvi dar um tempo. Estou fechada para balanço. Estão me dando muito trabalho, e eu estou viajando muito, escrevendo muito, então não quero saber. Namorar só quando o outro está bem de humor, tem coisa boa para me contar, senão não vale a pena.

- Você está pensando em fazer algum outro livro?

**Cristina** – Além da coleção Caminho do São Francisco, que tem quatro livros, saíram dois e vão sair mais dois em novembro; eu já escrevi um sobre gatos e cachorros, porque eu amo cachorros e gatos. Também quero fazer um com a Serafina e a Severina, irmãzinha dela. Eu nunca mais falei nela, coitadinha.

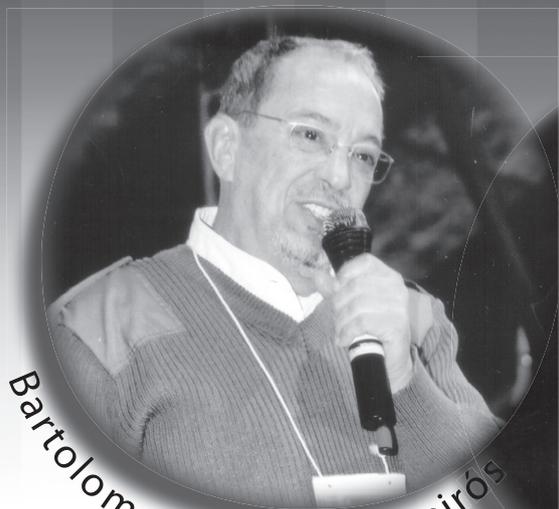
**Gláucia** – Estou sempre escrevendo, porque quem gosta de escrever, está sempre escrevendo. Só que tem livros que, às vezes, a gente não termina, como já falei antes, porque a gente vai mudando, vai mexendo. O último texto que eu terminei é sobre uma cigarra cigana e está guardadinho esperando o que vai acontecer.

- Em quem ou no que a Cristina se inspirou para escrever o *Leo Marinho*?

**Cristina** – Eu estava conversando com uma amiga minha, que é psicóloga, e ela me contou que estava atendendo crianças que tinham tantos amigos com pais separados que elas achavam que também iam ter. Então o problema estava virando ao avesso. Além das crianças que tinham problemas com os pais que tinham se separado, havia aquelas que estavam esperando a vez delas verem os seus pais se separarem. Por isso, eu escrevi o *Leo Marinho*.

- Por que Serafina foi inventada?

**Cristina** – Porque ela estava dentro de mim com muita força, eu acho. Se ela não saísse, eu explodia, ou implodia.



Bartolomeu Campos Queirós



Marcelino Freire

Bartolomeu Campos Queirós – Eu queria agradecer muito o convite que vocês me fizeram para estar aqui nesta Jornada e para conversar com vocês, que, em parte são leitores meus, e desejo responder a algumas questões que vocês tiverem a respeito do meu trabalho. Mas eu gostaria de, num primeiro momento, dizer para vocês que eu falo muito pouco e que tudo o que quero falar eu escrevo. Sou um cara que gosta do silêncio, eu acho o silêncio uma coisa fundamental na vida da gente.

Eu escrevo há trinta anos e, como vocês estão sabendo, estou recebendo essa homenagem aqui de Passo Fundo, desta Jornada.

Há trinta anos dedico meu trabalho aos jovens; há trinta anos venho batalhando nessa literatura. Eu acredito muito na leitura. Acredito que através da leitura a gente viaja pelo mundo inteiro. Acredito que o livro é um grande passaporte para as grandes viagens da vida da gente e gosto de escrever. Gosto muitíssimo do que eu faço, tenho um carinho muito grande pelo texto literário e é dentro dessa perspectiva que venho conversar com vocês.

Eu tenho, até agora, 43 livros publicados. Sempre escrevo pouco, eu escrevo só na minha casa; e quando estou viajando, não escrevo. Como eu viajo muito, meu tempo de escrita é pequeno.

Eu fico muito feliz de ter vocês como leitores e, sempre que posso, gosto de conversar com o leitor. Para mim também é importante fazer esse tipo de trabalho. Depois que o Marcelino falar, a gente pode conversar, discutir alguma coisa. Eu quero dizer que é muito difícil estar aqui em cima, olhar essa multidão na minha frente, eu que sou amante do silêncio, que converso pouco, que sou mineiro. Então é um pouco apavorante.

**Marcelino Freire** – Alô, bom-dia para todos. Eu vou dar uma de animador: bom-dia para todos! Quem é que está com frio, aqui? Quem é que está com sono? Quem é que acordou cedo? Levanta a bandeirinha aí. Eu estou com frio, porque eu sou nordestino, sou de Pernambuco, e o frio me assusta um pouco. Mas eu estou muito feliz com esse calor da presença de vocês todos. Eu queria contar uma história de um garoto de dez anos, no caso eu mesmo. Quando eu tinha dez anos de idade, estava pegando um livro do meu irmão mais velho e me deparei com um poema do Manuel Bandeira. Manuel Bandeira, um poeta pernambucano. O poema dizia o seguinte: “Vi ontem um bicho na imundície do pátio, catando comida entre os detritos. Quando encontrava algo, não examinava, nem cheirava, engolia com voracidade. Este bicho não era um cão, não era um gato, não era um rato. Este bicho, meu Deus, era um homem.”

Eu pensava que devia ser um dragão, um urubu, que bicho seria esse? E lá dizia que esse bicho era um homem. Então, o contato com esse poema quando eu tinha dez anos de idade modificou a minha visão. Eu fiquei interessado em saber por que o homem estava comendo aqueles detritos. Então, a literatura, a poesia, o

livro e a palavra têm esse poder de nos conscientizar, de nos alertar. Minha palavra para vocês é de que a leitura é necessária. Eu nasci no sertão de Pernambuco, hoje eu moro em São Paulo. Ver essa criançada toda aqui, esse pessoal todo aqui reunido, lendo, discutindo, me deixa muito feliz. Eu quero dividir com vocês essa felicidade.

– Marcelino, como você começou a escrever?

**Marcelino** – Eu comecei a minha experiência como escritor escrevendo para teatro, e os primeiros textos eram para crianças, eram textos infantis. A primeira peça eu escrevi com 13 anos de idade e, quando foi encenada, lá no Recife, eu estava com 14 anos. Era um peça infantil chamada *O reino dos palhaços*. Depois, escrevi *O inventor que inventou um inventor* e outras peças de teatro. Eu comecei a fazer teatro aos nove anos de idade. Cheguei para uma professora e disse que queria fazer teatro. Nem sabia o que era teatro, mas achava bonito o nome teatro e pensava que isso devia ser uma coisa boa. E aí fui fazer. Essa vivência com o teatro realmente modificou a minha visão, pois eu comecei a descobrir coisas maravilhosas. E aí eu comecei a escrever. Comecei escrevendo poesia, também escrevi para adultos, e hoje eu sou um ficcionista da nova geração de escritores brasileiros e, entre uma prosa e outra, eu publiquei um livro chamado *EraOdito*, que é um livro de frases famosas, de provérbios. Só que eu desvirtuo as frases. Eu faço uma brincadeira com esses provérbios, com essas máximas, com essas frases famosas. É um livro que foi adotado pelo governo do estado de São Paulo, e distribuído para todas as bibliotecas do estado, e é utilizado em sala de aula para redação. As crianças e adolescentes brincam com essas descobertas e me enviam o que eles descobriram sobre essas frases. O que é que eu faço nesse livro? Eu pego uma frase famosa e revelo outras leituras. Eu costumo dizer que toda palavra lavra, “toda palavra colhe”. O Drummond dizia: “Penetre surdamente no reino das palavras”. Então, eu gosto de ficar brincando, é um livro lúdico, e as crianças se divertem muito, os adolescentes, os leitores de todas as idades. *EraOdito* é um livro que está sendo estudado aqui na Jornadinha.

- Meu nome é Júlia, sou do Colégio Evangélico de Panambi e gostaria de saber se alguém incentivou vocês a escreverem?

**Bartolomeu** – Bem, meu incentivo para escrever foi o meu avô. O meu avô era um cara que escrevia muito nas paredes da casa e eu comecei a aprender a ler com ele. À medida que ele escrevia, eu ia decifrando isso. Eu tinha também uma professora que contava muita história no fim de cada aula. Então, eles foram os grandes responsáveis pela minha vontade de ler e escrever.

**Marcelino** – Ah, eu nasci numa região muito pobre, no alto sertão de Pernambuco, onde acontecem as secas, as pessoas não têm água, não têm o que comer, o sol devasta tudo, acaba com tudo. Eu não sou de uma família que tinha tradição de leitura, ou que tinha uma biblioteca em casa, que tinha vários livros. Então, houve a insistência da minha mãe para que ao menos os filhos mais novos estudassem, porque os mais velhos trabalhavam na roça. Então o meu incentivo veio da escola, de professores que começaram a me mostrar poesias. O teatro também me incentivou muito, o contato com o teatro aos nove anos de idade. Eu tinha tudo para não ter lido nada, não ter feito nada, mas aí há esses professores, esses educadores que aparecem na vida da gente para nos salvar, para nos orientar. Então, a luta de minha mãe para que pelo menos os mais novos estudassem foi o primeiro incentivo e, na escola, eu encontrei professores maravilhosos, que me mostraram um outro mundo.

- Meu nome é Caroline, sou da escola Maurício Sirotski Sobrinho. Eu gostaria de saber no que vocês se inspiram para fazer as histórias?

**Bartolomeu** – Olha, para fazer uma história você tem que estar olhando o mundo sempre. Você tem que não ter medo da fantasia. Você precisa deixar a cabeça solta para pensar e não pode ter nunca medo da fantasia. Você deve descobrir o que os olhos não vêem. Isso que é importante para a gente escrever.

**Marcelino** – Concordo com o Bartolomeu. Na vida, tudo é inspiração. Eu estou saindo daqui da Jornada doido para chegar em casa e escrever um poema. Olha, isso aqui é inspirador, esse movimento aqui na Jornadinha. Eu gosto muito da palavra, do

poder de desmembramento que a palavra tem, as palavras dentro das palavras. Então, a palavra em si, a música, tudo me inspira. Eu sou movido pelos sons das coisas também.

- Meu nome é Lucas Hass. Eu gostaria de pedir para o Bartolomeu Campos Queirós explicar por que ele quis incentivar os leitores com o livro *Faca afiada*?

**Bartolomeu** – No livro *Faca afiada* eu brinco muito com o entendimento das coisas. Às vezes, uma pessoa fala uma coisa e você entende outra. Em *Faca afiada*, que é uma história em cima do suspense, do crime, é uma história quase que de terror, eu trabalho nessa perspectiva: quando uma pessoa fala uma coisa e você entende outra. Então, eu procuro falar uma coisa e deixar o leitor entender outra.

- Eu sou Tiago Bitencourte que iria saber qual livro vocês mais gostaram de escrever?

**Bartolomeu** – Eu acho o seguinte: você não tem um livro que você mais goste de escrever, porque você acha que o último vai ser sempre melhor que os outros. Então, eu estou agora inclinado a escrever outro livro e penso que este pode ser melhor do que os anteriores, mas nem sempre o leitor concorda.

**Marcelino** – Cada livro é uma viagem, cada livro é uma paixão. Quando a gente está escrevendo aquele livro, a gente está curtindo aquelas descobertas. Então, cada livro é uma emoção. Quando a gente termina aquele livro, aí começa outro, e a gente se apaixona por uma outra história. Eu concordo com o Bartolomeu, não tem aquele livro que a gente gostou mais. A gente gosta do livro naquele momento em que o está escrevendo e continua gostando dele depois. É feito filho, você adora, ama aquele filho, ama o segundo filho, ama o terceiro filho, ama a todos igualmente.

- Meu nome é Claimar, eu sou do colégio Instituto Menino Deus e gostaria de perguntar o que vocês sentem ao escrever, qual é a emoção?

**Bartolomeu** – A emoção que te carrega é muito grande. Eu, por exemplo, brinco com meus amigos lá em casa que, quando eu

escrevo, é como se eu estivesse fazendo um carinho em mim. Então, eu me acaricio quando escrevo, eu fico feliz quando eu escrevo um texto. Pode ser que ele não seja bom para o leitor, mas foi muito bom para mim escrever o texto. É sempre essa emoção de ter uma idéia nova, de descobrir uma coisa que eu não sabia que sabia. Ao escrever, eu descubro que eu sei mais do que eu achava que sabia.

**Marcelino** – Quem é que sabe jogar bola aqui? E basquete? E vôlei? E natação, quem é que pratica? Quem é que sabe dirigir um carro de Fórmula 1? Eu não sei fazer nada disso. Eu não sei jogar bola, sou péssimo jogador, não sei jogar basquete, não sei jogar vôlei, não sei nadar, não sei dirigir carro, não sei fazer nada disso. Então, como eu só sei escrever, quando eu escrevo creio que sinto a mesma emoção de quem joga, de quem nada, de quem dirige. Eu escrevo com muita emoção, cada coisa que eu escrevo para mim é um gol, é nadar o mar inteiro.

- Meu nome é Tainá, eu sou da escola Círculo Operário e quero perguntar para o Bartolomeu Campos Queirós o que ele acha que deveria ser feito para que no mundo existissem mais pessoas como a Flora?

**Bartolomeu** – Eu gosto dessa pergunta, acho uma pergunta extremamente inteligente, porque quando eu escrevi *Flora* comecei a perceber que dentro de cada semente existe toda uma história da família dessa semente. Se for uma semente de uma árvore, essa semente guarda dentro dela a árvore futura, e essa semente guarda também a história da árvore a que ela pertenceu. Então, a semente para mim é uma coisa extremamente bonita. Uma coisa que eu acho muito boa, muito bela. Mas, ao mesmo tempo, eu me entristeço porque, para a semente brotar, é preciso que você a faça apodrecer. Há uma certa tristeza minha no mesmo encantamento que eu tenho pela Flora, é a mesma tristeza que eu sinto de ter que apodrecer a semente para ela poder brotar. Isso para mim é difícil, mas eu gosto do livro, acho o livro interessante e gosto muitíssimo da semente. A semente sempre me põe a pensar muita coisa.



Rogério Barbosa

Bom, eu sou do Rio de Janeiro, então vocês imaginem o frio que eu estou sentindo. Eu estou congelando, mas, ao mesmo tempo, nós somos tão bem recebidos, nós temos esse calor humano aqui e podemos estar frente a frente com nossos jovens leitores e leitoras. Eu, quando menino, viajava nos livros. Os livros para mim sempre foram como verdadeiros tapetes voadores, que me levavam para lugares distantes e misteriosos. Eu sempre viajava nos livros e, hoje em dia, eu viajo graças aos meus livros. Graças aos meus livros eu estou aqui, durante essa semana, em Passo Fundo, tendo contato com esta Jornada de Literatura e também

tendo o prazer de conhecer os meus leitores daqui do sul. Eu tive a sorte de nascer numa casa rodeado de livros. Meu pai era professor. Então, na minha casa havia muitos livros e eu sempre gostei muito de ler. Eu era um verdadeiro rato de biblioteca. Sempre andava com livros embaixo dos braços, hábito que eu mantenho até hoje. Eu sempre tenho um livro dentro da pasta. Eu viajo muito, corro o Brasil inteiro, e sempre aproveito para ler no avião, no saguão do aeroporto, no hotel. Mas eu também leio em fila de ônibus, em fila de supermercado, em fila de banco, enquanto espero as pessoas andarem. E é realmente um prazer enorme ver aqui uma lona lotada de leitores. O importante é que vocês estão aqui, estão tendo contato com os autores, podendo ver que os autores são pessoas de carne e osso também. Eu acho que nós estamos aqui principalmente para ouvir as perguntas de vocês.

– No que o senhor se inspira para fazer seus livros?

**Rogério** – Bem, como viajo muito, tiro as minhas idéias das viagens que faço. Eu, por exemplo, viajei pelo rio São Francisco colhendo histórias com as próprias crianças que vivem às margens do rio. Essa foi uma experiência realmente muito interessante. Mas muitas idéias eu tiro de jornal. Jornal, para mim, é um material muito rico, ainda mais jornal brasileiro, que você abre e todo dia tem crime, tem assalto, tem corrupção. Em casa, eu tenho uma pasta, que eu chamo “baú de idéias”. Então, sempre que vejo uma notícia interessante num jornal, eu recorto e guardo na pasta, porque um dia eu posso usar uma dessas notícias como material também para as minhas histórias.

– Qual foi o teu primeiro livro?

**Rogério** – O meu primeiro livro eu fiz baseado num diário, eu gosto de fazer diário. Eu trabalhei na África durante dois anos, fui professor voluntário a serviço da ONU num país africano chamado Guiné-Bissau. Quando eu voltei de Guiné-Bissau, a partir do diário que eu fiz, escrevi o meu primeiro livro, que se chama *Um professor brasileiro na Guiné-Bissau*. Depois eu comecei a fazer livros infantis e juvenis também.

– Você gosta de ser escritor?

**Rogério** – Eu adoro, porque, como eu disse a vocês, uma coisa que eu gosto muito de fazer é viajar, e hoje, graças aos livros, eu viajo muito. Então, eu gosto muito da minha profissão. Dá trabalho, mas é muito prazeroso.

– Qual o melhor livro que você já escreveu?

**Rogério** – Esta pergunta sempre me fazem quando eu visito escolas, e a resposta é sempre a mesma: livro é igual a filho, eu gosto de todos. Mas, na verdade, o livro de que eu mais gosto é o último, aquele que eu estou fazendo, porque eu vou dormir e estou pensando naquela história, acordo pensando naquela história, vou andar de bicicleta na praia e estou pensando naquela história. Então, o melhor é sempre o último.

– Quantos anos o senhor tem de profissão?

**Rogério** – Olha, eu já gostava de escrever desde quando eu tinha a sua idade, desde o tempo de colégio. Eu gostava de ficar inventando histórias nas páginas finais do caderno. Quer dizer, a escrita veio para mim desde muito cedo. Agora, escrever profissionalmente, publicar livros, isso faço há 18 anos.

– Rogério, quando você era pequeno e os professores perguntavam o que queria ser, você já tinha na cabeça que queria ser escritor?

**Rogério** – Não. Quando garoto, eu não tinha idéia, mas eu queria uma profissão que me permitisse viajar. Então, a primeira profissão em que eu pensei foi a de marinheiro, porque eu queria viajar, conhecer o mundo. Então, essa foi a minha primeira opção. Eu não consegui ser marinheiro, mas consegui fazer o que os marinheiros fazem, que é dar a volta ao mundo. Eu tenho a felicidade de conhecer os cinco continentes, conheço mais de cinquenta países, quer dizer, eu sou um marinheiro sem navio.

– No que você se inspirou para escrever Rômulo e Júlia?

**Rogério** – Durante o governo Collor eu tive oportunidade de assistir à maior passeata que foi feita pelos estudantes no Bra-

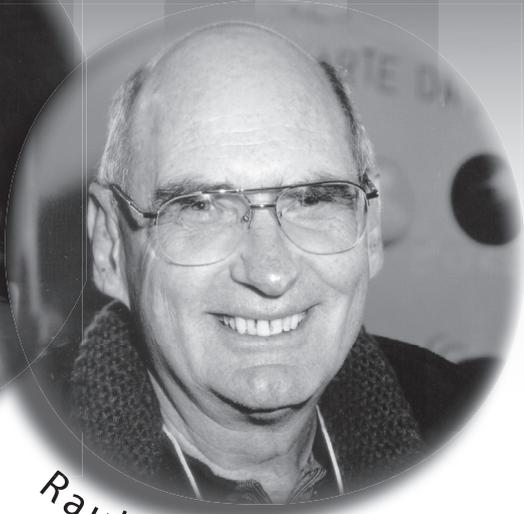
sil, a dos Caras-Pintadas, no Rio de Janeiro. Imaginem, cem mil jovens de vários colégios do Rio de Janeiro na rua. E eu fui acompanhando a passeata e senti que rolava um clima assim de muita paquera, deu muito namoro entre os jovens, que eram de várias escolas. Daí me deu a idéia de dois personagens se encontrarem ali durante a passeata e serem filhos de famílias inimigas, porque o título do livro é proposital: *Rômulo e Júlia* lembram Romeu e Julieta. Eu tentei fazer um Romeu e Julieta moderno. Essa foi a idéia básica do livro.

– Em que você se inspirou para escrever *O perigo mora nas ruas*?

**Rogério** – As idéias surgem de várias maneiras. Essa história é sobre uma bruxa, cuja a história eu pesquisei nos arquivos na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Li que, durante o Império, no Rio de Janeiro, havia uma mulher, chamada “Leonora”, que se mantinha sempre jovem. Dizem que ela já tinha mais de cem anos mas tinha a aparência de uma moça muito bonita, de vinte anos, e que ela se mantinha sempre jovem porque tomava um banho com sangue de crianças escravas, que ela mandava matar. Eu achei esse tema muito interessante, fui pesquisar mais sobre essa mulher e a coloquei no Rio de Janeiro atual. É a mesma mulher, já com duzentos e poucos anos, mas com uma aparência jovem. Porém, como a escravidão acabou, ela mata crianças negras de rua. Na verdade, é uma crítica que eu faço, porque a escravidão acabou, mas a maioria das crianças que vivem abandonadas nas grandes cidades é geralmente negra.



Edith Modesto



Raul Drewnick

Edith Modesto – Boa-tarde a todos. Eu não vou me cansar de repetir que estou muito feliz de estar aqui na Jornada, é maravilhosa esta iniciativa. Achei Passo Fundo linda e todas as pessoas muito simpáticas. Agradeço a acolhida que tive aqui. Fiquei muito feliz porque alguns jovens se interessaram em ler os meus livros. Eu queria dizer que essas minhas histórias envolvendo o computador foram fruto de uma angústia minha, por eu ter dificuldade de aprender informática. Aí, fiquei com pena de quem estava começando e pensei que a melhor maneira era através de uma aventura, de uma história leve, assim a gente aprende os conceitos básicos e se anima para pegar os outros livros mais com-

plicados. Essa foi a minha idéia. Além disso, o tema deste evento é a inclusão e eu acho que a maneira dos escritores falarem sobre inclusão é através de suas histórias. Então, as nossas aventuras, as minhas e as do Raul, se vocês observarem bem, todas falam um pouco de inclusão. A série Meu Computador fala da inclusão digital, do jovem também aprender computação, e outros livros meus que escrevi para a série Vaga-Lume também falam sobre inclusão.

Raul Drewnick – Oi, pessoal. Eu vim lá de São Paulo para contar a vocês uma novidade absoluta, total, incontestável: está fazendo um frio danado por aqui. Eu até brinquei com meus colegas que vocês arranjaram esse frio com os meteorologistas só para ver o contraste desse frio com o calor que vocês passam para a gente. Eu não vou me alongar muito, porque acho mais produtivo aquele bate-papo, perguntas e respostas. Eu vou só desenvolver com vocês o seguinte raciocínio: para que serve a literatura? Às vezes, me perguntam se a literatura resolve problemas e eu digo que não, que a literatura não existe para resolver problemas, mas é a melhor forma, talvez, de você expor os problemas, para que depois sejam resolvidos. E eu diria mais, a literatura serve também para isso aqui, para expressar essa simpatia de vocês, esse amor aos escritores e, claro, em esfera maior, o amor pela leitura. Se fosse dizer três palavras para vocês, eu diria: leiam, leiam, e leiam!

– Quanto tempo vocês demoram para escrever um livro?

Raul – Olha, cada livro pede um tempo, alguns demoram muito, outros pouco. Eu uso, em média, uns 45 dias, isso para escrever o livro. Porque a idéia surge antes, e vou trabalhando ela no cérebro, vou pensando, embora eu não pense muito. Eu gosto do espírito de aventura que o livro proporciona ao leitor. Eu começo o livro e nunca sei direito como ele termina, pode ser uma falha, há escritores que gostam de ter tudo bem estruturado. Eu começo e dou liberdade aos personagens. Às vezes eles me derrubam, mas às vezes me levam para um bom caminho.

Edith – Antes de começar um livro, eu converso com os jovens e com os professores, como estou aqui conversando com vocês, e vejo do que os jovens gostam e do que os professores gostariam que eu

tratasse. Aí, eu faço uma pesquisa e quem ajuda novamente são os jovens. Quando eu escrevi sobre futebol, quem me ensinou sobre futebol foram os jovens; quando eu escrevi sobre surfe, quem me ensinou sobre surfe foram os jovens. Eu até faço agradecimento aos meus colaboradores nos meus livros. O último livro que eu escrevi para a série Vaga-Lume foi sobre *skate*, onde faço um agradecimento especial ao Felipe, que é um menino muito pobre. Eu entrevistei meninos de rua e agradeço a eles pelo que me ensinaram. Então, o meu livro começa com essa pesquisa toda. Quando vou escrever, escrevo a jato, em três meses, no máximo, o livro está pronto. Escrevo muito rápido. Eu queria falar mais uma coisinha; adoro receber cartas. Então, eu tenho um projeto que se chama “Meu amigo escritor”. Quem quiser escrever cartas para mim, por favor, escreva, eu adoro receber; eu respondo uma a uma e ainda mando uma surpresinha para quem me escreve. Os professores que quiserem ensinar a escrever uma carta pessoal podem pedir para os alunos que me escrevam, eu vou ficar muito feliz. Não precisa ter lido meu livro para me escrever, pode escrever sobre qualquer assunto que quiser, é só me escrever que eu respondo. O meu endereço está nos livros da Editora Ática. Se vocês forem de uma escola, ponham também o nome e o endereço da escola.

- Eu li *O preço da coragem* e queria saber como veio a inspiração para esse livro?

Raul – Olha, a inspiração para este livro veio de um supermercado perto de minha casa. Eu sou um escritor que lida com a fantasia mas partindo do cotidiano, não gosto de fantasiar demais. Acho que o Brasil tem muitos problemas para a gente ficar brincando de literatura. Eu gosto de fazer livros que tenham pelo menos um pé na realidade. Há um supermercado perto de casa, todo dia eu passo lá. Certa vez me ocorreu que o supermercado é um mundo à parte, com aquelas ambições todas convivendo: um que quer subir de posto, outro que quer namorar a garota da caixa, a garota da caixa que não gosta do gerente. As coisas do dia-a-dia se concentram num lugar, que é o supermercado, e a mensagem que o livro tem para levar é a seguinte: há garotas e garotos que em determinado momento da vida, antes dos outros, são obrigados a colaborar com o orçamento familiar e, no caso da heroína do livro, a Claudete, ela

mesma toma essa decisão. Ela quer colaborar com a família, não quer ver mais aquelas privações, quer deixar de ser aquela bonequinha da mamãe e do papai para ser uma garota de verdade.

– Qual o nome do seu livro sobre skate?

**Edith** – É *Manobra radical*, acabou de sair pela série Vaga-Lume. O lançamento é aqui em Passo Fundo, aqui na Jornada. É a história de um menino branco e de um menino negro, um é pobre, o outro é rico. Eles são amigos por causa do *skate*, é o esporte que une os dois. Mais uma vez, é um livro sobre inclusão, está bem dentro do tema da Jornada.

– Eu gostaria de saber se a idéia de escrever o livro *A grande virada* veio justamente porque você tem grande atração por futebol?

**Raul** – Não, poderia até ser, mas no caso do livro é a menina que joga futebol. Eu quis com esse livro duas coisas: primeiro, divulgar o futebol feminino, porque eu acho muito estranho que no Brasil as escolas tenham handebol, vôlei, basquete e não tenham futebol, pois, as meninas jogam bem, trouxeram uma medalha agora no Pan; a outra idéia é que a droga pode ser combatida eficazmente pelo esporte, e há vários projetos nesse sentido. Eu não tive experiência com droga desse tipo que anda por aí, mas eu tive problemas com álcool. Então eu posso falar com certa autoridade, com conhecimento do tema, pois, se eu não tivesse tomado a providência na época certa eu não estaria tendo este prazer hoje de conviver aqui com vocês, porque eu já estaria morto, enterrado e esquecido há muito tempo.

– Qual o livro de vocês que fez mais sucesso?

**Raul** – Olha, *Um inimigo em cada esquina* é o que faz mais sucesso. É o primeiro e o que está fazendo o melhor caminho na área de vendas.

**Edith** – Para mim é um pouco difícil falar porque eu estou escrevendo só há três anos. Eu só dava aula: de manhã, de tarde, de noite, de madrugada, na hora da Ave-Maria, nos sábados. Mas meu filho um dia falou: “Mãe, seu sonho não era escrever? Melhor

“você parar de dar tanta aula, senão vai morrer e nunca vai escrever”. Então, resolvi parar algumas aulas para poder escrever. Não dá para falar muito, mas meus livros que estão vendendo mais são os dois primeiros: *Viagem ao centro do computador* e *Nas ondas do surfe*. Eu falo de surfe e de drogas.

– Qual o livro de que vocês mais gostam?

**Raul** – Dos novos? É difícil falar. Eu gosto de *Um inimigo em cada esquina*, por ser o primeiro talvez gosto do livrinho sobre basquete e vôlei porque acho que é o meu livro mais simpático, é um livro ensolarado, juvenil, não tem muito problema naquele livro. Nos outros livros eu já tento entrar mais no cotidiano de São Paulo, que imagino que seja diferente do cotidiano de vocês, pois é um cotidiano um pouco mais sombrio, um pouco mais desgastante e problemático.

**Edith** – Todos são preferidos, mas eu gosto muito de pássaros, de animais silvestres. Então eu escrevi um sobre os animais silvestres, que se chama *SOS Ararinha-Azul*, da série Vaga-Lume. Eu fiquei impressionada de ver o que fazem com os nossos animais silvestres. Eu acho que tenho um carinho especial por esse livro, porque eu adoro os pássaros.

– Raul, no livro *A grande virada* você fala da roleta paulista, onde o jovem desafia a própria morte passando a sinaleira fechada. Isso existe na grande São Paulo?

**Raul** – Olha, é um caso em que a ficção retrata a realidade mesmo. Existem coisas piores. Vocês, aqui, eu imagino que sejam privilegiados em vários aspectos. São Paulo é a cidade na qual eu nasci, mas está cada vez mais difícil quando chega 25 de janeiro, que é a data de aniversário de São Paulo, e me encomendam aquelas crônicas que falem bem da cidade. Eu preciso voltar no tempo, reassumir o menino que eu fui para poder falar bem de São Paulo, infelizmente. São Paulo está precisando de uma sacudidela assim como esta que vocês estão dando aqui, porque eu acredito que nada começa sem educação e cultura. Cultura e educação não são luxo, não são lazer, são a base de qualquer coisa que a gente queira melhorar no Brasil.

- Nós estamos crescendo em meio a muita guerra, corrupção e preconceito. Eu gostaria que vocês nos deixassem uma mensagem de paz.

**Edith** – Infelizmente você tem razão, tem muita coisa triste por aí. Mas a gente precisa olhar para o lado positivo, ver as coisas boas que estão acontecendo, como esta Jornadinha, e tentar que elas se multipliquem, porque na hora em que acontecimentos como a Jornadinha se multiplicarem, essas barbaridades que estão acontecendo vão diminuir. Nós estamos colhendo o que foi plantado, plantaram vento e estão colhendo tempestade. Não ligaram para a educação dos jovens, para a cultura, não ligaram para os professores, não incentivaram o professor, e o que aconteceu? Ficou esse caos que está aí. Então, na hora em que a gente olhar para essa coisa maravilhosa que são as Jornadas de Passo Fundo e tentar fazer coisas semelhantes pelo Brasil, vocês vão ver que todo esse horror vai diminuir, até que um dia, se Deus quiser, vai acabar.

**Raul** – Eu concordo, ela resumiu tudo: semeiam ventos, colhem isso aí, a pior das tempestades. Vocês são exemplo de que alguma coisa pode mudar agora, e talvez quase tudo possa mudar no futuro.



Márcia Kupstas



Marcelo Carneiro da Cunha

Márcia Kupstas – Eu gostaria de começar a conversa lançando uma pergunta para vocês, uma coisa para vocês pensarem. Imaginem que vocês, dos 8 aos 18 anos, sintam na sua pele todos os sentimentos humanos. Se vocês fossem contar para alguém, aos 18 anos, tudo o que vocês passaram, é provável que essa pessoa falasse: “Puxa, por que você não escreve um livro?” Realmente, uma vida que fosse tão rica de sentimentos talvez merecesse ser contada em romance. Aí, nós estamos diante de uma questão que eu quero dividir com vocês. Para que servem os romances, os livros, as histórias? Será que eles existem só para alguém responder a uma prova na escola, ou para encher a paciência do leitor?

Na verdade, a arte vem se manifestando através dos tempos porque serve exatamente como aprendizado da alma. Veja bem, você não precisou sentir na sua pele, dos 8 aos 18 anos, por exemplo, o que é um ciúme feroz se você assistiu a uma peça chamada *Otelo*, de Shakespeare; você não precisou matar nenhuma velhinha a machadadas para saber o que é remorso, se você leu um livro chamado *Crime e castigo*, de Dostoiévsky; você não precisou ficar órfão nem se sentir diferente e sozinho na vida se você leu *Harry Potter*, que resgata exatamente essa sensação de estranhamento, solidão, adolescência, orfandade. A arte nos completa com a possibilidade de conhecer o próprio sentimento. Quantas vezes você está sozinho no seu quarto, sentindo-se mal, e ouve uma música, presta atenção na letra e, de repente, diz: “Pô, este cara está dizendo exatamente o que eu queria falar”. Quantas vezes você está sozinho, se sentindo incomodado, achando que aquele amigo está te traindo, que aquela menina não quer saber de você e então lembra da história que você leu e que colocava aquilo pelo que você está passando de uma forma visível. A grande função da arte é trazer este aprendizado dos sentimentos. Na escola você vai aprender a conhecer o que o homem descobriu através da razão: matemática, ciências, história, geografia, química, biologia... A literatura é uma forma de você fazer contato com o conhecimento da alma, dos sentimentos. Então, você não precisou sentir na pele todas as coisas, você vai encontrar personagens que foram viver essas coisas por você. O que eu quero dizer, para quem não tem o hábito de leitura, é o seguinte: dê uma chance ao livro. A leitura é um hábito. Já houve um momento na sua vida em que você não sabia usar o garfo e faca, mas você aprendeu, e hoje, se você sentar numa mesinha de lanchonete e alguém pegar o bife com a mão para comer, você vai ficar horrorizado. Mas você mesmo já fez isso na infância, depois aprendeu a usar garfo e faca. Eu acho curioso que aqui no Brasil ninguém se horrorize com o fato de as pessoas falarem que não têm o hábito da leitura, que não lêem. Parece até que é normal, é legal não ler. Hábito se conquista. Se você não tem esse hábito, tente conquistá-lo, aprenda a usar o garfo e a faca dos livros. Comece por uma história curta, procure um momento especial de concentração para ler, ou converse com alguém a res-

peito de uma história que trate de um assunto que te interessa. Então, essa é a mensagem que eu gostaria de passar. Espero que vocês aproveitem a Jornada, que está muito bonita. Obrigado.

**Marcelo Carneiro da Cunha** – Bom, eu sou jornalista e gosto muito de conversar. Então, as pessoas falam muito comigo e me contam muitas histórias. Quando eu acho uma história interessante, transformo essa história em livro ou em filme, em alguma coisa para a televisão. E o legal em fazer tudo isso é poder, depois, conversar com as pessoas. Eu tive já a oportunidade, aqui em Passo Fundo, várias vezes, de encontrar com leitores, um pessoal bem legal, muito crítico, muito atento para o que está lendo. É isso que eu espero aqui, que a gente tenha a oportunidade de conversar a respeito das minhas obras. Estou à disposição de vocês.

- Márcia, eu queria saber de onde você tirou inspiração para escrever *A segunda morte*?

**Márcia** - *A segunda morte* é um livro que entra na esfera do sobrenatural, do estranhamento, da fantasia. Eu gosto muito, como leitora, de livros que envolvem o terror; o sobrenatural, e escrevi algumas coisas nessa linha também. Quer dizer, eu não sou uma pessoa religiosa, voltada para algum dogma, mas gosto do sobrenatural como motivo literário. Em muitos momentos- chave, quando a pessoa está tomada de terror ou de algum estranhamento, ela age de uma maneira mais intensa, e *A segunda morte* é bem isso. Uma pessoa tem o dom de encontrar bicho perdido, bicho extraviado, e um grupo de adolescentes resolve, de uma forma até mesmo safada, usar esse poder do cara para encontrar uma criança. E a história vai rolando. Num certo ponto se cria um grande suspense sobre o que pode acontecer. É um livro que eu acho interessante. Agora está saindo do catálogo porque vou retrabalhar a história, porque eu gosto muito dessa idéia. Mas acho que o sobrenatural é um grande tema para literatura.

- Eu queria saber por que no livro *Nove Cois@s* e-mail que eu odeio você colocou um personagem de 11 anos tendo namorado?

**Márcia** – *Nove Cois@s* é uma gracinha de livro que eu lancei há muito pouco tempo. Estou animada de ver que vocês já o

estão lendo e falando dele. Você ficou estarelecida que ela tivesse 11 anos e meio e já estivesse namorando? Gente, eu acho que cada um tem todas as chances de arrumar ou não uma namorada. Essa personagem encontrou aos 11 anos e meio; tem uns que encontram mais cedo, outros mais tarde. A brincadeira era jogar com as idades, também. E acho que aí cada um vai encontrando o estranhamento. Depois, até me arrependi de ter colocado idade, devia ter deixado mais solto, mas é mais um jogo que se abre entre os sexos, quer dizer, que coisas a mulher não gosta neles, que coisas o rapaz não gosta nelas. Acho que isso ficou muito rico, e o livro está indo muito bem, exatamente por causa desse contraponto que é criado.

– Eu gostaria de saber qual livro vocês mais gostaram de ter escrito?

**Marcelo** – Na hora de escrever nunca é bom, porque dói tudo. Passar três horas, sentado na frente do computador, escrevendo, dá dor nas costas. Depois é legal quando se vê o livro pronto. Na real, eu não leio meu livro. Quem lê são os leitores, eles é que acham alguma coisa. Então é uma experiência dura e legal.

**Márcia** – Cada livro é um processo e uma coisa difícil de fazer. Mas eu costumo dizer que o livro é como um filho que a gente pode ter. E, às vezes, os filhos mais complicados são os mais queridos. Eu tenho alguns filhos complicados. Um deles foi o *Clube do beijo*, é um livro que a garotada e a moçada têm gostado muito. Mas ele está sendo massacrado nas escolas, inclusive tem algumas escolas botando fogo no livro e alguns pais que me chamam de “louca”. É gozado porque é um livro basicamente sobre um grupo de adolescentes falando sobre a vida, sobre sexo, na linguagem em que eles falam. Inclusive, eu pesquisei muito com a garotada, tive umas conversas interessantes com os adolescentes a respeito, e é legal você ver o retorno da moçada, quando você está conseguindo chegar lá. E até não deixa de ser legal quando você tem a contravoz, quando está na contracorrente da ordem das coisas. Então, eu acho que eu estou certa, que o livro está funcionando. Por isso, o livro especialmente querido neste momento da minha carreira e, que tem dado muita polêmica, é *Clube do beijo*.

- No que você se inspirou para escrever o livro *Ímpar*?

**Marcelo** – Este livro está sendo muito legal. Eu falei que sou jornalista, não me inspiro muito, não curto esse negócio de inspiração: ficar sentado, esperando que caia uma inspiração na cabeça da gente. O negócio é trabalho mesmo. Eu estava na praia e duas casas depois da minha tinha um garoto que não ia para a praia. Eu também não gosto muito de ir para a água, a gente se afoga. Então eu fico em casa, quietinho. A minha namorada vai surfar, e eu fico lendo. Um dia fui conversar com o garoto que não ia à praia, curioso para saber qual era o motivo. Ele tinha perdido o braço num acidente de carro, uma coisa dura, triste. Ele me contou a história dele, de como fora o acidente: tinha um bêbado imbecil que bateu no carro dele. Depois, em Porto Alegre, conheci uma clínica de garotos e garotas que tinham problemas físicos e faziam fisioterapia. Era um pessoal muito legal, não faziam papel de coitadinho, se consideravam iguais a todo mundo, só que queriam rampa para subir nos prédios, para poderem se movimentar como todo mundo. Eu imaginei como é que seria se esse garoto que perdeu o braço no acidente conhecesse essa turma, o que iria acontecer com ele, e saiu o *Ímpar*, que é muito legal; estão lendo no Brasil todo. Eu estou bem contente com o livro. O pessoal diz que a garotada não quer ler sobre coisa dura, a garotada quer ler sobre coisa bem alegre. Não é assim, não. Quando o livro é legal, o pessoal lê mesmo.

- Se vocês não fossem escritores que profissão iriam seguir?

**Márcia** – Olha, eu acho que seria o que já fui, acho que teria uma profissão vinculada ao livro. Eu já lecionei literatura, escrevi em revista e trabalhava com o texto, também. Não escrevia ficção, mas avaliava, lia e ensinava literatura.

**Marcelo** – Não tenho a menor idéia.

- Eu queria perguntar para a Márcia por que ela gosta de escrever livro romântico?

**Márcia** – Olha, eu gosto muito de escrever livro romântico, mas eu gosto também de histórias de terror, gosto muito de lidar com sentimentos fortes. Como comentei na fala inicial, acho que é

muito bom quando o leitor pode encontrar no livro o retrato de um sentimento que ele está vivendo. Então, eu procuro retratar grandes experiências. E acho que não há experiência mais bonita do que a vida que você pode ter. Então, vivendo numa favela ou numa mansão, em algum momento o garoto, a garota vai ter que dar um primeiro beijo, vai ter que ter um primeiro relacionamento sexual, vai ter que ter um primeiro gesto adulto de criticar a família, de questionar os pais. Então, eu busco sentimentos fortes, e é claro que as experiências emocionantes, as experiências românticas são muito marcantes na vida de todo mundo.

- Márcia, eu queria saber por que você trabalha com os temas da adolescência?

Márcia – Olha, eu diria que a adolescência é um marco na vida de muita gente e na minha também foi. Eu gosto do público jovem, acho o público jovem realmente participante, atuante. Vocês, quando gostam de um livro, vão atrás, lêem muitas vezes toda a obra de um autor. Vejo acontecer isso com muita gente que leu meus livros. Esse retorno que eu tenho com o jovem é muito grande, é uma coisa que acontece com muita intensidade. A maior parte da minha obra é para jovens, e eu gosto muito desse retorno que eu tenho com o público.



Adriana Falcão



Jorge Furtado



Luís Augusto Fischer



Deonísio da Silva



Joel Rufino dos Santos

Adriana Falcão – Oi, gente, eu vou falar bem pouquinho, porque eu não sei falar, por isso escrevo. Eu me tornei escritora por acaso. Um dia, um ator me pediu que eu escrevesse uma peça de teatro para ele; eu tentei escrever a peça, mas não consegui. Sou completamente burra para escrever peça. Aí foi me dando uma aflição e acabei escrevendo um livro, que se chama *A máquina*, que foi publicado por acaso. De uma peça que não deu certo, saiu um livro. E aí eu fui convidada para escrever umas crônicas para a revista *Veja*, e uma das crônicas, chamada “Mania de explicação”, saiu num domingo. Na segunda-feira me ligaram perguntando se eu queria transformar essa crônica em livro. Então, mais uma vez, publiquei um livro sem pretender, sem planejar. Aí, eu me convenci de que esse negócio de livro estava entrando na minha vida e escrevi um livro chamado *Luna Clara & Apolo 11*, para adolescentes. O que eu conto para todo mundo, o que eu concludo dessa minha história é que, às vezes, não adianta muito a gente planejar as coisas e fazer as coisas para um determinado fim. Se você fizer com carinho, fizer legal, às vezes as coisas te

trazem um retorno muito maior do que você esperava, como foi o que aconteceu comigo.

**Jorge Furtado** – Boa-tarde, é um prazer estar aqui, eu sou meio turista nessa terra de escritores. É minha primeira vez em Passo Fundo, é o meu primeiro livro que escrevo. Eu acho que em algum momento da vida da gente, ou porque a gente odeia matemática e química, ou não sei por quê, a gente fica querendo sair desse mundo, ir para um outro mundo mais interessante. Isso acontece muito através do gibi, dos super-heróis e também da literatura. Eu me lembro do prazer que foi ler *O tempo e o vento*, sozinho no meu quarto, e descobrir que estava amanhecendo e eu continuava lendo. Então, eu acho que o livro é uma grande companhia. Eu tenho filhos adolescentes e também uma filha pequena e adoro contar histórias para eles, sempre gostei de contar histórias. Acho que a literatura infantil foi reinaugurada por Lewis Carroll com *Alice no país das maravilhas*, que para mim é até hoje o maior livro infantil já escrito, porque foi escrito pelo prazer da história. Todos os livros, todas as histórias infantis, até aquele momento, tinham uma moral, tinham uma função educativa. *Chapeuzinho Vermelho*, por exemplo, é uma história que tem a seguinte moral: “obedeça à mamãe e vá pelo caminho do rio”. A história *Os três porquinhos* ensina: “primeiro o trabalho, depois a diversão”. Todas as histórias infantis tinham uma moral, e Carroll, que era um professor de matemática e de outras coisas também, estava passeando de barco com três meninas e mais um amigo, no rio, certa tarde, e elas pediram que ele contasse uma daquelas histórias sem pé nem cabeça que ele gostava de contar. Ele começou a inventar uma história: “Era uma vez uma menina que estava lendo um livro e viu um coelho passeando com um relógio...” E as meninas perguntavam: “E aí, o que aconteceu?” E Carroll foi inventando uma história simplesmente pelo prazer de entreter. Então, acho que a literatura infantil e a literatura em geral sempre é uma grande companhia, ela nos transporta para um outro mundo, ela nos faz crescer, nos faz imaginar. Eu virei diretor de cinema talvez por influência dos primeiros gibis que eu li, porque a história em quadinhos é a coisa mais parecida com cinema que existe, é a palavra associada com a imagem. Para fazer cinema comecei a escrever roteiros, mas nunca perdi a paixão pelos livros e pela leitura. Eu sempre digo

para quem quer fazer cinema, para quem quer fazer televisão: “Vai ler”. Porque é através da leitura que a gente cria imagens na cabeça e se torna cineasta. Então, o que eu tenho para dizer, para começar, é que vocês leiam muito. A gente aprende na escola os elementos da tabela periódica, as capitânicas hereditárias, o logaritmo, o “pi”, e tudo isso a gente esquece, mas o livro que leu a gente nunca mais esquece, é um companheiro para o resto da vida.

**Luís Augusto Fischer** – Boa-tarde. Meu nome é Luís Augusto Fischer e eu sou professor de literatura e língua portuguesa. O que me ocorreu contar aqui para vocês é como eu comecei a escrever. Eu sou filho de um professor de português e latim e acho que isso foi decisivo na minha vida. Eu tinha um pai que era um cara que gostava muito de falar, ainda está vivo e nos ensinava muitas coisas assim de brincadeira. Por exemplo, o meu nome é Luís Augusto, é um nome esquisito, eu não sei se gosto dele, mas meu pai dizia assim: “Teu nome tem um substantivo, Luís, e um adjetivo, Augusto, que quer dizer uma coisa nobre, bacana”. Eu me lembro que era gurizinho e meu pai já contava essas coisas. Como acontece com todo mundo, às vezes a gente está lendo um texto, está lendo uma placa na rua e tem uma palavra que a gente não conhece. Então eu perguntava: “Papai, o que quer dizer isso aí?” Ele, em vez de me responder, me perguntava se eu não conhecia nenhuma palavra parecida com aquela. Eu ficava pensando e, às vezes, encontrava uma parecida. Aí, ele ia me ensinando a aproximar os significados e a pensar sobre as palavras, a “cara” das palavras, isoladamente. Talvez seja por isso que eu acabei virando professor mesmo, depois de ter feito outras coisas na universidade. Talvez por isso eu tenha me dedicado à literatura. E, certamente, foi por isso que eu fiz um livro que acabou dando bastante certo, que se chama *Dicionário de portogalegrês*. Tudo começou como uma brincadeira: eu juntei um monte de palavras de gíria que o pessoal da minha idade falava e comecei a explicar essas palavras. Eu me diverti muito com isso, os amigos se divertiram e acabou dando certo. Eu publiquei em jornal, depois em livro, e muita gente gostou. Então, o que eu faço é basicamente isso: dou aula, escrevo para jornais e, no meio dessas coisas, de vez em quando, escrevo ficção. Mas eu não sei se sou propriamente um escritor de ficção, não tenho convicção disso. O certo é que sou um

cara que gosta muito de ler. Quando eu penso por que eu gosto tanto da companhia dos livros, a explicação eu acho que é muito simples: porque eu sou um cara bastante tímido e gosto muito de ficar sozinho. Ao ficar sozinho, a gente pode fazer uma série de coisas, por exemplo, ver televisão ou escutar música. E veio a calhar, na minha história, que eu conhecia o gosto e o prazer da companhia do livro.

**Deonísio da Silva** – Eu sou o Deonísio, e queria dizer que estou muito contente na companhia de vocês. Eu gosto muito de crianças, e o meu melhor amigo é um menino de três anos que é meu vizinho. Todo dia eu ando com ele pelo condomínio onde eu moro, é a hora do dia de que eu mais gosto. Eu sou filho de uma família pobre, meu pai era mineiro de carvão em Santa Catarina e ele me ensinou a ler na carteira de cigarro, nas placas das ruas. E quando eu fui para a escola, sabia ler, mas não sabia escrever. A professora que me ensinou a escrever tinha um cheirinho muito bom, eu nunca mais esqueci disso. Uma vez eu errei o 3, em vez de fazer o 3 na vertical eu fiz na horizontal, como se fosse uma canga de boi, e ela me abraçou e me ensinou a fazer aquele 3 direitinho. Quando eu senti o cheirinho bom daquela minha primeira professora, eu comecei a errar mais, muito mais, para ela vir me ensinar de novo. E ela veio várias vezes. Eu enganei a minha professora durante muitas palavras, mas depois ela desconfiou que eu estava errando por querer e foi ensinar um gordinho que errava com mais convicção do que eu. Essa professora é a personagem do meu livro *Teresa*, que tem a Teresa d'Ávila como personagem principal, mas a primeira parte da história se passa num internato, onde estudam muitos meninos juntos. Vocês devem dormir sozinhos, ou com o irmão, ou com a irmã, mas eu passei dos 9 aos 17 anos dormindo com outras 263 pessoas. Isso é uma coisa maravilhosa e complicada. Quando eu tinha uns nove anos, minha mãe teve vocação para eu ser padre. A vocação foi dela, mas eu fui para lá e virei uma espécie de presidiário infantil, porque eu tinha que ficar lá. E à noite a gente ia dormir muito cedo, às 8h 30min da noite, e dava uma fome danada. Então nós íamos na cozinha do convento roubar bolacha e banana para trazer para o dormitório. E numa das férias, eu disse para a mãe que precisava ter um pijama com um bolso maior. A mãe disse que o bolso era só decorativo, então eu falei que ele precisava ser maior porque a gente lia e depois punha o livro

no bolso do pijama. Ela ficou muito admirada, me teve por um aluno muito aplicado. Era porque o bolso era muito pequeno e não cabiam as bananas e as bolachas para eu levar da cozinha. Eu fui expulso do seminário depois de uma noite em que fomos roubar, como sempre, banana e bolacha, que era o que tinha lá. O padre foi na frente, porque alguém nos delatou, e no lugar onde estava a lata de bolacha colocou uma lata de chimier. Vocês conhecem chimier, né? É um doce aqui do sul. O meu colega estava tão certo de que ali tinha bolacha que destampou a lata e colocou a mão lá para dentro e, então, sentiu aquela coisa mole e esfregou a mão no pijama. Nesse momento, o padre acendeu a luz e disse: “Boa-noite”. Meu colega levantou com a mão cheia de chimier e disse: “Não fui eu”. Era a primeira coisa que a gente dizia quando era pego em alguma coisa. No seminário, havia uma biblioteca onde a gente tinha que ir ler, ou por obrigação ou por livre vontade, e quando eu fiquei pai, fui contar histórias para a minha filha. Eu sempre fui inconformado com a história do “Chapeuzinho Vermelho”. Eu achava sempre “Chapeuzinho Vermelho” uma história esquisita: aquela mulher que não tem nome chama a filhinha, que também não tem nome, e manda levar um doce para a vovozinha, que está lá no fundo da floresta. Eu ficava pensando que nenhuma mãe iria chamar a filha e dizer: “Olha, leva esses doces aqui para a vovó, mas cuidado com o lobo, a floresta está cheia de lobos”. E que mãe deixaria a pobre mãe dela, a avó, abandonada num asilo florestal? E como é que a Chapeuzinho confunde o lobo com a própria avó? Eu nunca vi uma criança confundir as coisas desse jeito. Duvido que vocês, vendo um lobo vestido de camisola, achem quem seja a avó de vocês. Eu fiquei com aquilo e, um dia, reescrevi a história. Aí surgiu *A melhor amiga do lobo*. É um livro que vocês encontram nas livrarias aqui da Jornada.

Joel Rufino dos Santos – Boa-tarde a todos. Eu estava pensando, enquanto os outros falavam, o que eu podia dizer sobre esta profissão que é a minha, a profissão de escritor. Quando menino, eu gostava de histórias em quadrinhos e gostava das histórias da Bíblia. Mas a Bíblia traiu minha mãe, porque ela me dava a Bíblia para ler, a mim e a meus irmãos, querendo que nos tornássemos bons cristãos, e eu acabei não sendo cristão, não sendo religioso. O que ela queria não deu certo, e o que ela não pensava é que deu certo, porque as his-

tórias da Bíblia me encantaram tanto que eu penso que está aí uma das razões pelas quais me tornei escritor. De tal maneira as histórias da Bíblia me seduziram que, em algum momento da minha vida, decidi que seria contador de histórias. A história bíblica que mais me impressionou, sempre, não é uma história engraçada, como as que o Deonísio tem para contar. É uma história um pouco trágica, mas, até para temperar o cômico, eu vou contá-la. Essa história é contada por quatro evangelistas. O Novo Testamento começa com quatro escritores contando episódios da vida de Cristo: Mateus, Marcos, João e Lucas. Os quatro escreveram as mesmas coisas, mas você vê que um deles era escritor. Marcos era escritor. Ele tinha a capacidade de, contando as mesmas coisas que as outras pessoas contavam, incluir um toque de mistério, de dúvida. A história que eles contam é a seguinte: diz que, quando Cristo chegou em determinada aldeia, vieram dizer a ele que havia um louco no cemitério. E pintaram esse louco com cores muito fortes, diziam que ele passava o dia no cemitério urrando, como se fosse uma besta e, quando uma pessoa se aproximava, ele tirava as roupas, rasgava as roupas e se espojava nas sepulturas. Então perguntaram a Cristo se ele não queria ver essa pessoa, esse endemoninhado. Ele disse que sim. E foi caminhando em direção ao cemitério. Nisso, o endemoninhado sai da sepultura e vem ao encontro de Cristo. Quando eles estão um diante do outro, Cristo pergunta: “Qual é o teu nome?” E o louco responde: “Meu nome é Legião, porque somos muitos”. Bem, acho que vocês perceberam o que eu quis dizer, é que os escritores são dessa legião, nós somos da legião dos endemoninhados, que urram nos cemitérios, que rasgam as roupas e se espojam nas sepulturas.

- Eu sou Cristina e queria perguntar para a Adriana de onde vem a inspiração para escrever os episódios para A grande família?

**Adriana** – Eu escrevo sobre o que é o dia-a-dia de todo mundo, sobre coisas que vi, piadas que me contaram no ônibus, ou alguma história que alguém conta do seu filho, do seu pai, do seu avô. Então, pego e uso para algum personagem. Eu tenho um cunhado muito engraçado, então eu uso muitas coisas dele para o Agostinho, porque o Agostinho é muito engraçado. Mas o Pedro Cardoso é um ator que diz o que quer, então acontece de eu botar

uma piada no roteiro e ele dizer outra. As coisas da Nenê, que é a mãe, vem de mim mesmo, porque eu sou bem assim, a mãe que toma conta de tudo, neurótica, louca, que acha que é a dona do mundo, que tem que resolver tudo. Então as coisas da Nenê são bem da minha cabeça, o resto eu vou pegando dos outros.

– Adriana, o que é ser roteirista?

**Adriana** – Olha, essa pergunta é muito melhor você fazer para o Jorge Furtado, que tem muito mais tempo de televisão do que eu. Mas o que eu poderia dizer é que é uma profissão como outra qualquer e que eu tenho o maior cuidado quando estou escrevendo para a televisão. Só para vocês terem uma idéia, o meu livro mais vendido é o *Mania de explicação*, que vendeu 25 mil exemplares, e os episódios da *Grande Família* é assistido por 18 milhões de pessoas. Quando estou escrevendo um episódio da *Grande Família*, tudo o que eu estou escrevendo ali vai ser ouvido por 18 milhões de pessoas, e isso é uma responsabilidade enorme. Então, a profissão de roteirista é de uma responsabilidade enorme, é como se eu fosse um médico, um professor. Claro, há essa coisa de aparecer na televisão, mas não penso muito nisso, até porque a televisão, hoje em dia, infelizmente, não tem tantos programas bacanas, a maior parte da programação a gente tem que concordar, não é legal. Então, quando eu tenho quarenta minutos para falar com 18 milhões de pessoas, eu tenho que dizer coisas muito bacanas para essas pessoas, eu não posso passar uma coisa ruim para elas. Isso é a minha maior preocupação. É claro que também tem as técnicas, você tem que prender a atenção do espectador. Quando vai entrar o comercial, você tem que deixar ali um suspense qualquer para ele não mudar de canal. Isso é a parte técnica de escrever um roteiro. Mas o que me preocupa mesmo é que é uma responsabilidade estar falando com tanta gente ao mesmo tempo.

– Meu nome é Camila Dalbosco, eu estudo no Colégio Bom Conselho e gostaria de fazer uma pergunta para o Jorge Furtado. Eu queria saber no que ele se inspirou para escrever *Meu tio matou um cara*.

**Jorge** – Bem, eu comecei a escrever uma história para adolescentes porque eu tenho um filho adolescente, que queria ser ator, e começou a me pedir histórias para encenar na escola. A

escola tinha um trabalho muito legal com teatro, os alunos faziam peças e depois havia um festival e eles acabavam montando textos engraçadíssimos, peças do Nelson Rodrigues, do Eugene O’Neal. Eram todos adolescentes de 13-14 anos, fazendo papel de marido, de terno e gravata, um negócio esquisitíssimo. E eles procuravam textos com personagens adolescentes. Eu comecei a escrever pensando neles, pois tenho uma filha também adolescente. Acho a adolescência um momento riquíssimo em todos os sentidos, porque é um momento de muito conflito, e a dramaturgia vive dos conflitos. O adolescente não sabe quem vai ser, quem vai namorar, se vai ficar em casa ou não, enfim, há todos esses conflitos. E a dramaturgia também precisa de uma linguagem, e a linguagem da adolescência também é muito rica: a maneira de falar, os verbos, os apelidos. Então, eu mergulhei naquele universo dos adolescentes e acabei escrevendo não uma história, mas duas. Uma virou um filme, *Houve uma vez dois verões*, e a outra virou uma novela, *Meu tio matou um cara*. Então, meu ponto de partida foi tentar fazer uma história com personagens adolescentes, foi assim que começou.

- Eu sou Emílio e trabalho na escola indígena da reserva Serrinha. Eu tenho uma pergunta para o Joel Rufino. Quando você escreveu os livros, você imaginou que esses livros seriam lidos por adolescentes indígenas?

Joel – Bem, eu tinha esperança que sim, que algum menino indígena lesse a minha história. Não é uma história, são várias, com temática indígena, com personagem índios. Então, eu tinha essa esperança, mas isso não é o mais importante. O que eu tinha esperança, e o que eu quero é que meus leitores não indígenas se sintam como índios. Eu acho que a literatura serve para isto: para nos colocar no lugar do outro e ver o mundo conforme esse outro. Por exemplo, nós, homens, dificilmente conseguimos nos colocar no lugar das mulheres. Uma das poucas vezes em que a gente consegue isso é através da literatura, através de uma personagem mulher, com a qual a gente se identifica. Então, da mesma forma, eu queria que cada um percebesse que é bastante índio, muito mais do que imagina, muito mais do que aprendeu na escola. Era isso que eu pretendia.

- Meu nome é Júlia Piccoli, estudo no IE e a minha pergunta é para o Deonísio da Silva. O livro *Guerreiros do campo* dá ênfase aos problemas sociais dos sem-terra, que hoje são todos excluídos. Na sua opinião, como incluir os sem-terra entre as vozes do terceiro milênio?

**Deonísio** – Para escrever *Os guerreiros do campo* eu visitei vários acampamentos e verifiquei que a maioria dos sem-terra são desempregados urbanos. Mas essa questão dos sem-terra hoje é tão forte no Brasil que os escritores que estão aqui, no café da manhã, levantaram essa mesma questão: como incluir os sem-terra? A questão decisiva para incluir os sem-terra no Brasil é fazer a reforma agrária, que está atrasada em quinhentos anos. O Brasil continua com as capitânicas hereditárias. É isso que eu acho. Só quero dizer que, quando eu escrevi o romance, tive um grande cuidado de não fazer só um documento. O meu romance começa no céu, na eternidade, com São Pedro cadastrando os mortos que estão chegando lá. Então, ele fica inconformado porque os suíços chegam bem bonitinhos, os caixões arrumados, e brasileiro só chega massacrado, esfaqueado, com tiro, com porrada.

- Meu nome é Josiane, eu estudo no Enav. A minha pergunta vai para o Luís Augusto Fischer. Eu gostaria de perguntar como surgiu a idéia de fazer um dicionário?

**Luís Augusto** – Surgiu por dois motivos. Uma vez eu vi um dicionário de gíria em Buenos Aires e fiquei com inveja daquele livro, achei que era uma maravilha e quis fazer um. Isso ficou na minha cabeça. O segundo motivo foi o seguinte: sempre que a gente conversa com uma pessoa que é de outro lugar, de outra região, a gente percebe a diferença de sotaque, de vocabulário e assim por diante. E como aqui no sul nós temos um vocabulário muito marcado, muito específico, sempre que eu saio daqui e vou para um outro lugar, as pessoas logo me identificam: “Ah, mas tu é gaúcho”. Então, esse sentimento de diferença foi que me levou a escrever. E quando eu comecei a escrever, eu tentei escrever de maneira a explicar, no fundo para mim mesmo, como é que aquela palavra tinha surgido e como é que ela circulava. Então, foi por aí.

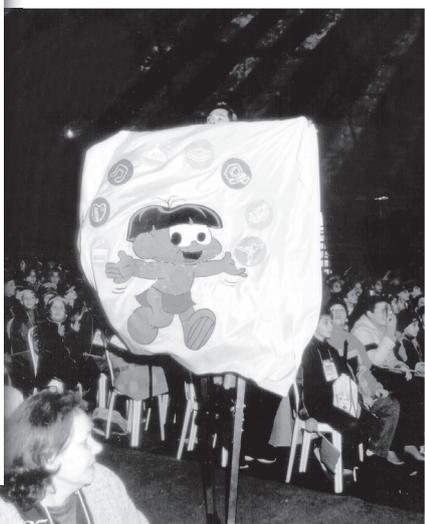




Registrº icºNºgráficº



Show de abertura





Tania M. K. Rösing – Coordenadora das Jornadas Literárias – na abertura da 2ª Jornadinha



Crianças e professores nas lôninhas



Gláucia de Souza e Cristina Porto  
conversando com crianças nas loninhas



Angela Lago e Bartolomeu Campos Queirós  
conversando com crianças na lona principal



Marcelo Carneiro  
da Cunha e  
Márcia Kupstas  
conversando  
com crianças na  
loninha



autores conversando com adolescentes  
na lona principal



Crianças fazendo perguntas aos escritores  
na lona principal



Adolescentes lendo na Praça da Alimentação



Criança lendo na Toninha



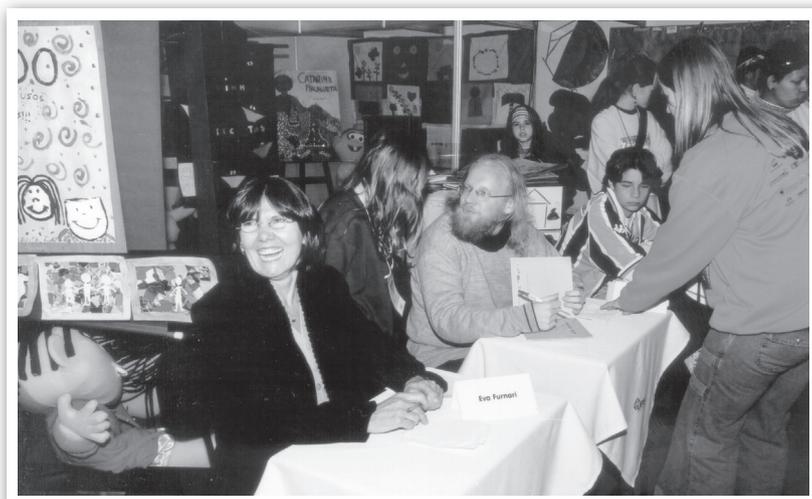
Criança lendo na fila da sessão de autógrafos



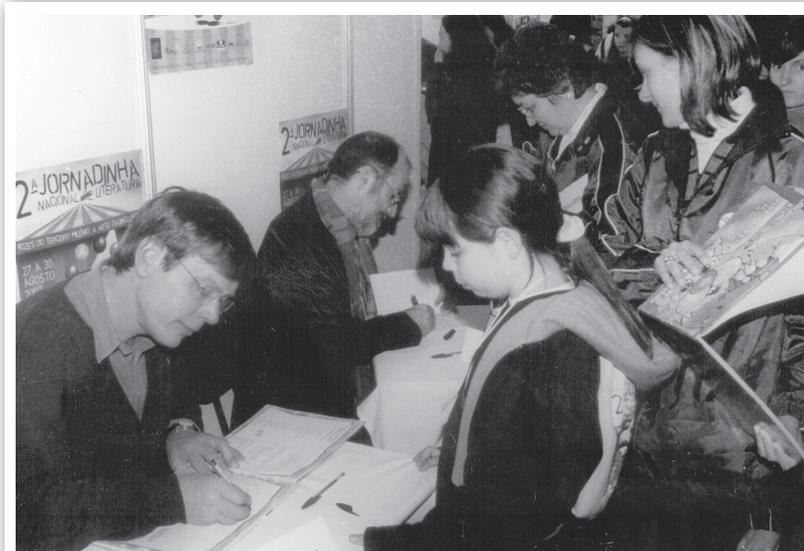
Público na fila dos autógrafos



Edith Modesto e Ricardo Azevedo na sessão de autógrafos



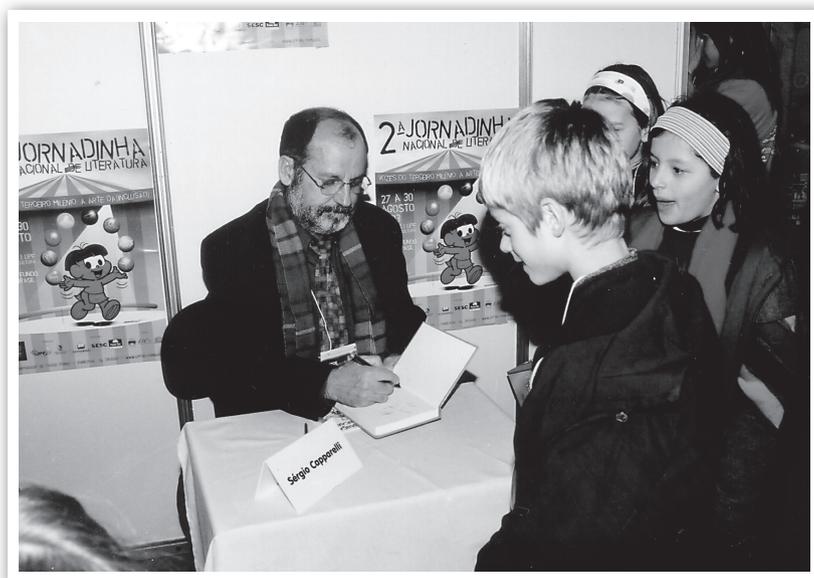
Eva Furnari, Gustavo Finkler e Roberto Pereira dos Santos na sessão de autógrafos



Paulo Becker e Sérgio Capparelli na sessão de autógrafos



Cristina Portó na sessão de autógrafos



Sérgio Capparelli na sessão de autógrafos



Ricardo Azevedo e crianças na sessão de autógrafos



Espectáculo teatral "Diga sim à vida" – Turma da Mônica



Show "as Noites da minha aldeia" – Gicopoa



Show "Cantando com Sylvia Orthof" – Grupº Zé Vagão



Show "a família sujo" – Grupº Cuidadº que Mancha



Show "Circulando com palavras e canções"  
Emmanuel Maranhão



Espectáculo teatral "Tô sem freio" – Viratransitº/UPF



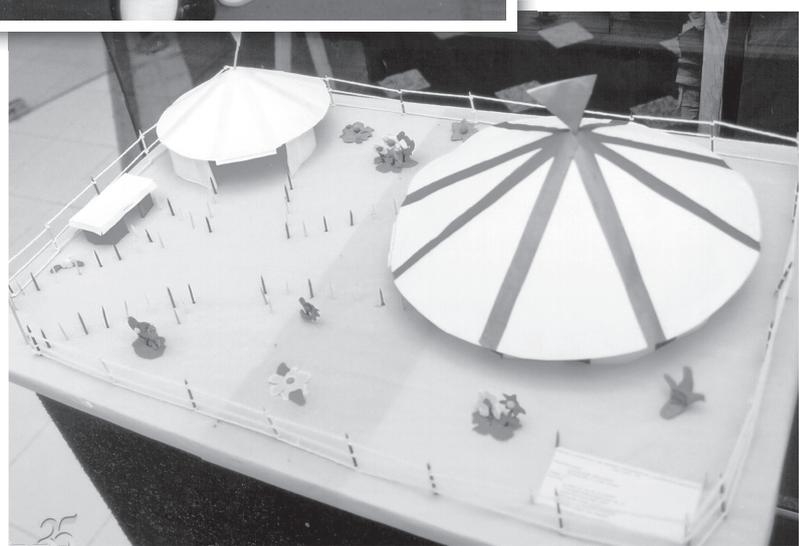
Maurício de  
Sousa com  
crianças no  
Parque da Mônica



Crianças no Parque da Mônica



Exposição de  
trabalhos da  
Pré-Jornadiná





10ª Jornada Nacional de Literatura - Passo Fundo - Rs

Crianças chegando  
ao Circº da Cultura



Criança participante  
da Jornadinha



Crianças chegando ao Circº da Cultura



Crianças no Circº da Cultura no intervalo do almoço



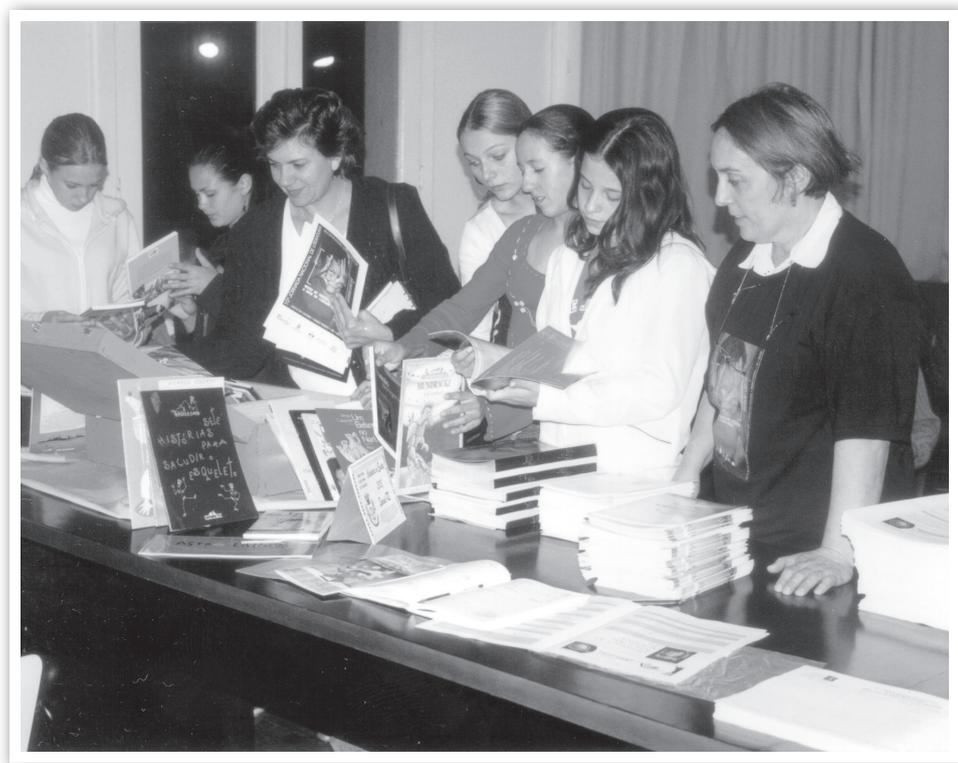
Crianças e adolescentes nas livrarias No Circô da Cultura



Conversa paralela Nº Centro de Eventos com Evª Furnari



Conversa paralela com Marcelo Carneiro da Cunha e  
Marcelino Freire Nº auditório da Faculdade de Direito



Seminário de Pré-Jornadinha em Sarandi



Equipe de apoio-Jornadas





Regist<sup>o</sup> d<sup>a</sup> impress<sup>a</sup>



## Pré-Jornadinha recompensa o hábito da leitura

FOTOS CAMILA PIASSON

A preparação para a 2ª Jornadinha Nacional de Literatura, que acontece de 27 a 30 de agosto na Universidade de Passo Fundo (UPF), continua envolvendo professores e alunos das escolas de Passo Fundo. Na quinta-feira, 24, foi a vez dos alunos da Escola Menino Jesus apresentarem os trabalhos produzidos a partir das obras dos autores que estarão presentes no evento.

Crianças de 1ª à 3ª séries dançaram, declamaram poesias e apresentaram o perfil de autores e obras lidas para a Jornadinha. A professora da 3ª série A, Elenice Mezzomo, destacou a motivação do grupo. "Foram dois meses de trabalho, leitura, discussão e produção de poemas. Eles estavam muito empolgados", avaliou.

A Jornadinha integra os estudantes em atividades de leitura e discussão de obras. "Os participantes têm até o dia 8 de agosto para entregarem seus trabalhos finais. Com a proximidade do evento, as crianças ficam ainda mais ansiosas", garantiu a integrante da



Crianças de 1ª à 3ª séries dançaram e declamaram poesias

organização da Pré-Jornadinha e monitora do Centro de Referência de Literatura e Multimeios (Mundo da Leitura) da UPF, Elisângela Mello.

A participação dos alunos da Escola na Pré-Jornadinha foi uma recompensa para as crianças, que já possuem o hábito de leitura. "O evento é mais um incentivo, pois as turmas têm o costume de ler e realizar apresentações. Além da biblioteca da escola, elas possuem uma

em sala de aula, tornando a leitura das obras um prazer e não simples obrigação", afirmou a coordenadora da Escola Menino Jesus, Lisângela Antonini.

No total, irão participar da 2ª Jornadinha Nacional de Literatura 350 estudantes, de 1ª a 8ª série. "As crianças estão muito motivadas e cultivam o hábito da leitura. A preparação para o evento continua", lembrou a professora da 2ª série B, Maria Patrícia.

DM Cultura é uma publicação do Jornal Diário da Manhã  
Fone (54) 311.1800  
www.diariodamanha.com  
redacao@diariodamanha.net

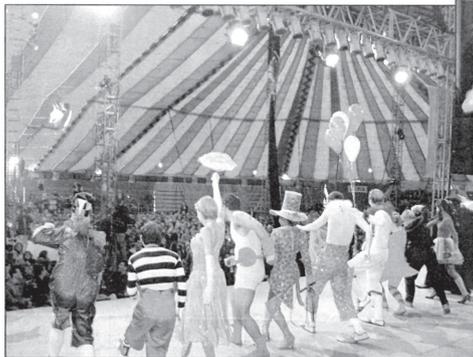
# DM cultura

Quinta-feira, 28 de agosto de 2003 0 não pode ser vendido separadamente

## Futuro garantido para a literatura

A Jornadinha é a aposta na formação de leitores a partir de crianças e adolescentes. Se depender dos pequenos leitores de Passo Fundo e região, o futuro está garantido. Hoje a Jornada de Literatura não tem mais sentido, se não acontecer paralelamente sua edição "para maiores". A inclusão social, desejada já no título do encontro desse ano, torna-se possível através da educação, que passa diretamente pelo incentivo à leitura desde cedo. A Jornadinha começou a reunir ontem pela manhã alunos de escolas de toda a região, que terão contato direto com os escritores das histórias que elas lêem. Logo na abertura, Maurício de Sousa conversou com os pequenos leitores e a sua Turma da Mônica apresentou uma peça teatral.

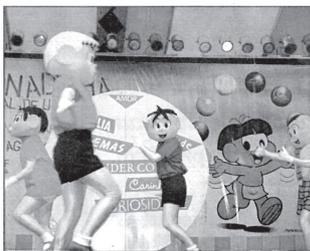
Marcaram presença ontem no Circo da Cultura alunos de escolas de várias cidades, como Tapera, Guaporé, Marau, Carazinho, Serafina, Tapejara e Barra Funda. Hoje as atividades continuam com novos visitantes, que serão sempre recebidos pelo apresentador da Jornadinha, o Gato Galileu. A personagem é um fantoche que apresenta o programa "Mundo da Leitura" da UPF TV, que estreou há um mês. O felino intitulou-se um incluído nessa Jornada, pois também é diferente. Galileu ainda teve o lançamento do livro "Aventuras e Desventuras do Gato Galileu" que conta sua história. O autor Paulo Becker e a ilustradora Maria Goreti Bitencourt deram vida à personagem televisiva em forma de livro, que foi autografado na tarde de ontem na Jornada. Maurício de Souza, criador de Cebolinha e da Mônica, conversou com o gato



Mais um show na abertura da 2ª Jornadinha Nacional de Literatura

passo-fundense e contou a origem de cada personagem seu. O escritor revelou à gurizada presente, os novos integrantes de seu elenco, uma menina cega e um menino parapléjico, o que revela a preocupação de Maurício com o tema da Jornada "Vozes do Terceiro Milênio: A Arte da Inclusão". A criança, de primeira à quarta série, ainda teve o privilégio de assistir em primeira mão o novo programa de TV que o Estúdio Sousa está produzindo, que será dedicado à alfabetização.

A manhã de abertura da Jornadinha contou com uma homenagem ao patrono Bartolomeu Campos Queirós e com o espetáculo do grupo "Cuidado que Mancha" do escritor Gustavo Finkler.



Turma da Mônica na luta contra as drogas



Gato Galileu apresentado aos pequenos leitores

### Família Sujo

O show "A Família Suja", do Grupo Cuidado que Mancha, encerrou as atividades da manhã. Roupas coloridas, espontaneidade, animação foram os atrativos do espetáculo. Com equipamentos domésticos e materiais de higiene, os três atores alertaram os pequenos sobre a importância do cuidado com o lixo e da higiene.

Os alunos do Ensino Fundamental estavam atentos a todos movimentos dos atores e foram convidados a participar da apresentação cantando: "Família Suja, suja tudo, tudo suja... pensa que lugar de lixo não é no lixo, lugar de lixo é por tudo". O show conta a história de uma família que não gostava de tomar banho e vivia em meio a muita sujeira. Todos se afastavam dos "sujeiros" pelo cheiro desagradável. O Grupo Cuidado que Mancha estará realizando espetáculo até sexta-feira (29), penúltimo dia do evento.



Grupo alertou para a importância do cuidado com a higiene

# Crianças lotam o Circo da Cultura

O gato Gali-Leu conduziu a festa que encantou o público na abertura da Jornadinha de Literatura

Cores e movimentos. Estes foram os principais ingredientes usados ontem pela manhã na abertura da 2ª Jornadinha Nacional de Literatura, que ocorre no Circo da Cultura, instalado no Campus I da Universidade de Passo Fundo (UPF), junto à 10ª Jornada Nacional de Literatura. O espetáculo surpreendeu as crianças, levando dançarinos até a platéia embandeirada, ao som do tema do curumim Papa Capim, personagem do quadrinista Maurício de Sousa, emprestado ao evento neste ano. A condução da festa coube a Gali-Leu, o gato que apresenta o programa Mundo da Lettura, da UPFTV. Antes dele, tiveram a palavra a organizadora da Jornada e da Jornadinha, Tânia Rösing, o reitor da universidade, Rui Soares, e o prefeito Osvaldo Gomes.

O desenhista Maurício de Sousa, criador da Turma da Mônica, foi o primeiro a subir ao palco,

para revelar de onde vem sua inspiração. Ele também falou de seus projetos para promover a inclusão, assunto da Jornada em 2003, além da



FOTOS UPF/CP

Escritores falaram para 2,7 mil pequenos leitores

## Turma da Mônica dá recado contra as drogas

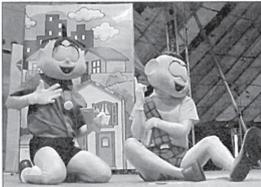
Exclusão foi o mote de uma das peças encenadas no primeiro dia de um evento que tem como tema jus-

tamente a inclusão. A 2ª Jornadinha Nacional de Literatura contou ontem com a apresentação, no Circo da Cultura, do espetáculo "Diga não às drogas", da Turma da Mônica. O criador de Mônica, Cascão, Cebolinha, Magali, Franjinha e Bidu, Maurício de Sousa, explicou que essa foi a maneira que encontrou para introduzir um assunto tão delicado.

A história trata de um amigo da turma, chamado Zélio, que se

envolve com um grupo da pesada para se afastar das brigas que assiste em casa. Como muitas vezes ocorre na vida real, os companheiros não notam que Zélio enfrenta problemas, até que a sua crescente agressividade chama a atenção deles.

Através de músicas e danças, a Turma da Mônica procura transmitir para as crianças da platéia quais os sinais em geral enviados por dependentes químicos, como as pessoas se envolvem com drogas e como é possível ajudá-las. A apresentação termina com todos entoando "Diga sim à vida e não às drogas". Hoje o grupo estará no Circo da Cultura para encenar de novo a peça.



Peça será reapresentada nesta quinta-feira no Circo

elaboração de novos personagens, como uma menina cega e um garoto paraplégico. "A ideia é envolver os grupos marginalizados", explicou.

Outra atração foi o show "A Família Sujo", do grupo Cuidado que Mancha, que alertou sobre a importância da higiene e da destinação do lixo. O espetáculo estará sendo reencenado até amanhã, penúltimo dia da Jornadinha. Já o grupo Zé Vagão apresentou o show "Cantando Sylvia Orthof", que passou pelos diversos ritmos nacionais. Haverá nova apresentação hoje, às 13h, no Centro de Eventos da UPF. Quem visitou a Jornadinha pôde ainda conversar com os escritores e ilustradores Ricardo Azevedo e Eva Fumari, que falaram sobre suas vidas e responderam a questões sobre como aprender a desenhar e como conciliar desenho e literatura. Ambos voltam a participar hoje de novas conversas a partir das 14h30min.



Frei Betto criticou programas de TV

## Violência é tema de debate na Jornada

A 10ª Jornada Nacional de Literatura teve ontem como destaque o debate sobre violência e cidadania. Os escritores Frei Betto, Luiz Antônio Assis Brasil, Luiz Percival Leme Brito, Marcelino Freire e a portuguesa Cristina Mello abordaram o tema nos âmbitos doméstico, institucional, privado e público.

Um dos autores mais esperados do evento, Frei Betto não poupou críticas à violência exposta pelos meios de comunicação. Para ele, de modo geral, a televisão continua influenciando na formação das crianças, que pelo resto da vida levarão consigo as imagens de violência mostradas em telejornais, novelas e até mesmo em desenhos infantis.

# O livro como melhor amigo

Participação de adolescentes encerra 10ª Jornada Literária de Passo Fundo

VIVIAN EICHLER

♦ Casa Zero Hora/Passo Fundo

As histórias de leitura de oito escritores ocuparam as atenções da platéia de três mil pessoas no encerramento da 2ª Jornadinha Nacional de Literatura, no sábado. No dia dedicado aos adolescentes do Ensino Médio, o circo mostrou como, apesar das inquietações que disputam a atenção da idade, a leitura tem tudo a ver com espinhas, turmas, namoros e descobertas.

O time chamado para o debate à tarde reuniu Adriana Falcão, Marcelino Freire, Sérgio Capparelli, Jorge Furtado, Luís Augusto Fischer, Deonisto da Silva, Joel Rufino dos Santos e Marcelo Carneiro da Cunha.

— Não importa se for com gibis ou com revistas "teen", o importante é criar o vínculo com as letras — disse Sérgio Capparelli.

— Com uma boa história na mão se acaba com a bobagem de que os jovens não gostam de ler — afirmou Marcelo Carneiro da Cunha.

O pernambucano Marcelino Freire, criador da coleção Cinco Minutinhos ganhou aplausos pela informalidade com a desculpa de que não há tempo para ler.

— Por que assistir três novelas por dia e ainda o *Vale a Pena Ver de Novo?* Por que não *Vale a Pena Ler de Novo?* — sugeriu o escritor.

A poesia cantada de Emmanuel Marinho, acompanhada com palmas da platéia, deu um recado: "Se você percebeu que não pode ser Big Brother, que a sandalhinha da Xuxa não serve mais e que passou muito tempo ligado na TV, não fique triste. Descubra que conversar com os amigos e curtir um livro é muito bom".

Atento em meio ao público, um garoto há seis meses em recuperação de um transplante de fígado já começou a escrever sua própria história de leitura. Enquanto não podia estudar, Eduardo Egon Schiessi, 15 anos, devorou livros no hospital e implorou ao médico para participar da Jornadinha.

— Leitura é uma das coisas boas de estar vivo. Hoje vejo que quem tem a possibilidade de ler e estudar não deveria jogar fora essa chance e ainda ficar reclamando do mundo — ensinou.



FOTOS TACTO PLANALTO

Eduardo Egon Schiessi pediu ao médico para participar da programação

O NACIONAL

Passo Fundo, quinta-feira 21 de agosto de 2003

13

## Jornada

## Encerrada Pré-Jornadinha no Conceição com integração



A partir da leitura das obras os estudantes confeccionaram painéis ilustrativos

Os estudantes de 5ª a 8ª séries do Ensino Fundamental e do Ensino Médio do Colégio Marista Conceição realizaram o último seminário preparativo para a Pré-Jornadinha Nacional de Literatura. Eles assistiram a apresentação dos alunos das 3ª séries do Ensino Fundamental,

envolvido busca consolidar o hábito, a atitude e o prazer em ler, contribuindo na formação de cidadãos ativos intelectualmente, autônomos, críticos, criativos e comprometidos com a transformação da sociedade e obtive pleno êxito.

Os trabalhos desenvolvidos tanto pelos alunos de Ensino Fundamental, 5ª a 8ª séries, quanto por estudantes do Ensino Médio, integrou as áreas de Literatura, Português, Arte, Redação e Filosofia e demonstrou a criatividade dos estudantes.

Três seminários de debate foram realizados, integrando também uma equipe multidisciplinar de professores do Conceição: Énio Poletto, Rosemar Baldisserra, Cleusa Ughini, Catia Kister, Rejane Strello e Tânia Loss.

## Eva Furnari irá conversar com pequenos leitores da Jornadinha

Agora faltam poucos dias para iniciar a 2ª Jornadinha Nacional de Literatura. Entre os autores que estarão em Passo Fundo, os pequenos leitores poderão encontrar Eva Furnari.

A escritora nasceu em Roma, na Itália, em 1948. Em 1950 chegou ao Brasil e radicou-se em São Paulo. É formada em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo (USP). Iniciou sua carreira como autora e ilustradora, publicando histórias sem texto verbal, isto é, contadas apenas por imagens. Seu primeiro livro foi lançado pela Ática, em 1980, "Cabra-cega", que inaugurou a coleção *Peixe Vivo*, premiada pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ). Ao longo de sua

carreira, Eva Furnari recebeu muitos prêmios, entre eles o Jabuti de Melhor Ilustração — Trucks (Ática, 1991), A Bruxa Zeldia e os 80 Docinhos (1986) e Aninho (1999) — sete laureas concedidas pela FNLIJ e o Prêmio APCA pelo conjunto de sua obra.

Na Jornadinha, a autora e ilustradora estará nas lonas nos dias 27 e 28, ao lado do escritor Ricardo Azevedo. Todos os autores da Jornadinha que participarem nas lonas irão se apresentar em sistema de rodízio, permitindo que um maior número de leitores possa entrar em contato com os escritores de seus livros favoritos. Mais informações podem ser obtidas pelo telefone (54) 316 8368 ou pelo site [www.upf.br/jornada](http://www.upf.br/jornada).

## Sucesso de quem busca despertar o prazer de ler

A programação da Jornada e da Jornadinha chegou ao fim, mas a venda de 10 mil livros ao dia prolongará a memória do encontro. Bastava um escritor indicar algum título nos debates para que as prateleiras logo terem de ser repostas. *Todos os Homens*, de Frei Betto, esgotou depois de o teólogo embasar sua fala no livro. Entre a lista dos mais vendidos, o primeiro lugar disparado é de *Estação Carandiru*, de Drauzio Varella, seguido pelo então desconhecido *O Riso da Agonia*, de Plínio Cabral, ganhador dos R\$ 100 mil do Prêmio Zaffari & Bourbon de Literatura. *O X da Questão*, de Edgar Morin, e *Fazes-me Falta*, da portuguesa Inês Pedrosa, também figuraram como os mais procurados.

Na ala infantil, Gali-Leu, o boneco apresentador oficial da Jornadinha, refletiu em vendas. *As Aventuras e Desventuras de Gali-Leu, o Gato*, de Paulo Becker, e o lançamento *111 Poemas para Crianças*, de Sérgio Capparelli, foram os campeões entre centenas de opções dos autores convidados.

Lucas Pedroso, 11 anos, caminhava com os dois exemplares de aventura e suspense na sacola. Pretende lê-los em um mês. As Jornadas vêm servindo de guia para a escolha de títulos, observa a coordenadora Tânia Rösing:

— Quando fazemos levantamento sobre que último livro você leu, sempre é algum comentado na Jornada. Nos anos quando não há Jornada, os títulos ficam difusos, pendem para a auto-ajuda ou com obras de autores que não estão entre os considerados de boa categoria.

A Jornada promete efeito multiplicador em toda região. A organização ainda não contabilizou o número de participantes por cidade, mas todos os dias comboios de ônibus percorriam 100 a 200 quilômetros de distância até Passo Fundo. Apenas na Jornadinha, cerca de 100 escolas de dezenas de cidades da região, até de Porto Alegre e de Santa Catarina, ocupavam as arquibancadas.

— A gente sai animada para dar aula. Temos de mostrar para o aluno que a leitura não é perda de tempo — disse Simone Reese, 35 anos, diretora da Escola Municipal Presidente Getúlio Vargas, de Carazinho, que há 17 participa da Jornada.



Formação de novos leitores é o objetivo da Jornadinha

## Números da Jornada

Investimento aproximado de R\$ 2,1 milhões

230 escritores e artistas

15,5 mil inscritos

4,5 mil espectadores ao dia na Jornada

De 2,5 mil a 3 mil participantes ao dia na Jornadinha

100 escolas de 20 cidades gaúchas

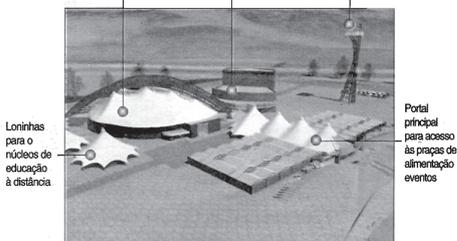
Média de 10 mil livros vendidos ao dia

## A futura cidade do livro

Circo de eventos, que será integrado a um centro virtual de leitura

Teatro com 1.300 lugares

Torre de comunicação com elevador panorâmico e mirante



Lorinhas para o núcleo de educação à distância

Portal principal para acesso às praças de alimentação e eventos

Portal das Linguagens: projeto previsto ser executado em dois anos

Se empresários e políticos mantiverem a empenhagem empenhada durante a Jornada, a 10ª edição entrará para a história como o final de uma etapa. A Universidade de Passo Fundo (UPF) pretende arrecadar US\$ 3,5 milhões (R\$ 10,5 milhões) para, em dois anos, construir um complexo cultural multimídia que moldará uma nova iniciativa para formar leitores, o Portal das Linguagens.

Uma babel artística e high tech foi projetada no alto de uma colina no campus da UPF, exatamente onde a multidão da Jornada circulou durante cinco dias da semana passada. A idéia é criar um espaço, acessível a qualquer pessoa para a comunidade, para o aprendizado e prática de cinema, teatro, dança, música, pintura, escultura, letras e literatura, informática e esportes.

A atmosfera lúdica do circo será preservada, garante a coordenadora da Jornada, Tânia Rösing. Não será necessário, no entanto, armar e desarmar o picadeiro. Em 24,5 mil metros quadrados, o projeto inicial prevê a construção de um palco para seis mil espectadores, coberto por lona tensionada. O material é uma fibra sintética de alta resistência utilizado em aeroportos e obras de grande porte em todo o mundo.

Ao lado da grande lona, outros três círculos abrigarão núcleos de inserção científica e tecnológica, de inserção artística e de educação a distância. Serão construídos também uma praça de eventos — onde hoje ocorre a feira do livro — e uma de alimentação. O projeto, arquitetado por Nino Roberto Machado e equipe, foi selecionado para a 5ª Bienal Internacional de Arquitetura e Design, que ocorre este mês, em São Paulo.

Inicialmente, a idéia surgiu com a preocupação de assegurar a continuidade da Jornada em uma região de condições climáticas imprevisíveis. A proposta evoluiu para a construção de um espaço fixo que não poderia limitar-se a programações eventuais, considerou Tânia:

— Queremos instituir um grande programa de alfabetização e de formação contínua.

## Projeto está orçado em R\$ 10,5 milhões

O custo da primeira fase, que levaria 18 meses para ser executada, está estimado em US\$ 3,5 milhões. Outras duas construções serão deixadas para um passo posterior: um teatro para 1.300 lugares e a torre com 70 metros de altura, útil à sustentação de antenas de comunicação, com elevador panorâmico e mirante.

Cerca de R\$ 800 mil já foram captados com patrocínios da Companhia Zaffari, dos Correios e da Embratel. O governador do Estado, Germano Rigotto, anunciou na abertura do evento apoio à proposta. Para setembro, o ministro da educação, Cristóvam Buarque, programou uma reunião em Brasília para definir os padrões do Portal. Conforme um acordo informal feito em Passo Fundo, o ministro deverá convocar a participação de estatistas. A Nestlé, uma das patrocinadoras da Jornada, comprometeu-se em arrematar outras 100 empresas para sustentar o projeto. O presidente do conselho de administração da RBS, Jayme Sirotsky, também afirmou que trabalhará para sensibilizar empreendedores.

Tânia Rösing, coordenadora da Jornada Literária de Passo Fundo, comemora sucesso do evento e projeta nova era com a construção do complexo multimídia



## Capparelli: "o importante é que o livro vá ao leitor"

O escritor Sérgio Capparelli, que está conversando com as crianças nas lonas destacou que o importante do evento é fazer com que o livro vá até os leitores.

Segundo o escritor, para o autor é necessário que se tire essa ideia de que o livro é sagrado e que ninguém pode toca-lo e sim que esse livro deve ser trazido para o cotidiano e com a conotação de alegria.

"Por outro lado é relevante



Escritor Sérgio Capparelli salienta a importância do livro

esse aspecto de o livro estar nesse ambiente de festa em que o autor que escreve para um leitor imaginário encontra esse leitor empírico", esclareceu Capparelli.

Capparelli nasceu em Uberlândia, mas reside em Porto Alegre há mais de trinta anos. Diz-se quase "gaúcho", apesar do sotaque mineiro na fala e na imaginação. Trabalhou muitos anos em jornalismo até se dedicar ao ensino da comunicação. Atualmente é professor na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Tem pós-doutorado por Grenoble e por Montreal. Recentemente, lançou o livro 10 sem frio ou o sexo antes dos quinze pela UFF Editora.

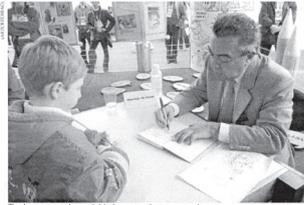
### Paulo Becker lança livro na lombada

Na tarde de quarta-feira ocorreu o lançamento do livro de Paulo Becker, "As Aventuras e Desventuras de Gali-Leu, o Gato".

Becker conta que o livro nasceu a partir do projeto do programa de televisão Mundo da Leitura onde o Gali-Leu é o gato que se de âncora ao programa. Esse programa tem vários quadros educativos dirigidos as crianças. Assim surgiu a ideia de fazer um livro também infantil com esse mesmo personagem.

O livro é todo ilustrado tornando assim mais acessível e divertida sua compreensão. As ilustrações foram feitas pela professora da Faculdade de Artes e Comunicações da Universidade de Passo Fundo, Maria Gorete Bitencourt.

## Alunos têm encontro com os escritores



Tardes marcam interatividade entre crianças e escritores

Durante a tarde de quarta-feira os alunos de 1ª a 4ª série participaram das atividades da 2ª Jornadinha de Literatura.

Os alunos participantes foram divididos em quatro cores, verde, vermelho, amarelo e azul. Dessa forma os grupos foram separados por lona de acordo com a sua cor. No decorrer da tarde escritores estiveram nas lonas falando às crianças. Houve um rodízio para que todos os escritores estiveram nas lonas, Eva Furnari, Ricardo Azevedo, Angela Lago, Sérgio Capparelli, Rober-

to Pereira dos Santos, Gustavo Finkler, Cristina Porto e Gláucia de Souza.

Histórias, poesias, interrogações, contos, desenhos, curiosidades e desenhos marcaram o primeiro dia da 2ª Jornadinha. Também esteve circulando com palavras e conões, durante o rodízio dos escritores, Emmanuel Marinho.

Como houve a pré-jornadinha os alunos estavam afiados e as interrogações de início um pouco tímidas foram dando espaço a algazarra e todos queriam perguntar e as obras também foram instrumentos de discussão.

### Programação para hoje

09:00 horas: sessão de abertura

09:30 horas: Conversa com os escritores

10:30 horas: Espetáculo Teatral "Diga não às drogas" - Turma da Mônica

Show "A família sei" - Grupo Cuidado que Mancha

11:45 horas: Intervalo para almoço e visitação ao ambiente de computadores sob coordenação do poeta Sérgio Capparelli e visitação as exposições

13:00 horas: Show "Cantando Sylvia Orthof" - Grupo Zé Vagão

14:30 horas: Conversa com escritores

16:30 horas: Sessão de autógrafos

Atendendo a necessidade de reflexão sobre nossos atuais impasses sociais e culturais, a 10ª Jornada Nacional de Literatura da UFF, com o tema "Vozes do Terceiro Milênio: a arte da inclusão", debaterá assuntos importantes, sugerindo ações que minimizem os efeitos prejudiciais de um processo histórico discriminatório.

Segundo Caderno

# Jornada

## Nacional de Literatura de Passo Fundo

FREI BETTO, escritor e um dos coordenadores do programa Fome Zero, citando em Passo Fundo o escritor cubano Onésio Cardozo

“ O ser humano tem duas grandes fomes, a de pão e a de beleza. A primeira é saciável, a segunda é infundável ”



ZERO HORA – QUINTA-FEIRA, 28 DE AGOSTO DE 2003

## 4, 5, mil... queremos mais leitores no Brasil

Alunos do Ensino Fundamental acompanharam ontem a abertura da 2ª Jornadinha de Literatura



Abandonando bandeirinhas, perto de 2,7 mil crianças cantaram a música "Estrelas Letras", sobre o gosto da leitura

VIVIAN EICHLER

♦ Casa Zero Hora/Passo Fundo

Circo lotado, bandeirinhas em punho, cerca de 2,7 mil crianças – estudantes de 1ª a 4ª série do Ensino Fundamental – abriram na manhã de ontem a 2ª Jornadinha Nacional de Literatura de Passo Fundo. Coro comandado pela coordenadora Tania Rösing e repetido com firmeza pelo jovem público deu a tônica da festa.

– 1, 2, 3, 4, 5, mil, queremos mais leitores no Brasil!

Na performance de abertura, os pequenos espectadores tinham a música tema da Jornadinha, *Estrelas Letras*, na ponta da língua. Na canção, escrita por Paulo Becker, o indiozinho Papa-Capim, criado por Maurício de Sousa, conta como ensinou crianças a lerem nas folhas das árvores e nas letras das estrelas o sentido da jornada do homem na Terra.

No picadeiro, atores da Universidade de Passo Fundo uniram-se a malabaristas e contorcionistas para encenar as acrobacias do circo. Na plateia, Camila Bastiella, nove anos, vibrou:

– Achei muito inteligente falarem do índio, porque a gente tem de valorizar o jeito de vida deles.

Depois de cantar, aplaudir, gritar, o público conheceu Gail-Leu, o gato leitor, apresentador oficial da

Jornadinha. O gato anunciou a presença de Maurício de Sousa, criador da Turma da Mônica, e Bartolomeu Campos de Queirós, escritor que é o homenageado especial da Jornada.

Maurício exibiu um trailer de um novo programa de TV em que os personagens criados por ele vão ajudar a alfabetizar crianças. Depois da palestra, Mônica, Cascão, Cebolinha, Magali e Franjinha – todos em tamanho real – encenaram uma peça teatral.

Ao todo, 11 mil crianças e adolescentes estão inscritos na Jornadinha. Durante as manhãs, os estudantes se reúnem no grande Circo da Cultura. À tarde, dividem-se entre as lonjinhas, onde podem conversar com escritores. Ontem e hoje, a programação é voltada aos mais novos. Amanhã, será a vez dos alunos de 5ª a 8ª série. Sábado, os do Ensino Médio.

Alguns, como os 74 alunos da Escola Estadual Zandoná, de Barra Funda, acordaram pouco depois da madrugada e percorreram cerca de cem quilômetros de ônibus para acompanhar a Jornadinha, em Passo Fundo. Até sábado, cerca de outros 400 alunos da mesma escola devem repetir a empreitada.

– É compensador – comemora a professora Regina Signori –. Eles estavam muito ansiosos e curiosos. Há semanas, estamos nos preparando, lendo, escrevendo histórias, criando peças de teatro e coreografias.

## O kit da gurizada

LANCHE

AGASALHO



CRACHÁ

BANDEIROLA

SACOLINHA

Muitos de crachá, sacolinha e bandeirolas, os estudantes que participam da Jornadinha são vigiados por dezenas de monitores. Para passar o dia todo acompanhando shows, teatro, brincadeiras e bate-papos e ainda enfrentar o vento frio do Planalto Médio, eles chegam equipados com gorros, bonês, mantas e agasalhos pesados. Lanche também é fundamental. Ontem, não faltaram pastéis e bolos preparados em casa. Eduardo Russo Rosa, nove anos, aluno da Escola Estadual Protásio Alves, de Passo Fundo, mostrava os dois sanduíches de cachetinhos amassados na sacolinha.

– Quero comprar para comprar um livrinho depois – planejava.



# Autores conversam com pequenos leitores

**Grupo Interacional de Contos Populares de Angola foi outra atração no penúltimo dia da Jornada Nacional de Literatura**

A importância do livro, o trabalho de escritor e o preço da obra foram alguns dos pontos abordados durante o debate dos autores com o público participante da 2ª Jornada Nacional de Literatura. O evento, que ocorre desde terça-feira no Circo da Cultura, instalado no Campus I da Universidade de Passo Fundo (UPF), acaba hoje. Entre tantos assuntos, os dois escritores concordaram no que diz respeito ao preço do exemplo de obras como leituras.

De acordo com Azeredo, trata-se de uma grande infelicidade, mas não de algo determinante. Os livros são



Caparelli/leu trechos de '111 Poemas'

palhar o sono da filha, então recém-nascida, hoje com 25 anos. O mais recente deles, lançado em 111 Poemas, é dedicado às crianças.

O penúltimo dia da Jornada contou ainda com o bate-papo dos escritores Bartolomeu Campos Queiroz, homenageado pelos seus 30 anos de criação literária, e Marcelo Freire com alunos de 1ª até 9ª série. O público contou também o show do Grupo de Dança Folclórica do "As Noites da Minha Aldeia", com cinco percussionistas, um jovem ator e sete bailarinas, o grupo narrou histórias mixadas a canções.

## Inclusão social também é tema da Jornada

A inclusão social, tema da 2ª Jornada Nacional de Literatura, foi abordada ontem pelos escritores Edin Modesto e Raül Drewnick em conjunto com o público participante nas histórias que escreve. "Eles tratam de aspectos sociais e do cotidiano dos jorenses", explicou. Já Raül Drewnick falou que, quando garoto, queria ser um craque de futebol. Um dos seus livros, usado nas escolas, tem como plano de fundo o esporte. O título dele para escrever, mas ajudou bastante".

Os escritores Cristina Porto e Rogério André Barbossa também mantiveram um bate-papo com os estu-



MARINA GOMARO/ESPICAL/UP

dantes. Cristina começou a explicar seu dom ao trabalhar em revistas infantis. "Transformou-se em ator e ator, e acabou se tornando participante no evento literário afro-brasileira e em programas de incentivo à leitura. "Sou rati de biblioteca e me inspiro em viagens", explicou.

Já o último dia da 10ª Jornada Nacional de Literatura teve o debate "A transparência televisiva". Participaram os escritores Adriana Falcão, Drauzio Varella, Luis Augusto Fischer e o autor surpresa, senador Eduardo Suplicy (PT), o cineasta Jorge Furtado e os chargistas Paulo e Chico Caruso.

Elas recordaram atividades da infância e instrumentos que tocaram no

lugar, que tem 60 associados. O Sistema e foi o primeiro instrumento importante para a inclusão do deficiente visual na sociedade e se inserem no tema do evento: "Vozes do terceiro milênio: a arte da inclusão".

A coleção foi entregue ao presidente da Apacc, Fábio Flores. A coordenadora do evento, professora Thania Bösing, recebeu outra coleção, doada pelo Senado à Universidade de Passo Fundo (UPF). O presidente do Senado é o ministro da Secretaria de Educação do município e a Coordenadoria Regional de Educação (CRE), representando a Secretaria Estadual de Educação. São elas a Constituição Federal, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, o Estatuto da Criança e do Adolescente, e o Código de Defesa do Consumidor. O Senado edita livros para os coordenadores de deficiência visual e instituições educacionais. Um exemplar da Constituição Federal foi entregue ao



Suplicy (D) entregou exemplar ao leitor do Consumidor. O Senado edita livros para os coordenadores de deficiência visual e instituições educacionais. Um exemplar da Constituição Federal foi entregue ao leitor da UPF, Rui Getúlio Soares, pelo senador Eduardo Suplicy.

## Senado doa coleções em braile

O Senado doou, na Feira do Livro da 10ª Jornada Nacional de Literatura, uma coleção de obras em braile para a Associação Passouense de Cegos (APACC), que tem 60 associados. O Sistema e foi o primeiro instrumento importante para a inclusão do deficiente visual na sociedade e se inserem no tema do evento: "Vozes do terceiro milênio: a arte da inclusão".

A coleção foi entregue ao presidente da Apacc, Fábio Flores. A coordenadora do evento, professora Thania Bösing, recebeu outra coleção, doada pelo Senado à Universidade de Passo Fundo (UPF). O presidente do Senado é o ministro da Secretaria de Educação do município e a Coordenadoria Regional de Educação (CRE), representando a Secretaria Estadual de Educação. São elas a Constituição Federal, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, o Estatuto da Criança e do Adolescente, e o Código de Defesa do Consumidor. O Senado edita livros para os coordenadores de deficiência visual e instituições educacionais. Um exemplar da Constituição Federal foi entregue ao

# JORNAL CIDADES

Porto Alegre, 5, 6 e 7 de setembro de 2003 - Número 1673

Ano 7. Sexta-feira fim-de-semana - Venda Avulsa - R\$ 1,00

PASSO FUNDO

## Jornada garante interação literária ao ensino infantil

Os alunos da rede municipal de ensino vivenciaram durante a 10ª Jornada Nacional de Literatura e a 2ª Jornada Inicial - Vozes do Terceiro Milênio: A Arte da Inclusão - um desencadeamento de emoções coletivas em que a alegria e a euforia se misturaram às cores: azul, verde, amarelo e vermelho.

### Integração literária

As belas vozes que compõem o Coral das Escolas Municipais, que integrou o Projeto Educar com Arte da Secretaria Municipal de Educação, abriram o evento, que encerrou no último sábado, dia 30 de agosto.

A participação ativa dos educandos das escolas municipais nas lomas, em que a magia da literatura e do pen-sar aconteceu, propiciou a eles usufruírem um universo no qual autores de livros que foram trabalhados em sala de aula - como A Família Siro de Gustavo Finkler, Tecelina de Gláucia de Souza, A Braxadeira e o Gregório de Eva Furnari, entre outros - já não eram mais distantes.

Os estudantes também participaram das atividades da programação paralela, que incluiu o curso de *Malas de Leituras: Contação de Histórias Para Adolescentes*, com a presença dos alu-

nos do Grupo Contadores de Histórias e Criadores Literários - agregado ao Projeto Educar com Arte - além da confecção de objetos e brinquedos.

Também foi oferecida a oficina de Animação Gráfica, na qual os alunos da escola municipal de ensino fundamental Professora Helena Salton estiveram representando o Estado no Interprograma do Canal Futura através de seus desenhos. Enquetes que avaliaram a Jornada junto ao público infantil e declamação de poesias, no Show Solo para palavras e sãofona de brinquedo, também fizeram parte das atividades.



Leitura aproxima as crianças do universo da ficção

BEATRIZ SALET/PROJÓTIPO/IDOMES

## LITERATURA Qual livro você roubaria de seus pais?

Brincadeira na 2ª Jornadinha Nacional revela que crianças gostam de ler livros clássicos e para adultos

PAZ CALSAVARA

ENTREVISTA ESPECIAL A PASSO FUNDO (RS)

Que há de mais legal para fazer em uma feira de literatura? "Falar com os escritores cara a cara", disse Patrick Meira, 9, que visitou a 2ª Jornadinha Nacional de Literatura, que aconteceu na cidade de Passo Fundo, a 304 quilômetros de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, em agosto.

Esse evento, mais de 11 mil crianças conheceram alguns de seus autores prediletos (leia mais abaixo). Estavam lá Eva Furnari, Ricardo Azevedo, Adriana Falcão, Gustavo Finkler, Bartolomeu de Campos Queirós e muitos outros.

Entre um bate-papo aqui e um autógrafo ali, 20 crianças participaram de uma brincadeira com a Folhinha. Elas saíram pelos corredores da feira em busca do livro que gostariam de roubar dos pais.

Algumas mostraram interesse por clássicos. "Quero ler 'Moby Dick' [de Herman Melville] porque ouço falar bem dessa obra", disse Rafael Andreis, 11. O amigo dele, Vinícius Segatto, 11, disse que vive de olho nos livros de Shakespeare que sua mãe tem na estante. Até obras de Karl Marx (1818-1883), o pai do comunismo, apareceram nas mãos das crianças.

Patric Calsavara visita e convivia do Jor-  
nalzinho.



Crianças escolhem livros na 2ª Jornadinha Nacional de Literatura, em Passo Fundo (RS)



Ilustrações de Laura Castilhos para "A Família Sujo" (ed. Projeto), de Gustavo Finkler

### Natal sem pai

Era sempre assim. Toda noite de Natal, o pai de Natanael tomava chá de sumico. Sempre tinha uma desculpa para dizer: "Não posso ficar". Natanael escreveu ao Papai Noel pedindo que o pai não sumisse mais. Sabe o que ele descobriu? Que o pai era... Conheça o final em "O Natal de Natanael" (ed. Projeto, RS26,00).



### Autores se inspiram em histórias da vida real

Filas gigantescas. Com livros nas mãos, crianças se acotovellavam para ver e fazer perguntas aos autores que participaram da 2ª Jornadinha. Ansiosos, dois garotos corriam atrás de Ricardo Azevedo em busca de autógrafos. "Adorei os livros dele sobre folclore", disse Bruno Mezzomo, 11. "Em que vocês se inspiram

para escrever?" Essa é a pergunta que as crianças mais fazem aos escritores, seguida de: "Como você virou escritor?". "Como não sei falar direito [risos], escrevo", respondeu Adriana Falcão ("Mania de Explicação", Salamandra).

"Os escritores são observadores e anotam sempre. Muitas histórias minhas nasceram

dessas notas", disse Azevedo ("Brincando de Adivinhar", editora Moderna).

Foi bonito ver uma roda de crianças se formar. Elas cantaram com o músico e escritor Gustavo Finkler, que sentou num corredor da feira para tocar músicas que acompanhavam seus livros: "A Família Sujo" e "O Natal de Natanael".

## RUY CARLOS OSTERMANN



### Jornada

Nunca vi tanta criança junta, nunca vi tanta criança com livro na mão ou na mochila, nunca vi tanto autor deslumbrado e chorosamente emocionado, as livrarias, a Cultural especialmente, de estandes esvaziando (ela recebeu 49 caixas da Cosac & Naif, vendeu todas, livros de arte, geralmente caros, a preços reduzidos). Achei que jamais saberia como se faz tudo isso na UPF, em Passo Fundo, não estivesse sentada à minha frente a professora Tânia Rösig, feliz e risonha, explicando a 20ª Jornada Nacional de Literatura como se não fosse uma invencível mobilização entre amigos, intelectuais, escritores e pensadores, todos cúmplices da mesma façanha. Fiz o *Gaúcha/Entrevista* de lá, quinta-feira, foi um assombro. Almocei no bandeião, dei autógrafos, entrevistas para televisão e rádios locais, e ficamos conversando sobre a participação de Marcelino Freire, que fui conhecer pessoalmente depois, havia o Plínio Cabral, grande premiado, o patronável Walter Galvani, o Paulo Caruso e sua banda menos o Chioco, que estava adoentado, a Eliana Teixeira, pedagoga, organizadora sorridente das Jornadinhas, 11 mil crianças de todas as escolas da região e de Santa Catarina e do Paraná, professoras no comando de longas filas com suas turmas. Muita gente, que mal pode abanar ou deixar abraços, todos enfatizando a grande e densa discussão sobre a Exclusão, o tema urgente e generoso da Jornada. Viva, Tânia! Viva a Literatura!



Dados gerais da 2ª Jornada  
Nacional de Literatura



# Programação

27 e 28/08 – Alunos da 1ª à 4ª série

9h

Sessão de abertura

Apresentador da Jornadinha: Gato Gali-Leu

9h 30min

Conversa com escritores:

– Mauricio de Sousa e Bartolomeu Campos Queirós (27/8)

– Angela Lago e Bartolomeu Campos Queirós (28/8)

10h 30min

Espectáculo teatral “Diga sim à vida” - Turma da Mônica

Show “A família sujo” – Grupo Cuidado que Mancha

11h 45min

Intervalo para o almoço e visitação ao ambiente de computadores sob a coordenação do poeta Sérgio Capparelli.

Visitação às exposições.

13h

Show “Cantando Sylvia Orthof” – Grupo Zé Vagão

14h 30min

Conversa com escritores (eles falarão em todas as lonas em sistema de rodízio)

Lona 1	Lona 2	Lona 3	Lona 4
Eva Furnari	Angela Lago	Roberto Pereira dos Santos	Cristina Porto
Ricardo Azevedo	Sérgio Capparelli	Gustavo Finkler	Gláucia de Souza

Circulando com palavras e canções – Emmanuel Marinho  
(durante o rodízio dos escritores)

16h 30min

Sessão de autógrafos

## 29/08 – alunos da 5ª à 8ª série

9h

Sessão de abertura

Apresentador da Jornadinha: Gato Gali-Leu

9h 30min

Conversa com escritores

– Bartolomeu Campos Queirós (homenagem aos 30 anos de sua criação literária)

– Marcelino Freire

10h 30min

Espetáculo teatral “Diga sim à vida” – Turma da Mônica

Show “As noites da minha aldeia” – Grupo Internacional de Contos Populares de Angola

11h 45min

Intervalo para o almoço e visitação ao ambiente de computadores sob a coordenação do poeta Sérgio Capparelli.

Visitação às exposições

13h

Show “Forró Brasil” – Banda Brasilino

Monólogo “A palavra” – Roberto Pereira dos Santos

14h 30min

Conversa com escritores (eles falarão em todas as lonas em sistema de rodízio)

Lona 1	Lona 2	Lona 3	Lona 4
Márcia Kupstas	Ricardo Azevedo	Edith Modesto	Cristina Porto
Marcelo Carneiro da Cunha	Raul Drewnick	Rogério Barbosa	Sérgio Capparelli

Circulando com palavras e canções – Emmanuel Marinho (durante o rodízio dos escritores)

16h 30min

Sessão de autógrafos

30/08 – <sup>a</sup>lun<sup>os</sup> d<sup>o</sup> Ensin<sup>o</sup> Médi<sup>o</sup>

9h

Sessão de abertura

Apresentador da Jornadinha – Gato Gali-Leu

9h 30min

Conversa com escritores

– Bartolomeu Campos Queirós (homenagem aos 30 anos de sua criação literária)

– Pedro Furtado

10h 30min

Espetáculo teatral “Diga sim à vida” – Turma da Mônica

Show “As noites da minha aldeia” – Grupo Internacional de Contos Populares de Angola.

11h 30min

Intervalo para o almoço e visitação ao ambiente de computadores sob a coordenação do poeta Sérgio Capparelli

Visitação às exposições

13h

Show “Forró Brasil” – Banda Brasilino

Monólogo “A palavra” – Roberto Pereira dos Santos

14h 30min

Conversa com os escritores (eles falarão em todas as lonas em sistema de rodízio)

Lona 1	Lona 2	Lona 3	Lona 4
Marcelino Freire	Adriana Falcão	Luís Augusto Fischer	Joel Rufino dos Santos
Sérgio Capparelli	Jorge Furtado	Deonísio da Silva	Marcelo Carneiro da Cunha

Circulando com palavras e canções – Emmanuel Marinho (durante o rodízio dos escritores)

16h 30min

Sessão de autógrafos

### Observações:

O monólogo “A palavra” – Roberto Pereira dos Santos, dos dias 29 e 30/08, não aconteceu.

O show “As noites da minha aldeia” – Grupo Internacional de Contos Populares de Angola, dos dias 29 e 30/08, não aconteceu.

No dia 30/08, não houve o rodízio dos escritores nas lonas coloridas. Optou-se por fazer a conversa entre alunos e escritores na lona principal. O ator Pedro Furtado, convidado para a manhã desse dia, não compareceu.

O encerramento da 2ª Jornadinha Nacional de Literatura, no dia 30/08, aconteceu com o show “Forró Brasil” – Banda Brasilino

### Programação Paralela

Realização do 8º Concurso Nacional de Contos “Josué Guimarães”

Espectáculos de teatro:

Projeto Viramundos - UPF

“O parturião” – “O ferreiro e a morte”

Cia de espetáculos – UPF

“Peter Pan”

Teatro de Sombras – Companhia Teatro Lumbra de Animação – POA

“Sacy Pererê – A lenda da meia-noite”

Feira do Livro no Circo da Cultura:

Exposição de livros

Sessão de autógrafos

Biblioteca Central UPF:

Mostra de filmes Roda Cine

Local: Auditório

Centro de Eventos UPF:

Exposição de fotografias do Ideti – Instituto de Desenvolvimento das Tradições Indígenas – Índios Xavantes.

Espaço virtual de produção de poesia – Sérgio Capparelli

Shopping Bourbon:

Exposição “Buriti Brasil – exposição de brinquedos e objetos populares” – Mauricio Leite

Museu Histórico Regional e Museu de Artes Visuais Ruth Schneider

Exposição “Biblioteca Folklórica y Mitológica Consejería de Cultura da Província de Extremadura, Badajoz, Espanha”

Exposição “Trans-e: meu corpo meu sangue” – Diana Domingues - UCS

## Leituras indicadas na Pré-Jornadinha

Autor	Obras	Público-alvo	Editora
Adriana Falcão	Luna Clara & Apolo Onze Mania de explicação	Ensino médio	Salamandra/ Moderna
	Sete histórias para sacudir o esqueleto	1 <sup>a</sup> a 4 <sup>a</sup>	Cia das Letrinhas
	A banguelinha	1 <sup>a</sup> a 4 <sup>a</sup>	Moderna
Angela Lago	Indo não sei onde buscar não sei o quê	1 <sup>a</sup> a 4 <sup>a</sup>	Editora RHJ
	ABC Doido	1 <sup>a</sup> a 4 <sup>a</sup>	Melhoramentos
	Cena de rua	1 <sup>a</sup> a 4 <sup>a</sup>	Editora RHJ
	Uma palavra só	1 <sup>a</sup> a 4 <sup>a</sup>	Moderna
	Menino de Belém	1 <sup>a</sup> a 4 <sup>a</sup>	Moderna
	Faca afiada	1 <sup>a</sup> a 4 <sup>a</sup>	Moderna
	Correspondência	1 <sup>a</sup> a 4 <sup>a</sup>	Miguilim
Bartolomeu Campos Queirós	De não em não	5 <sup>a</sup> a 8 <sup>a</sup>	Miguilim
	Flora	5 <sup>a</sup> a 8 <sup>a</sup>	Miguilim
	Indez	5 <sup>a</sup> a 8 <sup>a</sup> / Ensino médio	Miguilim
	Ler escrever e fazer conta de cabeça	5 <sup>a</sup> a 8 <sup>a</sup> / Ensino médio	Miguilim
	Para criar passarinho	5 <sup>a</sup> a 8 <sup>a</sup>	Miguilim
	Serafina e a criança que trabalha	1 <sup>a</sup> a 4 <sup>a</sup>	Ática
	Serafina sem rotina	1 <sup>a</sup> a 4 <sup>a</sup>	Ática
	Diário escondido da Serafina	1 <sup>a</sup> a 4 <sup>a</sup>	Ática
Cristina Porto	Catarina Malagueta	5 <sup>a</sup> a 8 <sup>a</sup>	Ática
	Joana Banana	5 <sup>a</sup> a 8 <sup>a</sup>	Ática
	Leo Marinho	1 <sup>a</sup> a 4 <sup>a</sup>	FTD
	Olívia Pirulito	1 <sup>a</sup> a 4 <sup>a</sup>	FTD
	Marco e Apolo	1 <sup>a</sup> a 4 <sup>a</sup>	FTD

Autor	Obras	Público-alvo	Editora
Deonísio da Silva	A melhor amiga do lobo	5 <sup>a</sup> a 8 <sup>a</sup>	Siciliano/ Caramelo
	Os segredos do baú	5 <sup>a</sup> a 8 <sup>a</sup>	Siciliano/ Caramelo
	Os guerreiros do campo	Ensino médio	Siciliano/ Mandarim
Drauzio Varella	Nas ruas do Brás	5 <sup>a</sup> a 8 <sup>a</sup>	Cia das Letrinhas
	De braços para o alto	5 <sup>a</sup> a 8 <sup>a</sup>	Cia das Letrinhas
Edith Modesto	Os patrulheiros cibernéticos	5 <sup>a</sup> a 8 <sup>a</sup>	Ática
	Invasão alienígena	5 <sup>a</sup> a 8 <sup>a</sup>	Ática
	Viagem ao centro do computador	5 <sup>a</sup> a 8 <sup>a</sup>	Ática
Eva Furnari	Operação risoto	1 <sup>a</sup> a 4 <sup>a</sup>	Ática
	Mundrackz	1 <sup>a</sup> a 4 <sup>a</sup>	Ática
	A bruxinha e o Gregório	1 <sup>a</sup> a 4 <sup>a</sup>	Ática
Gláucia de Souza	Tecelina	1 <sup>a</sup> a 4 <sup>a</sup>	Projeto
	Saco de mafagafos	1 <sup>a</sup> a 4 <sup>a</sup>	Projeto
	AstroLábio	1 <sup>a</sup> a 4 <sup>a</sup>	Projeto
Gustavo Finkler	A família sujo	1 <sup>a</sup> a 4 <sup>a</sup>	Projeto
Ignácio de Loyola Brandão	O menino que não teve medo do medo	5 <sup>a</sup> a 8 <sup>a</sup>	Global
	O homem que espalhou o deserto	5 <sup>a</sup> a 8 <sup>a</sup>	Global
Jorge Furtado	Meu tio matou um cara	5 <sup>a</sup> a 8 <sup>a</sup>	L&PM
Joel Rufino dos Santos	Quando eu voltei tive uma surpresa	5 <sup>a</sup> a 8 <sup>a</sup> / Ensino médio	Rocco
	Gosto de África	5 <sup>a</sup> a 8 <sup>a</sup> / Ensino médio	Global
Luís Augusto Fischer	Bá, tchê!	Ensino médio	Artes e Ofícios
	Rua desconhecida	Ensino médio	Artes e Ofícios
	Contra o esquecimento	Ensino médio	Artes e Ofícios
Marcelino Freire	EraOdito	5 <sup>a</sup> a 8 <sup>a</sup> / Ensino médio	editOra
Marcelo Carneiro Cunha	Ímpar	5 <sup>a</sup> a 8 <sup>a</sup> / Ensino médio	Projeto
	Duda 2, a missão	5 <sup>a</sup> a 8 <sup>a</sup>	Projeto
	Insônia	5 <sup>a</sup> a 8 <sup>a</sup>	Projeto
	Antes que o mundo acabe	5 <sup>a</sup> a 8 <sup>a</sup>	Projeto

Autor	Obras	Público-alvo	Editora
Márcia Kupstas	A maldição do silêncio	5 <sup>a</sup> a 8 <sup>a</sup>	Moderna
	Crescer é perigoso	5 <sup>a</sup> a 8 <sup>a</sup>	Moderna
	Um amigo no escuro	5 <sup>a</sup> a 8 <sup>a</sup>	Moderna
	A segunda morte	5 <sup>a</sup> a 8 <sup>a</sup>	Moderna
	9 cois@s e-mail que eu odeio em você	5 <sup>a</sup> a 8 <sup>a</sup>	FTD
Maurício de Sousa	História em quadrões: pinturas de Maurício de Sousa	1 <sup>a</sup> a 4 <sup>a</sup> 5 <sup>a</sup> a 8 <sup>a</sup>	Globo
	Dicionário de inglês Turma da Mônica	1 <sup>a</sup> a 4 <sup>a</sup>	FTD
	Coleção Ler & Aprender Turma da Mônica (abc, números, cores, formas, opostos e tempo)	1 <sup>a</sup> a 4 <sup>a</sup>	FTD
	Atlas Geográfico Turma da Mônica	1 <sup>a</sup> a 4 <sup>a</sup> 5 <sup>a</sup> a 8 <sup>a</sup>	FTD
Raul Drewnick	A grande virada	5 <sup>a</sup> a 8 <sup>a</sup>	Ática
	Correndo contra o destino	5 <sup>a</sup> a 8 <sup>a</sup>	Ática
	O preço da coragem	5 <sup>a</sup> a 8 <sup>a</sup>	Ática
	Um inimigo em cada esquina	5 <sup>a</sup> a 8 <sup>a</sup>	Ática
Ricardo Azevedo	A casa do meu avô	1 <sup>a</sup> a 4 <sup>a</sup>	Ática
	Dezenove poemas desengonçados	1 <sup>a</sup> a 4 <sup>a</sup>	Ática
	Meu livro do folclore	1 <sup>a</sup> a 4 <sup>a</sup>	Ática
	Armazém do folclore	1 <sup>a</sup> a 4 <sup>a</sup>	Ática
	Pobre corintiano careca	5 <sup>a</sup> a 8 <sup>a</sup>	Ática
	Três lados da mesma moeda	5 <sup>a</sup> a 8 <sup>a</sup>	Ática
	No meio da noite escura tem um pé de maravilha	5 <sup>a</sup> a 8 <sup>a</sup>	Ática
	Livro de papel	1 <sup>a</sup> a 4 <sup>a</sup>	Editora do Brasil
Roberto Pereira dos Santos	Capitão pirata e o gênio invisível	1 <sup>a</sup> a 4 <sup>a</sup>	WS
	O mendigo maluco	1 <sup>a</sup> a 4 <sup>a</sup>	WS
	Sombra da noite	1 <sup>a</sup> a 4 <sup>a</sup>	WS
Rogério Barbosa	Como as histórias se espalharam pelo mundo	5 <sup>a</sup> a 8 <sup>a</sup>	DCL
	Histórias africanas para contar e recontar	1 <sup>a</sup> a 4 <sup>a</sup>	Editora do Brasil
	Ciranda do São Francisco (4v.)	5 <sup>a</sup> a 8 <sup>a</sup>	FTD
	Sangue de índio	5 <sup>a</sup> a 8 <sup>a</sup>	Melhoramentos

Rogério Barbosa	Rio acima, mar abaixo	5 <sup>a</sup> a 8 <sup>a</sup>	Melhoramentos
	Na trilha do mamute	5 <sup>a</sup> a 8 <sup>a</sup>	Saraiva
	Rômulo e Júlia	5 <sup>a</sup> a 8 <sup>a</sup>	FTD
	A maldição das inscrições na pedra da Gávea	5 <sup>a</sup> a 8 <sup>a</sup>	FTD
	O perigo mora nas ruas	5 <sup>a</sup> a 8 <sup>a</sup>	FTD
Sérgio Capparelli	Elefante no nariz	1 <sup>a</sup> a 4 <sup>a</sup>	L&PM
	Minha sombra	1 <sup>a</sup> a 4 <sup>a</sup>	L&PM
	33 ciberpoemas e uma fábula virtual	5 <sup>a</sup> a 8 <sup>a</sup> / Ensino médio	L&PM
	Tô sem freio ou sexo antes dos 15	5 <sup>a</sup> a 8 <sup>a</sup> / Ensino médio	UPF Editora

Os dados oficiais da 2<sup>a</sup> Jornadinha contabilizam que 7 532 pessoas realizaram atividades de Pré-Jornadinha e 22 588 participaram indiretamente dessas atividades. Os trabalhos entregues à Comissão Organizadora, frutos da realização de atividades de Pré-Jornadinha pelos alunos de diferentes escolas e séries, foram expostos no Circo da Cultura, no espaço da sessão de autógrafos, e no Shopping Bourbon, durante o período de realização das Jornadas Literárias.

Os professores e alunos contaram, para a realização da Pré-Jornadinha de 2003, com o *Caderno de Atividades*, subsídio elaborado pelos monitores e professores que integram a equipe de trabalho do Centro de Referência de Literatura e Multimeios – Mundo da Leitura, distribuído gratuitamente para as escolas. No *Caderno de Atividades* foram sugeridas práticas leitoras com as obras dos escritores presentes à 2<sup>a</sup> Jornadinha

Os inscritos na 2<sup>a</sup> Jornadinha, professores e alunos, totalizaram 11 000 pessoas, sendo 518 professores oriundos de 102 escolas. Já as atividades paralelas, oferecidas às escolas que não fizeram inscrição para participar da 2<sup>a</sup> Jornadinha, tiveram um público participante de 3 179 pessoas pertencentes a 23 escolas.

Os autores mais procurados pelo público da 2<sup>a</sup> Jornadinha, na sessão de autógrafos, foram: Eva Furnari, Gustavo Finkler, Márcia Kupstas, Marcelo Carneiro da Cunha, Paulo Becker, Ricardo Azevedo e Sérgio Capparelli. Já os livros infanto-juvenis mais vendidos foram: *As aventuras e desventuras de Gali-Leu*, o gato, de Paulo Becker; *O fazedor de balões*, de Mario Pirata; *Histórias em quadrões*, de Mauricio

de Sousa; *A família sujo*, de Gustavo Finkler; *Tô sem freio ou o sexo antes dos 15 e 111 poemas para crianças*, de Sérgio Capparelli.

## Escolas participantes

Município	Nome Da Escola
Barra Funda	E. E. Educação Básica Antonio João Zandoná E. M. de Ensino Fundamental Barra Funda
Carazinho	Colégio La Salle Colégio Notre Dame Aparecida Colégio Sinodal Rui Barbosa
Chapada	Instituto Estadual de Educação Júlia Billiard
Charrua	E. E. Indígena de Ensino Fundamental Fág Mág
Concórdia - SC	Colégio Cenecista Dr. Júlio Cesar Ribeiro Neves
Erechim	Instituto Anglicano Barão do Rio Branco E. M. de Ensino Fundamental Álvaro Rodrigues Leitão E. E. E. Fundamental José Clemente Pereira
Espumoso	E. M. de Ensino Fundamental Alexandre Tramontini E. M. de Ensino Fundamental Guerino Cavalli Instituto Estadual de Educação Dr. Ruy Piegas Silveira
Estação	E. E. de Ensino Fundamental Emílio Tagliari E. E. de Ensino Médio Francisco de Assis
Getúlio Vargas	Colégio Santa Clara
Guaporé	Colégio Scalabrini E. E. de Ensino Médio Bandeirante E. M. de Ensino Fundamental Imaculada Conceição
Lagoa dos Três Cantos	E. E. de Ensino Fundamental Joaquim José da Silva Xavier Colégio Rainha da Paz
Lagoa Vermelha	E. E. de Ensino Médio Dr. Araby Augusto Nácui E. E. de Ensino Médio Francisco Argenta
Marau	Colégio Gabriel Taborin Instituto Estadual Santo Tomas de Aquino - Iesta
Marcelino Ramos	E. E. de Ensino Fundamental e Médio Marcelino Ramos Colégio Notre Dame São José
Não-me-toque	Colégio Sinodal Sete De Setembro E. M. de Ensino Fundamental Santo Antonio
Nova Boa Vista	E. E. de Ensino Médio Mathias Anschau E. M. de Ensino Fundamental Santos Anjos
Novo Barreiro	E. M. de Ensino Fundamental Zeferino Brasil
Palmeira Das Missões	E. E. de Ensino Fundamental Vila Velha Instituto Estadual de Educação Borges do Canto

---

	Colégio Marista Nossa Senhora da Conceição
	Centro da Juventude Casa da Criança - Leão XIII
	Colégio Bom Conselho
	Colégio Estadual Joaquim Fagundes dos Reis
	Colégio Notre Dame
	E. E. Fundação Educacional do Menor
	E. E. de Ensino Fundamental Gomercindo Dos Reis
	E. E. de Ensino Fundamental Jerônimo Coelho
	E. E. de Ensino Fundamental Padre Paulo Jacques
	E. E. de Ensino Médio Protásio Alves
	E. E. Ensino Médio Maria Dolores Freitas Barros
	E. E. Ensino Fundamental Mauricio Sirotsky Sobrinho
	E. E. Educação Básica Nicolau de Araújo Vergueiro
	E. M. de Ensino Fundamental Eloy Pinheiro Machado
	E. M. de Ensino Fundamental Nossa Senhora Aparecida
	E. M. de Ensino Fundamental Antonino Xavier
	E. M. de Ensino Fundamental Georgina Rosado
	E. M. de Ensino Fundamental Frederico Ferri
	E. M. de Ensino Fundamental Professor Arno Otto Kiehl
	E. M. de Ensino Fundamental Professora Helena Salton
	E. M. de Ensino Fundamental Senador Pasqualini
	E. M. de Ensino Fundamental Santo Antonio
	E. M. de Ensino Fundamental Wolmar Salton
	E. de Ensino Fundamental Círculo Operário
	E. de Ensino Fundamental Menino Jesus
	E. de Ensino Fundamental St. Patrick
	E. M. de Ensino Fundamental Benoni Rosado
	Instituto Educacional de Passo Fundo - IE
	Instituto Menino Deus
	Programa Social Educativo se Profissionalização se
	Adolescentes - Prosepa/BM
	Centro de Educação Profissional Senai - "Jorge Barbieux"
	Sociedade Recreativa e Beneficente São João Bosco - Socrebe
	Secretaria Municipal da Criança e Ação Social - Semcas
Porto Alegre	Instituto Metodista de Educação E Cultura - Imec
Ronda Alta	E. E. Indígena de Ensino Fundamental Fág Kavá
	E. M. Ensino Fundamental Men de Sá
Salto Do Jacuí	Instituto Estadual Miguel Calmon

São Jorge	E. M. de Ensino Fundamental Daniel Faraco E. E. de Educação Básica Pedro Nunes Da Silva
Sarandi	E. E. Ensino Fundamental Dr. João Carlos Machado E. de Ensino Fundamental Criança Feliz E. de Ensino Médio Sarandi E. E. de Ensino Médio Dr. Aldo Conte
Serafina Correa	Colégio Estadual Carneiro De Campos E. M. Agrícola de Serafina Corrêa E. M. de Ensino Fundamental João Corso E. M. de Ensino Fundamental Nossa Senhora De Fátima E. E. de Ensino Fundamental Maria Costa Marocco E. E. de Ensino Fundamental Santa Ana E. E. de Ensino Fundamental 1º De Maio Escola De Ensino Fundamental Rainha Da Paz Pré-escolar Castelinho Do Saber
Sertão	E. E. de Ensino Fundamental Bandeirantes
Tapejara	Colégio Notre Dame Medianeira
Tapera	E. E. de Ensino Fundamental Dionísio Lothário Chassot E. M. Ensino Fundamental Gustavo Augusto Stärlick Instituto Estadual de Educação Nossa Senhora Imaculada Programa Integração Aabb - Tapera
Tio Hugo	E. E. de Ensino Fundamental Reinoldo Born E. M. de Ensino Fundundamental Laurentino Machado E. M. de Ensino Fundundamental Casemiro De Abreu E. M. de Ensino Fundamental Frei Clemente E. M. de Ensino Fundamental Antonio Parreiras
Tupanci Do Sul	E. E. de Ensino Médio Gustavo Biazus

IMPRESSÃO:

